



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Isabel Maria Sousa Almeida Malheiro

CONHECER DANTE NO SÉCULO XXI

TRADUÇÃO DA 1ª PARTE DO ROMANCE “COME DONNA
INNAMORATA” DE MARCO SANTAGATA



Trabalho de Projeto do Mestrado em Tradução – Português e uma Língua Estrangeira (Francês), orientado pela Professora Doutora Rita Marnoto, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

CONHECER DANTE NO SÉCULO XXI TRADUÇÃO DA 1ª PARTE DO ROMANCE “COME DONNA INNAMORATA” DE MARCO SANTAGATA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Projeto/Trabalho de Projeto
Título	Conhecer Dante no século XXI
Subtítulo	Tradução da 1ª parte do romance “Come donna innamorata” de Marco Santagata
Autora	Isabel Maria Sousa Almeida Malheiro
Orientadora	Rita Maria da Silva Marnoto
Júri	Presidente: Doutor Jorge Manuel Costa Almeida Vogais: 1. Doutor Manuel Simplício Geraldo Ferro 2. Doutora Rita Maria da Silva Marnoto
Identificação do Curso	2º Ciclo em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade	Italiano - Português
Data da defesa	26-10-2022
Classificação	18 valores

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Rita Marnoto, o apoio dado em todo o processo da realização do meu trabalho e a indicação do caminho para a descoberta e exploração do texto de Marco Santagata. Agradeço-lhe também toda a compreensão e paciência com que me ajudou a “recuperar o fôlego” durante o período cheio de dificuldades da execução deste projeto.

Os meus agradecimentos também se dirigem à Professora Doutora Cornelia Plag, sempre disponível e perseverante, assim como aos restantes professores do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que proporcionaram o meu enriquecimento pessoal e profissional.

Por fim, quero agradecer à minha sobrinha Maria Luísa Almeida por me ter traduzido para inglês o resumo necessário para a submissão deste Trabalho de Projeto no Inforestudante, assim como a ajuda que me prestou na pesquisa bibliográfica.

À memória de Marco Santagata

Índice

1. INTRODUÇÃO	4
2. APRESENTAÇÃO DE MARCO SANTAGATA.....	5
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA E <i>VITA NOVA</i> DE DANTE ALIGHIERI	7
4. ANÁLISE DO TEXTO ORIGINAL – 1ª PARTE DE <i>COME DONNA INNAMORATA</i> DE MARCO SANTAGATA	10
4.1. Considerações gerais	10
4.2. Espaço	11
4.3. Tempo	13
4.4. Personagens	14
4.5. Ação	16
4.6. Narrador.....	18
4.7. Símbolos.....	19
4.8. Linguagem e recursos expressivos	20
5. OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS NAS ESCOLHAS DE TRADUÇÃO	22
5.1. Considerações gerais	22
5.2. Análise dos fatores extratextuais do texto fonte	22
5.3. Análise dos fatores intratextuais do texto fonte.....	23
6. TRADUÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DO ROMANCE – <i>BICE</i>	25
7. OS PROBLEMAS RELATIVOS À TRADUÇÃO DA 1ª PARTE DE <i>COME DONNA INNAMORATA</i>	72
7.1. Os nomes próprios	72
7.2. As expressões idiomáticas	72
7.3. As formas verbais	73
7.4. O título do romance	75
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS	78

1. INTRODUÇÃO

Ao oferecer ao ser humano a possibilidade de contactar com universos plásticos multímodos, a literatura erige-se em forma de expressão artística que lhe concede a possibilidade de passar além de barreiras temporais, espaciais, culturais ou sociais, graças àquele processo de enriquecimento que brota do ‘ler’ e do ‘ver’ o que se lê. Assim, na Babel de uma literatura que espelha diferentes culturas, através das mais variadas línguas, torna-se fundamental uma partilha que torne acessível a um número crescente de leitores/as o processo criativo que plasma. Na verdade, a *acessibilidade literária* já existe há muitos séculos graças à coadjuvação do tradutor, que gradualmente se afirmou como o grande responsável pela divulgação de textos e respetivos autores.

É nesta dinâmica do papel do tradutor que este Trabalho de Projeto se insere, uma vez que tem como objetivo dar a conhecer um texto literário italiano através da língua portuguesa (tradução ainda inédita em Portugal), assim como apresentar uma reflexão sobre o percurso descrito até à obtenção do produto final, ou seja, até à concretização da tradução.

Quando se fala em literatura italiana, vários nomes surgem no imaginário do/a leitor/a, sendo um deles, de imediato, o de Dante Alighieri, ilustre poeta da Idade Média e autor da *Divina Comédia*, obra inspiradora das mais variadas manifestações artísticas (literatura, pintura, cinema, etc.). A grandiosidade da sua obra sempre despertou a curiosidade acerca do homem que estava por detrás do ato criativo, gerando diversos estudos à volta da sua vida e da sua obra, tornando o próprio Dante uma personagem assídua em textos de diferentes autorias.¹

Marco Santagata, escritor italiano, crítico literário, além de professor universitário de literatura italiana e estudioso da obra de Dante Alighieri, comemorou os setecentos e cinquenta anos do nascimento do poeta com a publicação do romance *Come donna innamorata*, cujo protagonista é Dante, revelando um homem inserido nas banalidades do quotidiano e proporcionando viagens até aos seus pensamentos mais íntimos e profundos. Este Dante de Santagata não é um distante poeta medieval, é também, ao mesmo tempo, o homem que vive, sente e pensa.

Dado que no ano de 2021 se lembraram os setecentos anos da morte de Alighieri, o primeiro poeta da língua italiana, *il sommo poeta*², o trabalho de tradução para língua portuguesa deste romance tornou-se aliciante, uma vez que é sentido como uma pequena homenagem ao grande escritor e à língua italiana. Deste modo, o objeto de trabalho deste projeto é o romance *Come donna innamorata* de Santagata, mais precisamente a primeira das duas partes que o constituem, intitulada *Bice*.

¹ Exemplo: “O Cavaleiro da Dinamarca” de Sophia de Mello Breyner Andresen

² Designação atualmente comum para referir Dante, o primeiro poeta da língua italiana. Tradução: *O sumo poeta* (<https://context.reverso.net/traducao/italiano-portugues/il+sommo+poeta>)

Será feita a apresentação e a contextualização do autor e do autor/personagem do romance, assim como a análise do texto em causa. Uma vez que não foram encontrados estudos sobre este romance, a análise realizada teve como suporte bibliográfico a *Vita Nova* de Dante Alighieri, obra que está na base da conceção da primeira parte do romance, e o ensaio crítico *Vita Nova de Dante Alighieri* de Rita Marnoto. Claro que a análise de um texto narrativo pressupõe determinados conceitos teóricos, pelo que o recurso ao *Dicionário de estudos narrativos* de Carlos Reis também foi muito importante.

Como este trabalho é, fundamentalmente, a tradução de um texto literário, foi importante escolher uma metodologia que permitisse o conhecimento do texto fonte em todas as suas vertentes (tanto quanto possível), para que o texto de chegada correspondesse ao desejado. Deste modo, a escolha recaiu sobre a metodologia de Christiane Nord, apresentada na sua obra *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*.

Claro que a tradução da primeira parte do romance pressupôs problemas para os quais foi necessário encontrar soluções. Surgiram, principalmente, as seguintes questões: Como traduzir os nomes próprios? As expressões idiomáticas italianas têm correspondentes na língua portuguesa? Caso não exista uma expressão idêntica, como traduzir? Que tradução deve ser feita de um tempo verbal italiano que não existe em português? Como traduzir o título do romance? Assim, será apresentada uma breve exposição do percurso realizado para resolver cada um dos problemas de tradução implícitos nas perguntas acima enumeradas, através dos seguintes tópicos: os nomes próprios; as expressões idiomáticas; os tempos verbais; o título do romance.

Por conseguinte, este trabalho é constituído por seis partes: apresentação de Marco Santagata, autor do romance; contextualização da obra e sua relação com *Vita Nova* de Dante Alighieri; análise da obra original (primeira parte); fundamentos teóricos das escolhas da tradução; tradução da primeira parte do romance *Come donna innamorata*, designada de *Bice*; os problemas relativos à tradução do referido texto.

2. APRESENTAÇÃO DE MARCO SANTAGATA

Marco Santagata nasceu a 28 de abril de 1947, em Zocca (Modena), e faleceu a 9 de novembro de 2020, em Pisa. Concluiu a sua formação académica em 1970, na *Scuola Normale Superiore* da cidade de Pisa, licenciando-se em Literatura Italiana. A partir dessa data dedicou-se à docência de Filologia e de Literatura Italiana em universidades italianas (*Facoltà di Lettere di Venezia*, *Facoltà di Magistero di Cagliari* e *Facoltà di Lettere di Pisa*) e estrangeiras (*Sorbonne Nouvelle – Paris III*, Universidade de Genebra, Universidade de Nancy e UMNA da Cidade do México). Terminou a sua carreira docente na

Facoltà di Lettere di Pisa, onde dirigiu o Instituto de Literatura Italiana e o Departamento de Estudos de Italiano.

Foi, da mesma feita, um estudioso da literatura italiana, tendo-se debruçado, em particular, sobre as obras de Dante Alighieri e de Francesco Petrarca. Na verdade, foi um crítico que rasgou novas e profícuas orientações da atual Italianística.

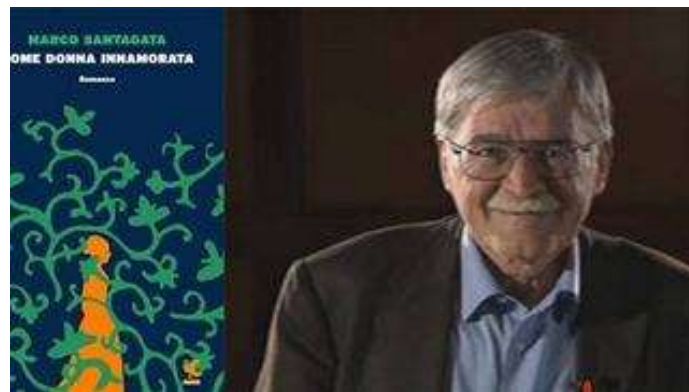
Membro de vários Comitês científicos de instituições ligadas ao estudo da literatura, tais como o *Istituto di Studi Rinascimentali* de Ferrara, o *Centro di Studi sul Classicismo* de San Gimignano, o Centre d'Études et de Recherches sur la Littérature italienne médiévale de Paris III e a Fundação Giovanni Pascoli, desempenhou muitas outras funções: fundou e codirigiu a *Rivista di Letteratura italiana*, codirigiu a *Rivista di Letteratura Nuova italiana*, fez parte do comité de direção da *Revue des Études Italiennes* e do *Romanistisches Jahrbuch*, assim como do comité científico de *Chronique italiennes* e do comité de redação de *Moderni e Antichi*, foi membro do *Advisory Board* da coletânea publicada na Grã-Bretanha - *Italian Perspectives* e foi responsável da coletânea do editor Laterza.

Além de se ter dedicado à docência, ao estudo da literatura e à crítica literária, Santagata também cultivou a escrita romanesca, podendo-se contar as seguintes publicações: *Papà non era comunista* (1996, 2003), *Il copista* (2000), *Il maestro dei santi pallidi* (2002), que em 2003 recebeu o prémio Campiello, *L'amore in sé* (2006), *Il salto degli Orlandi* (2007), *Voglio una vita come la mia* (2008), *Come donna innamorata* (2015), também premiado (*infra*), e *Il movente è sconosciuto* (2018).

Os seus romances apresentam, muitas vezes, como protagonistas, personagens históricas, através das quais são retratados ideários próprios de determinadas épocas e de determinados ambientes. Porém, estas personagens, figuras históricas ou não, além de deixarem conhecer o mundo exterior em que se inserem, revelam de forma intensa o seu mundo interior, uma vez que o/a leitor/a tem acesso aos seus dilemas íntimos e profundos, o que as converte em personagens bastante contemporâneas. Foi assim que, sendo Santagata um estudioso da obra dos poetas Francesco Petrarca e Dante Alighieri, não resistiu à tentação de os transformar em personagens dos seus romances. *Il copista* relata um dia em que Petrarca acorda com fortes dores de estômago, dia em que escreve uma canção para o seu livro de poesia e a mesma vai revelando um homem desencantado e marcado pelo sofrimento da vida. *L'amore in sé* dá a conhecer a história de amor de um professor que se revê nos versos de Petrarca, fazendo com que os mesmos se tornem mais presentes na atualidade. *Il salto degli Orlandi* revela o retrato de Petrarca através da forte ligação do poeta com o seu copista, tendo como principal temática o amor pela literatura. Por sua vez, *Come donna innamorata*, tem como protagonista Dante Alighieri, exposto em toda a sua humanidade, tanto no que diz respeito ao seu amor por Beatrice, como no que diz respeito à sua amizade por Guido Cavalcanti.

Esta última obra foi publicada no ano em que se comemoraram os setecentos e cinquenta anos do nascimento de Dante Alighieri, oferecendo ao/à leitor/a do século XXI um novo Dante, próximo das

vivências dos dias de hoje. O *sommo* poeta surge ao/à leitor/a humanizado, revelando as suas dores, frustrações, ambições, tristezas/alegrias, inseguranças e os seus fracassos/sucessos. Paralelamente, o ambiente que o rodeia transmite sensações quotidianas e insere-o num mundo real. Este romance tornou-o num dos cinco finalistas do prémio *Strega*³ no ano de 2015, prémio literário de grande prestígio em Itália.



Marco Santagata ⁴

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA E VITA NOVA DE DANTE ALIGHIERI

Tendo o romance *Come donna innamorata* como protagonista Dante Alighieri, torna-se oportuna uma breve digressão pela vida e obra do grande poeta italiano, uma vez que, tanto uma como outra, estão presentes na conceção da narrativa.

Dante nasceu em 1265, na cidade de Florença, numa família guelfa da pequena nobreza. Cedo ficou órfão de mãe, tendo sido criado pelo pai, homem que vivia de transações económicas, como compra e venda de propriedades. Este voltou a casar com *Lapa Cialuffi*, de quem teve um filho, *Franceschino Alighieri*.

O casamento do jovem Dante com *Gemma Donati*, descendente da família dos *Corso* e *Forese*, cedo foi combinado pelo pai ou por parentes próximos após a morte deste, porém a sua concretização só se deu em 1285. Deste matrimónio nasceram três filhos: *Pietro*, *Iacopo* e *Antonia*.

A partir de 1295, Dante participou ativamente na vida política da sua cidade. Da luta entre gibelinos e guelfos, os segundos saíram vencedores, no entanto estes dividiram-se em guelfos brancos e guelfos negros. Entretanto a vacatura do império levou o papa Bonifácio VIII, vigário imperial, a querer alargar

³ Prémio literário de grande prestígio em Itália, instituído desde o ano de 1947. Este prémio é concedido anualmente a um autor e respetiva publicação realizada em Itália, no período de tempo estipulado pelo regulamento. A sua designação deve-se ao criador do prémio, Guido Alberti, proprietário da casa produtora do Licor *Strega*.

⁴ https://www.raicultura.it/tags/marco_santagata

a sua autoridade até à Toscana, mas Dante opôs-se resolutamente aos intentos do papa. Essa oposição custou-lhe uma multa, a desapropriação dos seus bens, o desterro e a exclusão perpétua dos cargos públicos, pois os guelfos negros, fação contrária à de Dante, aliaram-se ao papa e ganharam o poder em Florença. Deste modo, exilado da sua cidade a partir de 1302, viveu o resto dos seus dias numa espécie de peregrinação por terras italianas.

A sua deambulação por Itália, apesar de lhe causar profunda mágoa, ofereceu-lhe condições de vida que propiciaram a sua dedicação à criação literária, tendo sido depois desta data que escreveu *A Divina Comédia*.

Relativamente à sua obra *Vita Nova* de carácter autobiográfico, composta *entre a penúltima e a última décadas do século XIII* (Marnoto, 2001, p. 13), esta é, simultaneamente, uma história de amor vivida pelo autor/protagonista na sua juventude e uma história de crescimento pessoal e renovação poética, permitindo *tratar matéria tão elevada como a do amor transfigurado e immortalizado na dimensão divina* (Ferreira, 2020, p. 14). No que diz respeito à forma, trata-se de um prosímetro, uma vez que a prosa e os versos se alternam sucessivamente. Identificam-se em *Vita Nova* três partes: a primeira (I-XVI) inclui o encontro do poeta com *Beatrice*, o seu enamoramento, nove anos depois, quando esta passa por ele e lhe concede a saudação que o transporta através da visão e da audição a um plano elevado do seu sentimento e a perturbação causada pela amada quando, mais tarde, lhe recusa a saudação⁵, levando-o a descobrir uma nova forma de amor⁶; a segunda (XVII-XXVII) revela um poeta que passa a louvar a sua amada, pois *ela é a própria beatitude* (Marnoto, 2001, p. 177), no entanto a morte desta mulher excepcional provoca no poeta a insatisfação relativamente à sua criação poética, sentindo que precisa renovar a sua arte para sublimar *Beatrice*; a terceira (XVII-XLIII) é marcada pela ausência física da amada e a espiritualidade do sentimento do poeta eleva a sua *poesia ao nível da palavra sagrada* (Ferreira, 2020, p. 16).

O destaque dado a *Vita Nova* deve-se ao facto de esta obra ser a fonte inspiradora do romance *Come donna innamorata*, como será explicitado mais à frente. Santagata também enriqueceu a narrativa com elementos resultantes da sua pesquisa sobre a vida de Dante, compilada na biografia *DANTE-II romanzo della sua vita*, explorando algumas das informações apresentadas como suposições: o casamento de Dante é combinado pelo seu avô *Durante* depois da morte do pai, pois este, homem usurário e prático, nunca pretenderia casar o seu filho com uma jovem proveniente de uma família com poucos recursos económicos, ainda que de ascendência nobre; *Giovanni* aparece como filho

⁵ O poeta olhou para uma outra dama para disfarçar o seu amor por *Beatrice*, suscitando rumores maledicentes e a indignação da própria amada, que lhe recusou a saudação.

⁶ “...essa terrível recusa fora necessária para que o eu progredisse na ascese amorosa – que é também a do progresso como ser humano –, aprendendo a renunciar ao sentimento ainda interessado na recompensa, para atingir a gratuidade que a tradição mística indicava como via da perfeição, tornando-se digno de ser verdadeiro escriba do Amor.” (Ferreira, 2020, p. 15)

primogénito de Dante, ainda que não se saiba se é realmente seu filho ou se de um homónimo que viveu na mesma época e na mesma cidade do poeta.

Na verdade, este romance além de proporcionar o contacto com o Dante homem, através das suas vivências quotidianas, plasma uma *Vita Nova* inserida nos nossos dias. Muito do que está envolto em mistério é desvendado, como por exemplo: o *estado de sbigottimento* (Marnoto, 2001, p. 164) do poeta perante as visões da sua amada é consequência da epilepsia de que sofria; a beatitude de *Beatrice* deve-se não só às suas qualidades morais, mas ao sofrimento que lhe fora imposto pelo marido, fazendo dela uma mártire; a sua morte tem uma explicação, é vítima de varíola, uma epidemia que, na época, foi avassaladora. Portanto, esta história de Dante faz com que o/a leitor/a atual veja este protagonista como um homem contemporâneo.

A contemporaneidade deste poeta é um facto, como o provam as diferentes comemorações dos 750 anos do seu nascimento (em 2015) ou dos 700 anos da sua morte (em 2021) que se espalharam por todos os continentes. Em Portugal, por exemplo, podem-se referir as seguintes: a Fundação Calouste Gulbenkian assinalou os 700 anos da morte de Dante com a exposição de dois desenhos de Sandro Botticelli alusivos a cantos d' *A Divina Comédia*, assim como de edições raras deste poema e obras de Auguste Rodin, René Lalique e Rui Chafes, representativas da mensagem do mesmo; a Imprensa Nacional – Casa da Moeda assinalou o sétimo centenário da sua morte com um plano de novas traduções ou de reedições de traduções já feitas de toda a obra de Dante Alighieri; trinta e quatro poetas portugueses dedicaram poemas originais ao grande poeta no aniversário da sua morte – “poemas originais de 34 poetas portugueses dialogam com os cantos do *Inferno*” (htt12) – publicados pela editora Tinta da China numa compilação intitulada *Poetas de Dante*.

*Sabemos quanta atrocidade já foi feita
em nome de umas palavras
arranjadas na página.
Deram-nos, afinal, pouco mais que isso
- umas poucas palavras -
e atiraram-nos num mundo
de vulcões, música, golfinhos.
Dos livros retiramos todo o nosso
vocabulário do amor e da guerra,
que é às vezes o mesmo. (Poetas de Dante, 2021, p. 66)*

“A leitura interrompida” de Ana Martins Marques (excerto)⁷

⁷ Em “diálogo” com o canto V do *Inferno* d' *A Divina Comédia* de Dante.

4. ANÁLISE DO TEXTO ORIGINAL – 1ª PARTE DE *COME DONNA INNAMORATA* DE MARCO SANTAGATA

4.1. Considerações gerais

O romance recorda Dante Alighieri e a sua relação com as duas figuras mais importantes da sua vida, o seu grande amor e musa inspiradora, *Beatrice Portinari*, e o seu grande amigo, também poeta, Guido Cavalcanti.

A primeira parte é dedicada à sua musa inspiradora, daí o seu título *Bice*, diminutivo de *Beatrice*. A ação oscila entre 8 de junho de 1290 (morte de *Bice Portinari*) e 8 de junho 1294 (aniversário da morte de *Bice*). Começa no dia do quarto aniversário da morte da sua amada, dia em que Dante se sente especialmente inspirado para escrever, porém é a memória do dia do falecimento de *Bice* que domina os capítulos da primeira parte, através da descrição do que se passou naquele dia e do recuo a momentos passados através de uma viagem interior do poeta, momentos que recordam: a infância/juventude, a primeira visão angélica de *Bice* na festa do *Calendimaggio* quando ambos tinham nove anos de idade, a sua doença e a reação da família à mesma, a nova visão de *Beatrice* nove anos depois da festa anteriormente referida e os encontros e as visões que se sucederam (no funeral do pai da jovem, numa festa da alta sociedade de Florença em que se distinguiu pela sua gentileza e pelo seu carisma, numa festa de *Calendimaggio* vestida de Cupido a dançar), destacando-se o momento em que esta saudou o poeta ao passar por ele na rua e lhe causou grande felicidade.

A segunda parte, intitulada *Guido*, é dedicada, especialmente, ao grande amigo do poeta, Guido Cavalcanti, e a tudo o que os separou, como se fosse uma procura interior para a recuperação da amizade perdida. É dado um salto temporal de vinte anos, portanto a ação passa-se em 1314, altura em que Dante se encontra exilado da sua cidade natal e dominado pela solidão, pelo desencanto, pelo sentimento de derrota, tendo apenas como incentivo a criação poética e a certeza de que irá escrever a sua grande obra-prima. Mais uma vez a memória leva-o ao passado, lembrando: a juventude e as deambulações⁸ pela cidade de Florença acompanhado pelos seus dois grandes amigos, Guido Cavalcanti e *Lapo Portinari*; a época em que fora eleito *priore*⁹ e se viu obrigado a mandar para o exílio o seu grande amigo poeta. Consumido pelo remorso sublima esse sentimento através da poesia.

Assim, conclui-se que a primeira parte narra a envolvimento da criação de *Vita Nova* e a segunda a da criação de *La Divina Comedia*.

Como este trabalho incide na tradução da primeira parte da obra, a análise que se segue centrar-se-á na abordagem dessa parte.

⁸ Momentos reveladores da maturação poética e das preferências políticas.

⁹ Fez parte do *Conselho dos Cem* de 1295 a 1300, sendo um dos seis priores – integrante do órgão de governo da cidade – que governavam Florença.

4.2. Espaço

Este romance tem como **espaço físico** a cidade de Florença (Itália), cidade natal do protagonista, nos finais do século XIII, cidade grandiosa, mas obviamente muito diferente da que hoje é. A sua descrição inclui casas-torre¹⁰, casas de pedra, igrejas, palácios, vielas, pontes, fluxos populacionais representativos dos diferentes grupos sociais, denunciando o momento de grande movimentação económica e de ascensão da cidade.

(...) Una folla di operai, garzoni, sensali si accalcava per i vicoli. Camminavano in tutte le direzioni, ma ogni poco erano costretti a fermarsi perche carri, muli e cavalli ostruivano il passaggio. Dal vociare confuso si levavano imprecazioni contro il conducenti e bestemie alla volta degli animali da tiro. Avevano tutti fretta. Davanti alla chies adi San Pier Scheraggio si era formato un ingorgo. Un ponteggio di legno, montato sulla facciata, occupava una buona metà del vicolo. (...) (Santagata, Donna, p. 36)

Dentro deste macro espaço são identificados vários micro espaços, como a casa de Dante, a casa de Guido Cavalcanti, a primeira escola de Dante, a casa da sua infância, as casas dos seus “professores” (*Bono Giamboni e Brunetto Latini*), a casa dos *Portinari*, o palácio dos *Bardi* e a igreja de *Santa Lucia*. Estes espaços são testemunhas das características das construções daquela época, tendo em conta o estrato social dos seus possuidores ou as funções das mesmas.

Destacando a casa de Dante, esta é reveladora da condição social da sua família, com poucos recursos económicos, pois o poeta não tem um espaço só seu para escrever, tem que escrever na cozinha, na mesa onde se fazem as refeições e as tarefas domésticas.

(...) Da una nicchia nel muro, a lato della porta, aveva tirato fuori un bauletto di legno e poi si era seduto a una estremità del tavolo, in cucina. Non aveva uno studio, lui. In casa c’era solo una tavola, quella. (...) All’altra estremità della tavola era seduta Lapa, la seconda moglie di suo padre. Sfolava un grosso cavolo. (...) (Santagata, Donna, pp. 16,17)

O facto de o poeta não ter um espaço próprio para refletir e criar, contrasta com a informação do seu livro autobiográfico *Vita Nova*, onde refere diversas vezes um quarto onde se refugia para pensar, chorar, escrever, talvez pretendendo demonstrar uma condição social que não tinha. O Dante, escritor do século XIII, aproveita a liberdade da criação da ficção artística para construir uma ilusão em relação a um aspeto da sua vida. O Santagata, escritor do século XXI, utiliza a criação artística para apresentar o poeta na sua vertente mais humana, desviando-o daquela imagem de ser inalcançável que tendencialmente se erige dos grandes artistas, aproximando-o do/a leitor/a do século XXI.

¹⁰ As casas-torre são representativas das lutas entre as duas fações políticas de Florência, guelfos e gibelinos, pois as famílias envolvidas nas batalhas construía as suas casas pensando na melhor proteção/defesa.

O **espaço social** também é bastante significativo neste romance, uma vez que é através dele que se denuncia a antipatia do protagonista pela riqueza que começa a existir na sua cidade e, conseqüentemente, pelo florim, moeda daquela época.

A sua humildade contrasta com a elegância e com a riqueza de Guido Cavalcanti, porém Guido é um elemento da antiga nobreza e a sua fortuna provem dessa sua condição, portanto não pertence ao grupo emergente na cidade de Florença que Dante tanto despreza.

Casa de Guido:

(...) L'atrio era un salone di grandi dimensioni sul quale si aprivano numerose porte; di fronte a quella d'ingresso una scala in pietra saliva al piano superiore. Alle pareti erano collocate quattro cassapanche dipinte. Non aveva mai visto tanta opulenza. (...) Benché si fosse presentato a casa sua senza preavviso, Guido indossava abiti di tessuto finissimo e di grande eleganza. (...) (Santagata, Donna, 2015, p. 24)

Casa de Dante:

(...) La mattina, al risveglio, aveva trovato sul fuoco del camino la pentola grande piena d'acqua; nel centro della cucina la tinozza del bucato e dei bagni. Lo avevano immerso e sgurato ben bene. (...) (Santagata, Donna, 2015)

A fortuna dos novos-ricos de Florença, como é o caso dos *Bardi*, família do marido de *Bice*, constrange-o. O palácio com o grande portão de entrada, as senhoras e os senhores bem vestidos, as salas de grandes dimensões, os cristais e a prata dos objetos que servem a comida e as bebidas durante a cerimónia fúnebre da sua amada não passam despercebidos:

(...) Lo colpi vedere che davanti al portone spalancato dei Bardi stazionavano molte persone: dame velate, uomini agghindati. (...) (Santagata, Donna, 2015, p. 57)

(...) Nella sala, delle stesse dimensioni di quella dove giaceva il corpo di Bice, erano stati apparecchiati tre grandi tavoli a ferro di cavallo. I servi andavano e venivano portando vassoi carichi di vivande e caraffe di cristallo piene di vino. Le fantesche riempivano bicchieri d'argento che poi allungavano agli ospiti. (...) (Santagata, Donna, 2015, p. 70)

Também não passa despercebida a miséria retratada através dos mendigos que circundam o palácio dos *Bardi* com lamentações e esperam o funeral de *Bice* para, no final, receberem uma boa esmola:

(...) Erano mendicante: seminudi, sporchi, storpi; chi agitava un moncherino, chi si trascinava per terra; gli idioti ridevano spalancando la bocca sdentata. Un cordone di servi, bastoni in mano, impediva loro di avvicinarsi al portone dei Bardi, e così si accalcavano poco dopo la chiesa ostruendo la strada. (...) (Santagata, Come donna innamorata, 2015, p. 56)

Nesta narrativa o **espaço psicológico** ocupa um lugar de destaque, dado que muitos dos factos historiados resultam das incursões pela memória e pelos pensamentos do protagonista, porém este será explicitado quando se falar do narrador (*infra*).

4.3. Tempo

A primeira parte do romance apresenta quatro datas: 8 de junho de 1290, dia da morte de *Bice*; 9 de junho de 1290, dia em que Dante visita os *Portinari* para dar as condolências e toma conhecimento do sofrimento da sua amada depois de casada; 17 de junho de 1290, dia em que a sua irmã *Tana* lhe faz uma grande revelação; e 8 de junho de 1294, dia do quarto aniversário da morte da musa do poeta. No entanto, estas datas não se seguem linearmente, como se verifica pela correspondência dessa cronologia aos capítulos: 8 de junho de 1290 – capítulos 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8; 9 de junho de 1290 – capítulo 10; 17 de junho de 1290 – capítulo 12; 8 de junho de 1294 – capítulos 1, 9, 11 e 13.

A narrativa começa no dia em que faz quatro anos que *Bice* morreu, mais precisamente quando Dante chega à parte mais importante do livro autobiográfico que está a escrever, *Vita Nova*, e lhe falta a inspiração. Alguns sinais levam o protagonista até ao dia da morte da amada, no qual a sua escrita foi interrompida pela trágica notícia. Enquanto caminhava em direção à casa dos *Bardi* para homenagear a falecida, os seus pensamentos conturbados foram dominados pelas memórias do passado, percorrendo as mais diversas lembranças, desde a infância até à idade adulta, porém, como as lembranças se desencadeiam entre si em catadupa, assiste-se a recorrentes recuos e avanços no tempo ao longo de nove capítulos. O regresso ao 8 de junho de 1294 dá-se nos capítulos 9, 11 e 13, coincidindo com a retoma da escrita do prosímpro autobiográfico, porém as hesitações que impedem o deslizar da pena do poeta conduzem-no à recordação do desabafo de *Manetto*, irmão de *Bice* (capítulo 10), e da confiança da sua irmã *Tana* (capítulo 12), memórias que alimentam a sua faculdade criadora e que, por sua vez, permitem a continuação da escrita da obra que tem em mãos.

Esta sobreposição de planos temporais certamente foi inspirada em *Vita Nova* de Dante Alighieri, livro que se desenvolve ao ritmo das lembranças do poeta protagonista e no qual, por isso, o recurso aos tempos verbais do passado é recorrente. Porém as suas visões e os seus sonhos remetem para o porvir, logo assiste-se a uma oscilação entre passado, presente e futuro. Em *Come donna innamorata* esta alternância também existe, não através de um protagonista que conta a sua própria história, mas através de um narrador que se apodera dos pensamentos do protagonista, revelando os episódios mais marcantes do seu passado e os medos, ou os anseios, do mesmo relativamente à receção da sua obra e à opinião sobre si por parte da sociedade em que se encontra inserido. Estes receios/anseios são apresentados através de conjeturas sobre o que poderia acontecer se adotasse determinados

comportamentos ou fizesse determinadas escolhas, pois *L'opinione che di lui si erano fatti e banchieri, i cavalieri, i possidenti di Firenze gli dava pensiero*. (Santagata, Donna, 2015, p. 15)

4.4. Personagens

As primeiras páginas do romance elencam as personagens que vão surgir na trama através dos seus nomes e sobrenomes e de uma breve apresentação de cada uma delas, tendo como designação “*Dramatis Personae*”. Esta expressão latina é usada para identificar a lista das personagens de um texto para teatro, sendo igualmente referidas, além dos nomes das mesmas e dos nomes dos respetivos atores, as suas funções. Este conceito foi introduzido na narratologia (Greimas, 1966) e a sua reinterpretação remete para a ação das personagens e para a acronia que muitas vezes surge na relação entre as mesmas.

Neste caso, dado que se trata de um romance biográfico, o elenco das várias figuras históricas é importante para atribuir verosimilhança ao que é narrado. No entanto a grande maioria vai surgindo de forma acrónica na narrativa, uma vez que a biografia vai sendo construída através dos pensamentos do protagonista.

De facto, muitas das personagens surgem apenas em pequenos episódios recordados. Outras, porém, acompanham o protagonista ao longo da ação/dos pensamentos: a esposa, *Gemma*; o filho, *Giovanni*; a madrasta, *Lapa*; a irmã, *Tana*; o meio-irmão, *Franceschino*; os amigos *Lapo Gianni*, Guido Cavalcanti e *Manetto Portinari*; e, claro, *Bice Portinare*.

Lapo Gianni é o amigo, quase sempre silencioso, que o acompanha no percurso até casa dos *Bardi* para o velório de *Bice*; Guido Cavalcanti, “o primeiro dos seus amigos”, é referido diversas vezes a propósito da sua criação poética; *Manetto Portinari*, “o segundo dos seus amigos”, é o companheiro de brincadeiras na infância e a ponte de ligação entre ele e *Bice* na fase adulta; *Franceschino* e *Giovanni* são elementos do seu agregado familiar e estão presentes em alguns momentos de convívio quotidiano.

Quanto às figuras femininas, verifica-se que estas têm um maior destaque na ação e a sua caracterização também é mais rica. Começando por *Bice Portinari*, a musa do poeta e a geradora de todo o enredo: ainda criança, é apresentada apenas como a irmã choramingtona do amigo *Manetto* que queria participar nas brincadeiras – *A volta capitava che una mocciosa sbucasse di corsa da una porta e pretendesse di giocare com loro. E la mocciosa frignava pure e batteva i piedi se dicevano di no*. (Santagata, Donna, 2015, p. 40) – por quem o protagonista não tem qualquer interesse; mais tarde, nove anos depois, numa festa de *Calendimaggio*, *Bice* é a jovem de vestido vermelho cuja aparição desencadeia em Dante um quase ataque epilético, “o seu mal”, e revela-se a força magnetizante e misteriosa que passa a dominá-lo, pois, na verdade, nada na sua descrição explica aquela perturbação

– *Com'era? Bella, aggraziata, flessuosa?* (Santagata, Donna, 2015, p. 42); a partir desse encontro, *Bice* vai sendo descrita, tanto física como psicologicamente, no sentido de revelar a sua beatitude. Assim sendo, a sua descrição exterior destaca uma beleza associada à espiritualidade, que por sua vez denota características semelhantes à de uma santa, como se verifica na passagem que se segue:

(...) Bice non era quel che si dice una bellezza. Molte giovani di Firenze la superavano in avvenenza. La fonte del suo fascino erano gli occhi: verdi, scintillanti, conferivano all'incarnato madreperlaceo una straordinaria luminosità. E il sorriso: fresco, spontaneo, appena velato di tristezza. Non era neppure una dama brillante. Nelle feste e nei conviti, dove compariva quasi sempre senza marito, per la maggior parte del tempo restava in silenzio ma, interrogata, rispondeva con una voce sottile straordinariamente armoniosa. Sulle labbra le fioriva un dolcissimo sorriso e gli occhi posavano sull'interlocutore uno sguardo di una serenità che ammaliava. (...) (Santagata, Donna, 2015, pp. 39,40)

Gemma Donati, a mulher de ascendência nobre com quem casou Dante, é apresentada fisicamente sem o requinte que a sua ascendência familiar pressupunha – *(...) bassota, paffuta, i capelli scarmigliati e una pelle scura da contadina (...)* (Santagata, Donna, 2015, p. 18) e como uma mãe que pensa no sustento da família, longe de compreender os devaneios artísticos do marido – *Gemma fu ancora più tagliante: «Per poco, cara Lapa, ancora per poco. Presto il mio famoso marito ci nutrirà tutti quanti a fagiano e pernici».* (Santagata, Donna, 2015, p. 84)

Tana Alighieri, a irmã de Dante, é carinhosa, compreensiva e desempenha o papel da mãe que ele perdera muito novo – *Tana era la sua mamma. (...) Si sedeva accanto a lui, gli accarezzava i capelli (...)* (Santagata, Donna, 2015, p. 44) –, além disso é a sua grande amiga e confidente – *(...) terminata la riunione di famiglia, loro due si ritirassero in disparte. Era il momento delle confidenze (...)*. (Santagata, Donna, 2015, p. 98)

Lapa Cialuffi, a madrasta de Dante, faz parte do seu agregado familiar e está sempre presente nos momentos de convívio da família, ajudando nas tarefas domésticas.

Estabelecendo a comparação com *Vita Nova* de Dante Alighieri, verifica-se que em ambas as obras *Bice/Beatrice* é a personagem de grande destaque geradora de todo o enredo, Guido Cavalcanti e *Manetto Portinari* são os grandes amigos do poeta e *Tana* é a irmã amorosa que o auxilia nos momentos difíceis. Em *Come donna innamorata* de Marco Santagata surgem personagens, como é o caso de *Gemma Donati*, que fazem parte da biografia de Dante, a quem são atribuídos determinados comportamentos denunciadores das suas maneiras de ser, porém tudo isso pertence à esfera ficcional deste romance histórico. *Gemma*, por exemplo, é a esposa e a mãe dos filhos do poeta a quem não foram dedicadas quaisquer linhas em *Vita Nova*. Mas num romance sobre Dante dirigido ao/à leitor/a do século XXI esta mulher não poderia ficar esquecida, pois, certamente, iriam surgir questões, tais como: *Gemma* tinha ciúmes de *Beatrice*? Como é que vivia o casal? Como é que era esta mulher? Entre outras. Então surge uma mulher prática, cuidadora da sua família e preocupada com o seu sustento,

pouco sensível à criação artística do seu marido e, por conseguinte, talvez não muito incomodada com a presença de uma musa inspiradora na sua poesia – *Gemma non sapeva leggere, e lui non glieli recitava, ma indovinava di chi stesse scrivendo* (Santagata, Donna, 2015, p. 55)– , embora o poeta adivinhasse em *Gemma* alguma satisfação quando este recebeu a notícia de que *Bice* estava mal – *Immobile, sentiva su di sé lo sguardo di Gemma. (...) Non sollevò gli occhi: non voleva vedere il sorrisetto che di sicuro le increpava le labbra.* (Santagata, Donna, 2015, p. 20).

4.5. Ação

Para falar da ação da primeira parte deste romance de Santagata não se pode deixar de falar da história narrada em *Vita Nova* de Dante. Este livro escrito ao compasso da memória do autor, começa com o primeiro encontro do poeta com *Beatrice* e os efeitos do Amor daí decorrentes, sentimento que passa a dominar a sua mente, ainda que sempre assistido pelos conselhos da razão. Nove anos depois reencontra a sua amada e esta cumprimenta-o, saudação que causa nele uma sensação redentora e faz com que descubra a beatitude da sua musa. Inebriado pelo cumprimento de *Beatrice*, refugia-se no seu quarto, onde sonha com o Amor (personificado) com a sua amada nos braços a comer um coração ardente que desaparece banhado em lágrimas, decidindo contar tal visão através de um soneto. Envia esta composição poética a outros rimadores do seu tempo, entre os quais Guido Cavalcanti, que se torna o “primeiro dos seus amigos” e que não compreende que aquele sonho não é mais do que a premonição da morte de *Beatrice*. Não querendo revelar o nome da amada, finge nutrir sentimentos por outra mulher, a quem dedica os seus versos. Entretanto escreve uma canção para as sessenta mulheres mais belas de Florença, onde a sua verdadeira amada se encontra em nono lugar. A mulher que usa como distração deixa Florença e Amor aparece ao poeta durante uma viagem para o aconselhar a fingir estar enamorado por outra, conselho que o poeta seguiu. Contudo é vítima de críticas maledicentes por parte da sociedade florentina. Tal maledicência faz com que *Beatrice* recuse a saudação a Dante, o que lhe provoca grande dor. Novamente se retira para o seu quarto onde, mais uma vez, lhe aparece Amor em lágrimas, o qual quando questionado pelo motivo do choro dá uma resposta que o poeta não compreende. O estado de angústia em que se encontra é transposto para um soneto que escreve. Mais tarde um amigo leva-o a uma festa de noivado e quando vê *Beatrice* é atacado “pelo seu mal”, precisando apoiar-se para não cair, pelo que, quando na solidão do seu quarto, compõe um soneto a explicar a sua condição sempre que vê a sua musa. Compõe outras composições subordinadas ao mesmo tema. Sentindo que esgotara todas as suas capacidades expressivas para falar do assunto, remete-se ao silêncio, que só é interrompido quando toma consciência de que precisa de uma outra forma de poesia digna da beatitude da sua amada. É quando caminha sozinho à beira de um rio que lhe surgem em mente os primeiros versos da nova matéria

poética. Entretanto morre o pai de *Beatrice* e assiste ao seu grande sofrimento, ele próprio fica doente e no delírio da febre é-lhe anunciada a morte da jovem através da visão da subida de uma nuvem branquíssima ao céu – continua a usar a poesia para falar de todos estes acontecimentos. Regressando ao desejo de louvar *Beatrice*, escreve sobre a sua beatitude e os efeitos beatíficos da mesma sobre os outros. Uma citação das *Lamentações de Jeremias* anuncia a morte da beata senhora e esse facto auxilia o poeta a alcançar a espiritualidade de que necessita para a louvar. No primeiro aniversário da sua morte, Dante escreve um soneto para lembrar esse dia. Atraído por uma nova mulher, vive entre o desejo de ceder à tentação e a fidelidade ao amor por *Beatrice* que a razão insiste em manter, conflito resolvido com a aparição imaginária da amada, que o leva à vergonha pelo “malvado desejo”, deixando vencer a razão. A presença de peregrinos em Florença que se dirigem a Roma para visitarem o véu de Verónica, faz com que escreva um soneto sobre o luto em que se encontra a cidade. O pedido de “duas damas gentis” para que lhes escreva alguns versos faz com que componha um soneto onde descreve a contemplação da alma de *Beatrice* que resplandece no Céu. Por fim, uma nova visão convence-o a não dizer mais nada sobre tal “bendita” e Dante anuncia querer dedicar-se a uma obra que fale dela como jamais alguém o fez a outras mulheres.

O romance *Come donna Innamorata* começa com o dilema do poeta, no dia do quarto aniversário da morte de *Bice*, relativamente à escrita de *Vita Nova*, pois chegou ao “coração” da obra, onde terá de referir a visão que lhe anunciou a morte da sua amada e receia o que venham a pensar dele, que o considerem um louco. Tal hesitação leva os seus pensamentos até às críticas de Guido Cavalcanti, até ao dia da morte de *Bice* – lembra quando o seu amigo *Lapo* foi a sua casa anunciar o prestes desfecho trágico e o acompanha no percurso a pé até casa dos *Bardi* para se despedir da moribunda. Todo esse percurso é dominado pelo silêncio dos dois amigos e pelos pensamentos do poeta, atormentado pelo problema que a morte da sua musa lhe ia causar: como escrever para uma mulher morta? São os seus pensamentos que o levam a recordar toda a sua vida, desde a infância até à idade adulta, lembrando especialmente os seus encontros com a musa dos seus versos. É nesse percurso, perto do rio, que a solução começa a surgir no seu espírito, à semelhança do que acontece em *Vita Nova* quando procura uma nova poesia para louvar a sua amada. O regresso ao dia em que começa a ação faz-se sempre que Dante retoma a escrita do seu livro, mas novas hesitações levam-no até ao passado através dos pensamentos. Essa viagem no tempo dá a conhecer a sua família, os seus amigos, os acontecimentos que marcaram a sua vida ou que ajudaram a sua escrita a desenrolar-se, como o desabafo de *Manetto* sobre o sofrimento de *Bice* ou a grande revelação da sua irmã relativamente ao nascimento de *Bice*. No final o dilema desaparece, o poeta decide contar a verdade, falar da nuvem branca e do seu significado, independentemente do que os outros possam pensar.

A história narrada em *Vita Nova* está aqui presente através da coincidência dos encontros com *Bice*, da presença e importância dos dois grandes amigos, assim como da sua irmã, do tremor sempre que

vê *Bice*, da nuvem branca que sobe ao céu (agora não como anúncio da morte da amada, mas como sinal da sua ascensão ao Céu), dos peregrinos presentes no dia do funeral da musa e das senhoras “gentis” que vão contribuindo para as descobertas do poeta.

O desenlace da ação vai sendo retardado pelas várias sequências constituídas pelos pensamentos do protagonista que se vão encaixando umas nas outras, ou seja, um pensamento recorda o dia da morte de *Bice* e durante o caminho que faz a pé em direção à casa dos *Bardi* para a despedida, vai-se lembrando da sua vida. Por exemplo: no capítulo cinco, o amigo informa-o que *Bice* está desfigurada pela doença, logo o poeta recorda a sua beleza física e espiritual, de seguida lembra quando a conheceu ainda criança, como na festa do *Calendimaggio*, nove anos depois, a sua visão o perturbou e quase lhe provocou um ataque “do seu mal”, interrompe esse pensamento para recordar o modo como a família lidava com os seus ataques epiléticos, regressa novamente às lembranças de *Bice* na referida festa do *Calendimaggio*, no dia em que ela se muda para casa do seu marido e *quegli occhi verdi apparsigli per un istante grazie a una folata di vento che aveva sollevato il lembo di un velo bianchissimo* (Santagata, Donna, 2015, p. 45), terminando a pensar em como detestava *Simone dei Bardi*, o marido da sua musa. Estas sequências encaixadas umas nas outras dominam a maior parte dos capítulos desta primeira parte, ainda que alternadas esporadicamente pelo regresso do poeta ao presente (8 de junho de 1294) para continuar a escrita de *Vita Nova*, sendo dessa forma que termina o romance.

4.6. Narrador

O discurso do romance é apresentado na terceira pessoa, portanto o narrador é heterodiegético, ao contrário do que acontece em *Vita Nova* cujo discurso é na primeira pessoa, pois é o próprio poeta que conta a sua história. Apesar de se tratar de um narrador que não integra o universo diegético como personagem, este adota a focalização interna e a representação narrativa depende do que o protagonista vê, pensa e sente. Esta estratégia remete para o espaço psicológico, que permite tomar conhecimento do mundo interior do protagonista/poeta, ficando-se a conhecer: os sentimentos que nutre pelos seus familiares e amigos e o que pensa sobre todos; os seus ideais e a sua opinião em relação às mudanças sociais e económicas na sua cidade; o que pensa e sente por *Gemma*, a esposa que lhe arranjam e passou a fazer parte da sua vida sem quase se aperceber; a importância dos seus filhos; os seus medos relativamente ao que a sociedade de Florença pode pensar sobre ele ou o que outros poetas podem dizer dele, especialmente Guido Cavalcanti; os seus dilemas durante a escrita de *Vita Nova*; além, claro, das várias etapas do seu amor por *Bice*.

Este procedimento de escolher um narrador heterodiegético, que adota a focalização interna da personagem principal, pode ser usado para dar mais credibilidade ao que é narrado, visto que se trata

de um discurso biográfico/histórico. Um narrador autodiegético poderia ser uma estratégia demasiado artificial, uma vez que se trata da biografia de uma personalidade de séculos passados. Além disso, esta forma de contar a história parece estar mais próxima do/a leitor/a do século XXI, permitindo-lhe olhar o grande poeta como uma pessoa real, de carne e osso.

4.7. Símbolos

Tanto em *Vita Nova* como em *Come donna innamorata*, *Beatrice/Bice* é comparada a uma santa (embora em *Vita Nova* se aproxime mais de um ser sobrenatural) e está envolta em mistério, pelo que determinados símbolos, presentes nas duas obras, remetem para essa sua caracterização. Deste modo, e dando especial atenção à obra que está em causa, a beatitude está presente nas cores das suas vestes, vermelho e branco, cores representativas da Virgem Maria. O próprio nome, *Beatrice*, deriva do verbo *beare*, que tanto pode significar “fazer alguém feliz”, como “gozar de grande felicidade”, assim como deriva do adjetivo *beato*, ou seja, “aquele que goza da visão beatificante de Deus” (Marnoto, 2001, p. 144), portanto o nome ideal para o “anjo” dos poemas de Dante:

Chi sarebbe stato l'angelo da celebrare in versi, lui l'aveva già deciso. Non aveva esitato neppure per un momento. Non poteva essere che Bice Portinare, la dama dagli occhi di smeraldo, la signora triste che calamitava l'attenzione dei presenti e li rendeva più gentili, più rispettosi, più affabili.

Folco Portinari era stato profetico quando al fonte le aveva imposto il nome Bice. Quel brav'uomo forse neppure sapeva che Bice era la forma abbreviata di Beatrice. (Santagata, Donna, 2015, pp. 27,28)

Além do mais, a auréola que envolve *Bice* está intimamente ligada ao número nove, número perfeito para Dante já que equivale ao número da Santíssima Trindade multiplicado por si mesmo, ou seja, por três. De facto Dante conhece *Bice* quando ambos têm nove anos, passados nove anos reencontram-se numa festa de *Calendimaggio* e fica dominado pelo amor, passam mais nove anos e o amante é agraciado com a saudação da sua amada. Ele sabe que este número pode ser um sinal, mas não compreende o seu significado, percebe-o quando a irmã lhe revela que a primeira manifestação “do seu mal” se deu quando tinha nove meses, precisamente no dia em que *Bice* nasceu. A partir daí fica com a certeza de que a predestinação o ligava à sua amada e tudo fica claro para ele:

Avrebbe riparato scrivendo un libro.

Già lo vedeva completo in ogni sua parte. Avrebbe raccontato la storia di Beatrice e la storia delle poesie che aveva scritto per lei. Sarebbe stato il racconto dell'immenso privilegio che Dio gli aveva concesso. Lo avrebbe intitolato “Vita Nova”, vita rinnovata dal vero amore. (Santagata, Donna, 2015, p. 106)

4.8. Linguagem e recursos expressivos

Esta narrativa de Marco Santagata deixa transparecer a preocupação do autor em escrever um livro para o/a leitor/a contemporâneo/a, de modo a aproximá-lo/a do grande poeta da Idade Média. Para isso usa uma linguagem atual, simples, clara, sem, no entanto, descurar a sua expressividade.

O protagonista surge, algumas vezes, inserido no seu ambiente familiar, mais precisamente na cozinha, única divisão da casa destinada a realizar todas as tarefas, até escrever. Assim, a sua descrição refere uma mesa, uma lareira e pouco mais, portanto visa recriar a realidade das casas daquela época de uma família com poucos recursos económicos. Da mesma forma são descritas as casas das pessoas abastadas, como a de Guido Cavalcanti, de acordo com a riqueza existente naquela época em Florença.

Dado que o discurso é o resultado de uma incursão pelos pensamentos da personagem principal, o vocabulário usado remete para as vivências diárias, sem formalidades, como por exemplo: *Sfogliava un grosso cavolo...* (p. 17) e *...brontolava tra sé...rimtrombi...* (p.18). Exemplo dessa informalidade são também as recorrentes expressões populares: *...cascasse il cielo...* (p.15), *...i mangiapane a ufo...* (p.33), *...doveva stare sulle spine...* (p.63), entre outras. Essa incursão faz com que as frases sejam curtas, compassadas, ao ritmo do assomar das ideias na mente agitada do poeta. Os verbos que traduzem esses pensamentos estão essencialmente no passado, dado que se trata de memórias, no entanto também ocorrem reflexões em circunstâncias que poderiam acontecer num futuro, sendo usado o “condizionale passato” (*infra*). Frases exclamativas e interrogativas também estão muito presentes, como é próprio de um discurso que reflete a grande carga emocional do mundo interior de uma personagem.

Os recursos expressivos mais usados são: o anacoluto, para pôr em destaque determinada palavra-chave da ideia a transmitir – *I sarcasmi di Guido li aveva messi nel conto* (p.15) – ou para mostrar a indignação relativamente a determinada situação – *Non aveva uno studio, lui. In casa c’era solo una tavola, quella.* (p.17); a ironia, presente nas falas recordadas de outras personagens, como é o caso de Lapo – *«Venga Nasone, stupisca di sì mirabile metamorfose! Dio Fiorino trasforma i villani in conti.»* (p.21) – ou de Gemma – *«Per poco, cara Lapa, ancora per poco. Presto il mio famoso marito ci nutrirà tutti quanti a fagiani e pernici.»* (p.84) –, mas também nos pensamentos do protagonista – *E voleva un figlio, quella brava persona!* (p.80), *Mancava solo la musica, e si sarebbe detto che i Bardi stavano dando una festa.* (p.71), sempre para denunciar aspetos negativos; a adjetivação expressiva em todas as descrições de Bice para destacar a sua beleza e beatitude – *Non poteva essere che Bice Portinari, la dama dagli occhi di smeraldo, la signora triste che calamitava l’attenzione dei presenti e li rendeva più gentili, più rispettosi, più affabili.* (p.27) – ou nas descrições dos ambientes filtrados pelo olhar crítico do poeta – *Dovettero attraversare quella folla cenciosa, scansando decine di mani protese, in mezzo a una litania di richieste piagnucolate, di benedizioni untuose pronunciate con lampi di odio negli.* (p.56); a enumeração, para conduzir o/a leitor/a pelas multidões e pelo movimento dos ambientes descritos

– *Una folla di operai, garzoni, sensali si accalcava per i vicoli. Camminavano in tutte le direzioni, ma ogni poco erano costretti a fermarsi perché carri, muli e cavalli ostruivano il passaggio. (...) (p.36);* a escolha criteriosa de substantivos – *Era un accavallarsi confuso di impulsi: compassione per Bice, senso di impotenza, collera, umiliazione, voglia di vendetta. (p.81)* – e de verbos – *Si rotolava per terra maledicendo la morte assassina, si strappava i capelli, si graffiava le guance. (p.66)* – para conferir expressividade ao que é descrito ou narrado, por exemplo a sucessão dos substantivos *compassione, impotenza, collera, umiliazione, vendetta* revelam de forma extraordinária os sentimentos que invadem o protagonista quando toma conhecimento do sofrimento da sua amada enquanto casada, os verbos *Si rotolava (per terra), si strappava (i capelli), si graffiava (le guance)* mostram claramente o sofrimento e o desespero de *Bice* durante o funeral do seu pai.

O conjunto de todas estas características proporcionam uma leitura fluida, agradável, feita quase sempre com um sorriso nos lábios.

5. OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS NAS ESCOLHAS DE TRADUÇÃO

5.1. Considerações gerais

A tradução realizada teve como principal orientação os fundamentos apresentados na obra *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática* de Christiane Nord.

Quando surge uma tradução, diversos são os elementos implicados no processo da mesma, seguidamente enumerados pela ordem cronológica: produtor do texto fonte/emissor do texto fonte, iniciador (aquele que solicita a tradução), tradutor, texto alvo e recetor do texto alvo. Se se trata da tradução de um texto escrito, é importante referir que existe um distanciamento temporal e espacial entre o emissor do texto fonte, o texto fonte e o recetor do texto alvo, pelo que é necessário distinguir a situação da produção do texto e a da receção do texto. Assim, o iniciador terá de ter em conta o propósito da tradução e os requisitos que esta deverá satisfazer, antevendo a situação alvo, a que a *Skopostheorie*, fundada por Hans J. Vermeer nos anos 70, designa de *skopos*, palavra grega que significa “objetivo” ou “finalidade”. A finalidade da tradução determinará a escolha dos métodos e das estratégias para que, de facto, seja funcional. Uma vez que o iniciador nem sempre é especialista em tradução, limita-se a dar simples orientações, cabe ao tradutor as decisões finais relativas à mesma. O conhecimento do público-alvo também é muito importante e vai influenciar as escolhas do tradutor, daí serem imprescindíveis as informações (fornecidas pelo iniciador) que permitam esse conhecimento.

Deste modo, a tradução tem que partir da análise do texto fonte, a qual permitirá ao tradutor examinar os “fatores extratextuais” (Nord, 2016, p. 77) e os “intratextuais” (Nord, 2016, p. 143). Os primeiros fatores referidos estão associados ao autor do texto, à sua intenção comunicativa, ao público alvo, ao espaço, ao tempo e ao motivo da comunicação. Já os segundos relacionam-se com o tema, o assunto, a estrutura, os elementos não verbais, as características lexicais e as estruturas sintáticas do texto.

Assim, tendo em consideração os pressupostos teóricos sinteticamente apresentados, seguir-se-á a explicitação da análise do texto traduzido neste trabalho.

5.2. Análise dos fatores extratextuais do texto fonte

Seguindo o modelo de Christiane Nord, foram tidos em conta os seguintes fatores extratextuais: emissor, intenção do emissor, público, meio, lugar, tempo, motivo e função textual.

O emissor é o escritor Marco Santagata, também professor universitário da disciplina de literatura italiana e estudioso das obras dos grandes poetas Dante Alighieri e Francesco Petrarca. A história do romance é inspirada na vida e no tempo de Dante.

Quanto à intenção do emissor, infere-se pelas características do romance, linguagem atual, discurso fluido, aproximação da realidade dos dias de hoje, que o autor pretenda aproximar do/a leitor/a contemporâneo/a uma obra da Idade Média, *Vita Nova*, assim como o seu autor. Talvez o seu trabalho como pedagogo de literatura italiana lhe tenha despertado a necessidade de contribuir para a releitura ou leitura de uma obra com características muito específicas do seu tempo por parte do público comum do século XXI.

O público recetor é principalmente o de Itália, uma vez que se trata da biografia de uma grande personalidade da literatura italiana e da revisitação de uma das suas obras, cuja leitura, pelo menos parcelar, faz parte dos programas das escolas. Este público, aliás, o público em geral, está inserido num mundo dominado pela tecnologia, cuja interação comunicativa é feita de forma rápida e simplificada, logo as características da narrativa acima referidas parecem ir ao encontro deste destinatário.

A publicação do romance, através da editora Guanda de Milão, deu-se em Itália no ano de 2015, conforme já referi, quando se comemoraram os 750 anos do nascimento do *sommo poeta*. Santagata, como estudioso e escritor, não podia deixar passar a data sem prestigiar o grande autor, fazendo-o através de um romance apelativo e rememorativo.

Por tudo o que já foi referido, infere-se que a função deste texto é essencialmente a de trazer Dante Alighieri, com uma nova roupagem, até ao/à leitor/a “esquivo/a” do século atual.

5.3. Análise dos fatores intratextuais do texto fonte

A análise dos fatores intratextuais pressupõe que a atenção esteja virada para os seguintes aspetos do texto fonte: assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características suprasegmentais. Estes aspetos estão intimamente relacionados com a explanação feita nos pontos 4.1., 4.2., 4.3., 4.4., 4.5., 4.6., 4.7. e 4.8. (*supra*).

Este romance tem como assunto a vida de Dante Alighieri, mais especificamente a sua vida durante a escrita de *Vita Nova*. Através dos seus pensamentos, assiste-se a um recuo no tempo e à sucessão de momentos da sua infância, juventude e idade adulta, sem esquecer os encontros com a sua musa inspiradora, *Bice Portinare*. Estas recordações são despoletadas quando o escritor hesita relativamente ao caminho a seguir na sua obra, mostrando angústias, medos e anseios.

Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que há fatores extratextuais que contribuem para a produção do texto, pois o autor é um estudioso de *Vita Nova*, obra autobiográfica que está na base da execução do romance. De facto, muitos são os elementos da mesma nesta narrativa, tais como determinados marcos temporais associados a acontecimentos e alguma simbologia, porém muita dessa informação veiculada foi “atualizada”. Muitos dos acontecimentos envoltos em mistério no pequeno livro de

Dante, agora desvendam-se e tornam-se acessíveis ao/à leitor/a, marca da distância temporal que separa as duas obras.

Trata-se de um romance biográfico/histórico, portanto parte-se do pressuposto que se pretende retratar uma vida e uma época a partir de elementos factuais, não esquecendo que se trata de uma obra ficcional e a criatividade faz parte dela. A impossibilidade de conhecer todos os factos permite ao criador do texto introduzir esses elementos que dão ao romance os atrativos elementos de revisitação pretendidos.

Ainda que tenha sido inspirado no prosím metro *Vita Nova*, trata-se somente de um texto narrativo, contudo a sua estruturação denota um aspeto comum, a história é contada ao ritmo da memória de quem a conta. O romance é constituído por duas partes, a primeira, *Bice*, tem treze capítulos e a segunda, *Guido*, tem sete.

A linguagem é clara e atual, como convém a um texto que procura abranger um público vasto. Muitos dos vocábulos são de uso corrente, assim como determinadas expressões idiomáticas.

Quanto à sintaxe, as frases simples e complexas vão-se alternando. As primeiras são representativas do pensamento conturbado do protagonista, embora algumas das segundas também, quando está presente a subordinação condicional ou concessiva. Muitas das frases complexas, com coordenação ou subordinação, são usadas nos relatos das recordações.

As características suprasegmentais prendem-se com o facto de o texto ser a recriação do mundo interior da personagem, logo está carregado de emotividade, daí o uso frequente do ponto de exclamação, do ponto de interrogação, das reticências e das aspas.

Falando especificamente da tradução do texto original presente neste trabalho, o efeito pretendido é o de que o recetor receba este texto de acordo com as suas expectativas, respeitando os fatores extratextuais e intratextuais do original, mas adaptando-os à nova realidade linguística.

6. TRADUÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DO ROMANCE – BICE

E quando me perguntavam «Porque é que este Amor te destruiu desta maneira?», eu olhava-os, sorrindo, e nada respondia.

Vita Nova 2,5

Como uma mulher apaixonada de Marco Santagata

Personagens (*Dramatis Personae*)

Alighiero: Pai de Dante, pequeno comerciante e cambista, nasceu por volta de 1220 e morreu, provavelmente, pouco depois de 1275.

Arrigo (Enrico) VII de Luxemburgo: Imperador, desceu a Itália em 1310 e morreu de forma repentina no mês de agosto do ano de 1313, quando estava prestes a vencer a guerra contra o rei de Nápoles e contra o papa.

Bice (Beatrice) Portinari: Filha de *Folco*, casada com *Simone dei Bardi*, nasceu em 1266 e morreu no dia 8 de junho de 1290. Dante conta a história do seu amor por *Beatrice* na obra *Vita Nova* e transformava-a numa das personagens principais da *Comédia*.

Brunetto Latini: Nasceu entre 1220 e 1230 e morreu em finais de 1293; tabelião e ponto de referência da vida política e administrativa de Florença, foi provavelmente o mestre do jovem Dante.

Cino da Pistoia: Poeta e jurista, partidário dos guelfos “negros” e, apesar disso, grande amigo de Dante; morreu em finais de 1336 ou em inícios do ano seguinte.

Corso Donati: Parente afastado de *Gemma*, chefe da facção guelfa, conhecida como a dos Negros, que em 1302 levou Dante ao exílio de Florença; morreu assassinado a 6 de outubro de 1308.

Dante Alighieri: Nasceu em 1265, filho de *Alighiero* e *Bella degli Abati*, foi exilado de Florença quando era partidário dos guelfos “brancos”; depois de ter andado em peregrinação por muitas cidades e muitos palácios da Toscana, da Romanha e do Veneto, morreu na cidade de Ravena em setembro de 1321.

Durante degli Abati: Juiz, provável avô materno de Dante.

Folco Portinari: Mercador e banqueiro, pai de *Bice* e *Manetto*, morreu no início de 1290.

Franceschino Alighieri: Irmão mais novo de Dante, do segundo casamento de *Alighiero* com *Lapa Cialuffi*, nasceu antes de 1279 e morreu nos anos quarenta do século XIV.

Franceschino Malaspina: Marquês e comandante, primo de *Moroello*.

Gemma Donati: Filha do cavaleiro *Manetto* e parente afastada de *Corso*; mulher de Dante; morreu em Florença em 1341.

Geri del Bello: Primo de *Alighiero*, assassinado em 1287 por *Brodario Sacchetti*.

Giovanni: Presumível primogénito de Dante, ainda vivo em 1308 e talvez falecido antes de 1311.

Guido Cavalcanti: Membro de uma das mais ricas famílias de Florença, filósofo e poeta, definido por Dante como o primeiro dos seus amigos¹¹. Em 1300, durante o priorado de Dante, foi confinado a Sarzana, onde adoeceu; autorizado a voltar a Florença, morreu pouco depois do seu regresso.

Lapa Cialuffi: Segunda mulher de *Alighiero*, ainda viva em 1312.

Lapo Gianni: Notário e rimador em vulgar, pertencente ao grupo do *Stilnovo*; amigo de Dante e de Guido Cavalcanti.

Lapo Riccomanni: Mercador, marido de *Tana Alighieri*, morreu em Florença no ano de 1315.

Manetto Portinari: Filho de *Folco* e irmão de *Bice*, definido por Dante como o segundo dos seus amigos¹².

Moroello Malaspina: Marquês, comandante ao serviço dos florentinos na guerra contra Pistoia; juntamente com o primo *Franceschino* hospedou muitas vezes Dante nos seus feudos em Lunigiana. Morreu em 1315.

Simone dei Bardi: Membro de uma família rica de banqueiros partidários dos guelfos “negros”, casou com *Bice Portinari* talvez por volta de 1280.

Tana (Gaetana) Alighieri: Filha de *Alighiero* e da primeira mulher *Bella degli Abati*, nasceu por volta de 1260; casou com *Lapo Riccomanni*; não há notícias dela depois de 1320.

Vieri dei Cerchi: Banqueiro, chefe do partido dos guelfos “brancos”; exilado de Florença em 1302, morreu em Arezzo por volta de 1313.

Primeira Parte

1

Bice

Florença, 8 de junho de 1294

Sabia que mais cedo ou mais tarde havia de chegar lá. Era o coração do livro. Além do mais, era mesmo para contar aquela visão que tinha decidido escrever um livro. E agora que tinha chegado o momento, hesitava.

¹¹ Expressão usada em *Vita Nova* de Dante Alighieri (Moura, 1995, pp. 22,23)

¹² Expressão usada em *Vita Nova* de Dante Alighieri (Moura, 1995, pp. 120,121)

O sarcasmo de Guido tinha-o tido em conta. Havia de o ferir, mas causar dano não, pelo contrário. As flechadas que o amigo não lhe ia poupar, mesmo em público, não haviam de ser a prova de que ele, Dante, era Dante e de que ninguém, mesmo que fosse Guido Cavalcanti, o podia fazer mudar de ideias? Agradava-lhe a fama de homem que, acontecesse o que acontecesse, nunca havia de dar o braço a torcer, de baixar o olhar, muito menos de se curvar a quem quer que fosse. E, contudo, aquela fama rapidamente se transformava em reputação. A opinião que dele tinham os banqueiros, os cavaleiros, os poderosos de Florença, preocupava-o. Certos comentários tinham-lhe chegado aos ouvidos. Soberbo, arrogante. No mundo deles, ele era um intruso. Porém as senhoras elogiavam-no: «Mas que belos poemas! Nobres, nobres e gentis!», e parecia-lhe que carregavam em *nobres*, intencionalmente. Não era preciso muita imaginação para calcular que coisas haviam de dizer assim que ele se tivesse despedido com uma vénia: «Talentoso, este Alighieri». «E extravagante.» «Extravagante? Não viram os olhos de louco?» «É mesmo verdade, o sangue não mente. O seu, coitado, é aquilo que é.»

E agora o filho do usurário havia de ter de colocar o preto no branco e provar que sim, que era doido? Confirmar a toda a cidade de Florença que o sangue podre exala vapores que alucinam? As portas que lhe tinham sido abertas com tanto esforço, haviam de se fechar num rompante. Ou pior ainda, haviam de permanecer abertas para deixar entrar o jogral, o louco de *San Martino*, o poeta das visões...

Hesitava. Mas tinha mesmo de contá-la e, assim, há dias que cismava no modo de o fazer.

Naquela manhã tinha acordado de bom humor. Tanta serenidade de espírito num dia que ia ter de ser consagrado à tristeza tinha-o surpreendido. Talvez, dizia para consigo, era porque não tinha sonhado. Uma noite sem sonhos acontecia-lhe raramente. Mesmo durante o dia, se por acaso se lhe fechavam os olhos por um instante, imediatamente a cabeça se enchia de imagens. Quando um barulho ou um toque o acordavam, demorava um pouco a orientar-se. Durante algum tempo ficava pensativo, esforçando-se para compreender se à sua volta se moviam pessoas em carne e osso ou fantasmas. O boato de que ele não amava o próximo também tinha nascido daquelas ausências.

O sol havia despontado há pouco e já estava muito calor. Adivinhava-se um dia tórrido, igual àquele de há quatro anos atrás.

De um nicho na parede, ao lado da porta, tirara um baú de madeira e depois sentara-se numa das extremidades da mesa, na cozinha. Não tinha um estúdio, ele. Em casa havia só uma mesa, aquela.

Estava com o estado de espírito apropriado para escrever. O dilema em que tinha enalhado não lhe parecia agora tão difícil de resolver. Veio-lhe à mente uma ideia. Que aquilo tivesse acontecido justamente no dia 8 de junho pareceu-lhe um sinal. Desde aquele 8 de junho estava muito atento aos sinais...

Na outra extremidade da mesa estava sentada *Lapa*, a segunda mulher do seu pai. Desfolhava um grande repolho. Estava bem para a idade que tinha.

Quando entrou cumprimentou-a com um bom-dia mais cordial do que era costume. Não que fosse descortês com ela, mas nunca tinha sido capaz de a considerar como uma mãe, muito menos de lhe chamar mamã.

«Bom-dia, também para ti» respondera-lhe ela, sem parar de desfolhar o repolho e depois acrescentara, como se ele lhe tivesse perguntado, «*Franceschino* já saiu. É muito trabalhador aquele rapaz!»

Franceschino era o seu filho. Estava sempre ocupado, tinha saído ao pai, nunca se perdia em sonhos.

Estas coisas *Lapa* dizia-as com os olhos e com a expressão do rosto.

Entretanto *Gemma* tinha acendido o fogareiro. A cozinha estava a ficar cheia de fumo.

«Não puxa» bofava *Gemma* a abanar o avental à frente da grelha do fogareiro.

«Céu baixo, céu carregado...»

Lapa falava com a segurança de quem tem experiência das coisas.

Os afazeres domésticos a ele não interessavam. A sua ideia estava a ganhar forma.

Do baú tinha tirado uma folha, limpa dos dois lados. Não era ocasião para fazer economia. Pena e tinteiro. Sentia-se pronto.

Gemma resmungava entre dentes. Aquela tralha em cima da mesa, aborrecia-a. *Lapa* calava-se, não se rebaixava, ela. Não era difícil adivinhar os seus pensamentos. Escapavam-lhe precisamente agora? De qualquer das maneiras tinha diante de si um dia inteiro para as suas cismas...

Ao olhar *Gemma*, baixota, roliça, com os cabelos desgrenhados e uma pele escura de camponesa, quem havia de dizer que ela era uma *Donati*. Filha e neta de cavaleiros! Talvez Guido tivesse razão: é a cultura que faz o nobre, não o sangue. A não ser que tivesse sido o seu a estragar o da mulher. Quanto a Guido, se todos o tratavam como um príncipe não era por causa do talento. Tivesse ele tido uma décima parte dos seus rendimentos e também se haviam de curvar diante dele os esbirros do *Bargello*.

As reprimendas de *Gemma* nem sequer as ouvia. A ideia levitava. Dizer sem dizer. Dizer que não o contava e com isso, contá-lo. Estava feliz. Quando a cabeça funciona, fica feliz. Feliz no dia destinado ao choro? Não podia ser senão um sinal...

2

Florença, 8 de junho de 1290

Naquele fim de tarde estava sentado àquela mesma mesa. E também naquele dia estava feliz. Escrevia um poema. Para Beatrice.

Não, feliz não. Era para ele uma questão de honra dizer sempre a verdade a toda a gente, logo não podia mentir a si mesmo. Não sentia a embriaguez que o invadia quando era o Amor a ditar os seus

versos e estes deslizavam por debaixo da pena. Naquela tarde escrevia para não pensar na notícia que em breve havia de chegar.

O calor era tórrido. Suava. As rimas iam sendo procuradas uma a uma. Como é que uma canção de amor havia de poder brotar facilmente naquelas circunstâncias? Mas ele teimava, não diminuía a concentração. O seu mundo estava ali, naquelas linhas que se dispunham na folha com trabalhosa lentidão. Os contornos do papel delimitavam o único universo de que queria ocupar-se.

Gemma não sofria com o calor. Já tinha acendido o carvão para o jantar.

Alguém ou alguma coisa tocou-lhe no ombro. Parecia-lhe ouvir uma voz que o chamava. Sobressaltou-se, virou-se e reconheceu o seu amigo *Lapo Gianni*. Tinha o olhar de quem se inclina sobre um doente grave.

«*Bice*» sussurrou *Lapo*, e não disse mais nada.

Já o esperava, porém teve uma tontura. Apoiou os cotovelos no tampo da mesa e segurou a cabeça entre as mãos. Imóvel, sentia sobre si o olhar de *Gemma*. Estava a fixá-lo do canto da lareira. Não levantou os olhos, pois não queria ver o sorrisinho que de certeza lhe ondulava os lábios.

As têmporas começaram a latejar. Um prurido nas mãos estava quase a transformar-se em tremor. Seria o seu mal?

Levantou-se num rompante, com raiva tirou a folha da mesa, amarrotou-a e lançou-a na lareira. *Gemma*, que agora lhe virava as costas, sem se voltar dirigiu-se decidida para a lareira, apanhou a bola de papel encarquilhada, com uma mão alisou-a mais ou menos sobre a mesa e prendeu-a, colocando-lhe em cima o tinteiro.

Sempre parcimoniosa, a sua *Gemma*!

Lapo calava-se. Embaraçado? Olhou-o diretamente no rosto. Pobre poeta! pensou: um verdadeiro poeta havia de compreender.

Lapo balbuciou que *Bice* estava muito mal.

«Então vamos embora» disse ele com um fio de voz.

Caminhavam a passos largos, em silêncio. O sol estava a pôr-se, mas o ar pesado era sufocante. Nem ao menos uma aragem se insinuava nas ruelas entre as torres. Diante da torre imponente dos *Cerchi*, *Lapo* apontou com o dedo o antigo brasão de pedra dos *Guidi*, ainda embutido por cima da porta, e com voz forçada começou a declamar:

«Venha *Nasone*, espante-se com tão admirável metamorfose! O Deus Florim transforma simples vilões em condes.»

Era um dos habituais comentários sarcásticos que os dois amigos trocavam entre si sempre que passavam diante das casas dos banqueiros mais ricos de Florença, plebeus do campo que tinham comprado os palácios dos mais nobres condes palatinos da Toscana.

Lapo queria afastá-lo dos seus sombrios pensamentos.

Ele não disse nada. Respirava com dificuldade. Culpa do céu carregado, culpa do medo... Em casa tinha percebido os primeiros sinais do seu mal. Esperava que atacasse. Estava certo de que havia de o fazer. Porque é que o havia de poupar? Concentrado, ouvia o seu corpo.

Alguns metros mais à frente, nas proximidades do *Gardino*, à sua direita, abria-se um espaço cheio de silvas e destroços. Eram os restos das casas destruídas dos *Uberti*. Também contra eles tinha combatido em Campaldino.

Perante aquela vista foi tomado de repente por um devaneio. *Bice* estava a roubar-lhe o futuro...

Para todos, em Florença, ele era o poeta de *Beatrice*. E *Beatrice* jazia no leito de morte juntamente com *Bice*...

Aquela mulher havia de o tornar famoso. Já agora era tudo um germinar de congratulações. Exceto Guido, que não o congratulava, obviamente. Guido torcia o nariz. Porque é que não compreendia que aquela nova poesia também era filha sua?

Quando, orgulhoso, lhe tinha lido um soneto que ele considerava a sua obra-prima, Guido havia ficado um pouco pensativo e depois comentara:

«Bravo, *Dantino*, é belo, muito belo, porém que estranha ideia tens tu do amor...»

«Uma ideia nobre» havia respondido irritado, «nobre para corações nobres.»

Guido tinha sorrido, como fazia, torcendo a boca:

«Caro *Dantino*, uma boa puta teria muitas coisas para te ensinar...»

E depois, como de costume, tinha-lhe voltado as costas e tinha-o deixado ali sem ao menos um gesto de despedida. Enquanto se afastava, abanava a cabeça, quase como se falasse consigo mesmo.

Muitas vezes se perguntara se Guido não era ciumento. Não de *Bice*, mas dos poemas para ela. Era por ciúmes que teimava em não querer compreender?

3

De Guido Cavalcanti gostava muito. Estava seguro de que Guido também gostava dele. É verdade que desde que regressara de Bolonha as suas ideias sobre poesia tinham começado a divergir, digamos mesmo que se tinham tornado opostas. Acontecia até que as discussões degenerassem em zangas: levantavam a voz, voavam palavras grosseiras. Mas depois um abraço colocava tudo no lugar. No dia seguinte, ao recordarem tudo o que tinham dito um ao outro, riam disso.

O primeiro encontro entre os dois dera-se no ano de 1283: ele tinha dezoito anos e Guido tinha quase mais dez. Já há algum tempo se exercitava a compor sonetos e pequenas baladas, mas só naquele ano tinha tido coragem para se dar a conhecer. Escrevera uma espécie de enigma em forma de soneto no qual contava um seu sonho misterioso, fizera muitas cópias dele e enviara-as, anonimamente, aos mais notáveis poetas da cidade, pedindo-lhes para interpretar o significado do

sonho. Muitos responderam, entre os quais, para sua grande surpresa, até Guido Cavalcanti. Guido era o príncipe dos poetas em língua vulgar. Excitado, não tinha resistido ao impulso de lhe revelar que era ele o autor do soneto. E assim apresentara-se em casa de Cavalcanti pedindo para ser recebido.

O átrio era um salão de grandes dimensões, no qual se abriam numerosas portas; em frente à porta de entrada uma escada de pedra subia ao piso de cima. Junto às paredes estavam colocados quatro bancos pintados. Nunca tinha visto tanta opulência.

O empregado que estava parado na entrada, depois de ouvir o seu pedido, desaparecera por uma porta que estava fechada e regressara, pouco tempo depois, dizendo que o patrão ia recebê-lo.

Tinha entrado, intimidado, numa sala decorada com dois armários cheios de livros. Cavalcanti estava sentado atrás de uma mesa coberta de folhas de papel. Fizera-lhe sinal para se sentar diante dele. Apesar de se ter apresentado em sua casa sem pré-aviso, Guido usava roupas de tecido requintadíssimo e de grande elegância. E elegantes, talvez demasiado estudados, eram também os movimentos das mãos, com as quais, desde que tinha começado a falar, acompanhava as palavras. Palavras escolhidas, rebuscadas, pronunciadas num tom baixo. De vez em quando um sorriso suavizava a sua expressão severa. Tinha olhos negros, inquisidores. Uma pequena ruga atravessava-lhe a testa.

Guido tinha começado por elogiar o soneto, com certeza não particularmente original, mas de mão segura. Depois, sem reagir aos seus desajeitados agradecimentos, havia-se lançado numa longa e apaixonada peroração sobre a poesia lírica em vulgar.

Ele absorvia cada palavra. Aquele discurso ia mudar para sempre as suas ideias sobre poesia.

Quatro anos depois, em Bolonha, tinha divulgado as palavras do amigo: a poesia em vulgar é uma coisa séria; filosofia, para escrever sobre o amor é preciso muita filosofia.... Agradava-lhe imaginar-se o João Baptista que anuncia o Messias. Tinha sido precisamente naquela cidade que tinha amadurecido a convicção de que o prazer de escrever poemas consistia unicamente em escrevê-los. Nenhuma mulher havia de poder dar uma alegria comparável àquela de criar um objeto de sublime harmonia. Basta, então, de perguntas, de recriminações, de lamentos, de todo aquele falso chorar e falso implorar que infestava as rimas dos poetas diletantes. O prémio de um verdadeiro poeta era conseguir exprimir um vislumbre da inexprimível perfeição da amada. Não uma dama de salão, um anjo.

A viagem de regresso tinha durado metade do tempo da ida. Tinha pressa de chegar a Florença. O pensamento de ter de responder às inúmeras perguntas que lhe haviam de ser feitas preocupava-o um pouco. Antes de partir, aos familiares curiosos de saber o que é que ele ia fazer em Bolonha, tinha apenas dado vagas explicações. Agora alguma coisa havia de ter de dizer, pois tinha-os desconcertado até demais. Mas o quê? Que em Bolonha tinha escrito poemas? Imaginava a cara que havia de fazer o avô *Durante*. E porém a vontade de falar com Guido era mais forte. Ao longo dos Apeninos, enquanto descia até Pistoia, embalava-se no sonho de que agora o Messias era ele e Guido o seu Baptista.

Assim que conseguiu desvincular-se dos abraços e dos cumprimentos de todos os Alighieri que foram a sua casa felicitá-lo, dirigiu-se rapidamente para o palácio dos Cavalcanti.

Na sala do primeiro piso, onde Guido tinha os armários dos livros, ele caminhava para a frente e para trás a gesticular.

Guido observava-o sentado num cadeirão para lá da secretária.

O seu foi um discurso longo, talvez um pouco desordenado, mas cheio de paixão. Sentia que se estava a repetir, contudo não parava de falar. Queria retardar o mais possível a réplica do amigo. Do seu rosto não transparecia qualquer emoção. Tinha-o persuadido? Com rápidas olhadelas procurava encontrar um sinal, um estremecimento.

«... o amor, compreendes? é êxtase. A poesia louva a beleza da criação. E digo-te mais, amar um anjo em terra eleva a alma ao Céu. Acredita-me, o amor pode salvar.»

Tinha pronunciado as últimas palavras com um tom decidido e, ao mesmo tempo, aflito. Como um réu que desafiava um juiz enquanto lhe pedia clemência.

Parado diante da secretária, fixava o rosto de Guido.

Este ficou calado muito tempo, impassível. Depois, de súbito, desatou numa sonora gargalhada. Mas rapidamente ficou sério. A ruga sulcava-lhe a testa.

«O amor, digo o amor verdadeiro, tolda o pensamento. O amor verdadeiro esgota-te a alma. O amor verdadeiro» disse pronunciando sílaba a sílaba «é sofrimento».

Levantara-se, esticara um braço por cima da mesa e apontara-lhe um dedo sobre o peito:

«As tuas ideias são só fantasias».

Tinham ficado em silêncio, depois Guido colocara-lhe uma mão sobre o ombro. Sorria de modo doce, protetor.

«Não leva à salvação... caro Dante, a paixão afunda no inferno.»

Naquele momento detestou-o. Guido mostrava o seu lado pior, o único que ele não lhe conseguia perdoar. Era um fanático convencido de dominar toda a verdade. Seguro de si como podem sê-lo os magnatas, sobretudo se querem humilhar um zé-ninguém. Detestava-o, mas ao mesmo tempo compreendia-o. Guido estava sujeito a ataques amorosos devastadores e a amargas desilusões. Ele, pelo contrário, sobre o amor apenas tinha fantasiado.

Guido tinha-o acompanhado até à porta. Ao despedir-se dele, havia-lhe segurado numa mão e mantinha-a apertada na sua:

«Vai, *Dantino*, desejo-te que encontres rápido o teu anjo.»

Parecia comovido.

Quem havia de ser o anjo para celebrar em versos, ele já o tinha decidido. Não tinha hesitado nem por um momento. Não podia ser senão *Bice Portinare*, a dama dos olhos de esmeralda, a senhora triste que atraía a atenção dos presentes e os tornava mais gentis, mais respeitosos, mais afáveis.

Folco Portinari tinha sido profético quando ao nascer lhe dera o nome de *Bice*. Aquele extraordinário homem talvez nem soubesse que *Bice* era a forma abreviada de *Beatrice*.

4

E agora, o que havia de fazer o poeta de *Beatrice*? Ouvia o som dos próprios passos e a cada passo perguntava a si mesmo: «E agora?»

A pergunta martelava, ritmada pelo pulsar das têmporas.

Olhava o chão e desse modo chocou com alguém que passava. Ao levantar os olhos, pareceu-lhe perceber naquele rosto desconhecido uma ponta de compaixão. Os florentinos já se compadeciam dele? Ou era uma cara de gozo... E o silêncio de *Lapo*? O que é que estava a sentir *Lapo Gianni*? Respeito pelo amigo atormentado ou piedade pelo poeta que perdera o viço ainda em botão?

«E agora?»

Bice era um anjo, mas deste mundo. Não podia cantar a admiração por uma mulher morta. Quantas expectativas haviam de ser sepultadas com ela! *Beatrice* tinha-o tornado famoso. Muitos consideravam-no melhor que o próprio *Cavalcanti*... Não possuía nada mais, ele, apenas o seu talento.

O pensamento de que havia de poder voltar a encontrar-se na mesma situação de antigamente, antes de *Guido* o ter tirado do pântano, causou-lhe uma tontura. Apoiou-se ao muro de uma casa.

Lapo olhava-o com uma expressão preocupada. *Lapo* conhecia os seus males. Certamente estava a perguntar-se o que fazer se o tivesse visto cair vítima das convulsões.

Desta vez, porém, o seu mal nada tinha a ver com isso. Tinha-se recordado de quando, na taberna, recitava versos satíricos e obscenos aos companheiros de bebida. Fazer de bobo na tasca era, porém, bem melhor do que declamar poemas de amor em casas de pessoas influentes. Amor infeliz, lamechas e desesperado, obviamente. Também aqueles senhores o aplaudiam, sem alarido, mas aplaudiam. E ele inclinava-se profundamente, como fazia sobre o banco no qual, em pé, se tinha exibido na taberna. Naquelas casas ninguém o encorajava a subir para cima de um banco, mas a sua inclinação era igualmente profunda, ao modo dos comediantes. Acentuava-a de propósito, para fazer entender que ele não dava demasiada importância aos seus versos, que era um jogo. Mentia, porque dentro de si sentia o prazer do sucesso e de que maneira! Não escondia, porém, que se tratava de um prazer um pouco amargo. Era tudo um coro de «bravo, bravo»; algumas damas, com os olhos brilhantes de comoção, até lhe davam a mão para beijar... E, no entanto, não conseguia afugentar a impressão de que tantas congratulações escondiam algo subentendido, como: «Ora vejam bem, quem é que havia de esperar isto de um *Alighieri*». E deste modo corava de prazer e, ao mesmo tempo, de raiva. Ele estava ali para deleitar as esposas dos homens de negócios. Como um ator que fingia ser.

Recompôs-se, com a cabeça fez um aceno a *Lapo*. Sim, estava tudo bem. Recomeçaram a caminhar com passo decidido. Entretanto dentro de si dizia-se, a apertar os punhos: «Dante Alighieri nunca mais fará de saltimbanco para quem quer que seja».

Que em adulto havia de ser poeta, e apenas isso, já o tinha decidido desde criança, desde quando frequentava a escola do mestre *Romano*.

Numa casa perto da sua, ele e os companheiros sentavam-se em bancos de madeira encostados às paredes de um salão longo e estreito que tomava a luz da estrada, igual a uma oficina. Cada dia, durante horas, repetiam até à exaustão as palavras do mestre: uma litania de letras e números. Letras e números que depois gravavam em tábuas cobertas de ardósia. Livros, naquela escola, nunca os tinha visto. Os seus companheiros odiavam-na: celebravam como dias de festa aqueles em que ficavam doentes. Ele, pelo contrário, amava-a. Aprendia com extraordinária facilidade, não cometia erros e nunca era punido. Depois da escola exercitava-se a escrever na areia com um pequeno pau ou arranhava um muro com uma pedra afiada. Teria dado qualquer coisa para apertar um livro entre as mãos. Nunca lhe tinha sido proporcionado abrir um. Na casa do seu pai, na melhor das hipóteses, circulavam folhas de contas.

Na verdade, ele tinha decidido que quando crescesse queria escrever livros e, para ele, naquela altura, os escritores de livros eram poetas e filósofos. Não fazia uma pequena ideia do que era um poeta ou um filósofo. Quando, porém, *Romano* começara a ensinar algumas palavras em latim, a ler pequenos excertos de Esopo e, sobretudo, a nomear, referindo-os como os maiores poetas de sempre, Virgílio, Ovídio e Lucano, havia metido na cabeça que o ofício de poeta e filósofo consistia em saber escrever em latim. E, por isso, jurara a si mesmo que havia de estudar latim. Ninguém havia de o poder demover daquele propósito.

Alighiero dava por garantido que o filho, terminada a escola primária, assim como os seus colegas, havia de frequentar a escola do comércio, onde ia ganhar prática, aprender a organizar as contas e a escrever cartas comerciais. Ficou pasmado quando lhe disse que ele não havia de estudar aquelas coisas por nenhum motivo do mundo. Tinha apenas dez anos, mas não teve medo de enfrentar o seu pai. O braço de ferro durou muito tempo.

Às vezes *Alighiero* tentava convencê-lo, apresentando-lhe as grandes vantagens que havia de ter com isso: dentro de poucos anos, dizia, havia de o levar consigo nas suas viagens a Prato, a Pistoia ou ao Mugello e, com ele, ia aprender como se conduzem os negócios, como se enganam os tolos e como se se defendem dos finórios. Esperto como era, havia de aprender depressa; havia de se tornar num excelente comerciante, ou melhor, num proprietário, titular de uma companhia bancária toda sua e, um dia, havia de comprar um belo título de cavaleiro, e assim havia de passear a cavalo pelas ruas da cidade com esporões de prata e de dar pontapés na cabeça dos desgraçados para que se afastassem.

A maior parte das vezes, porém, ameaçava-o:

«Nesta casa não há lugar para parasitas a comer à custa dos outros, ou vais aprender a arte das contas ou meto-te como empregado de uma oficina. Aí, sim, ensinar-te-ão latim.»

Ele, no entanto, não se dobrava. Queria ir para a escola de gramática, ele, para estudar latim.

Fez frente ao pai durante meses. Também este estava firme na sua decisão e assim podia ter acabado como empregado de uma oficina se, naquele mesmo ano, repentinamente, o pai não tivesse morrido. Chorou-o como um filho deve chorar um pai. Dentro de si, no entanto, sentia-se aliviado. Depois tinha sempre afastado como blasfemo o pensamento de que naquela ocasião a Providência tinha velado por ele; e, contudo, aquele pensamento continuava a vir-lhe à cabeça.

Também porque o que acontecera pouco depois parecia mesmo obra da Divina Providência.

Ao avô *Durante*, nomeado tutor dos órfãos de *Alighiero*, o seu desejo de estudar latim não pareceu um capricho. Pelo contrário, talvez porque era juiz, teve gosto de que o neto nutrisse tais aspirações.

«Bem, bem» disse-lhe a sorrir, «quando fores adulto serás advogado. Serás o primeiro advogado da tua família.»

Sim, mas onde estudá-lo, o latim? Os seus concidadãos nunca haviam de colocar o seu dinheiro em escolas daquele tipo. Quanto a Ovídio e a Virgílio, não sabiam o que fazer com eles; quanto aos notários e aos advogados, arranjavam-nos em outras cidades. Compravam-nos como se fossem peças de lâ.

Uma manhã, o avô, com ar alegre, disse-lhe:

«Vem comigo, vamos a casa de *Bono*».

Bono Giamboni, também ele juiz, era considerado um dos homens mais cultos de Florença. Devia ter à volta de quarenta anos. Era alto, magro, rígido, com o olhar severo. Inspeccionou-o da cabeça aos pés, interrogou-o sobre o que tinha aprendido com o pobre diabo do Romano e, depois, sem manifestar qualquer sinal de apreço, disse-lhe para voltar no dia seguinte.

Frequentou a sua casa durante algum tempo. Lá havia livros, mas ele não tinha o gosto de os ler. Vê-los, contudo, já o enchia de felicidade. *Bono* era autoritário e também um pouco vaidoso. Falava sempre ele e falava de autores com nomes estranhos que nunca tinha ouvido. Quando lhe perguntava por Virgílio, Ovídio e Lucano, encolhia os ombros, até que um dia, para sua grande desilusão, manifestou-se quase irritado:

«Poetas, poetas... a ética, filho, o conhecimento do bem e do mal é o que realmente importa».

Lamentou-se com o avô. Ele era o homem mais doce e compreensivo que alguma vez conhecera. Não pronunciou uma única palavra de crítica para com o amigo, mas alguns dias depois disse-lhe:

«Vem, vamos a casa de *ser Brunetto*».

Ficou sem palavras com a surpresa. Era muito jovem, porém sabia quem era *Brunetto Latini*: extraordinário notário, escritor, homem de incomparável doutrina, era chefe da chancelaria da Câmara. Tinha viajado pelo mundo, vivido em França, conhecido o exílio e a vitória. Era o retrato da

sabedoria. Não havia questão importante sobre a qual os governantes não o consultassem. «Se os guelfos fossem todos como ele» ouvia dizer «Florença seria um paraíso».

Intimidado, atravessara a soleira da casa daquele grande homem. Encontrara-se diante de um homenzinho calvo, seco, com um largo sorriso estampado na sua face comprida ornada por um grande nariz; parecia incapaz de estar quieto e o seu discurso também era torrencial. Floreavam-no gracejos, anedotas, citações. Mas não havia ostentação nas suas palavras. Na sala onde os tinha recebido dominava um armário repleto de livros, coisa que *Giamboni* jamais imaginava. Ali havia de os ler e reler nos anos que se seguiram.

Frequentara a casa de *Brunetto* durante quase vinte anos: *Brunetto* tratava-o como um filho, ele amava-o como um pai. No dia da sua morte vertera por ele todas as lágrimas que não tinha derramado pelo seu pai. Aquilo que ele era, devia-o a *Brunetto*... e a Guido.

5

O rio estava próximo. O mau cheiro das fábricas de curtumes sentia-se cada vez mais acre. Embora fosse fim de tarde, as oficinas ainda estavam a funcionar. Havia de se fechar ao escurecer, mas no mês de junho os dias eram longos. Uma multidão de operários, aprendizes, comerciantes apinhava-se pelas ruelas. Caminhavam em todas as direções, porém de vez em quando eram obrigados a parar por causa das carroças, das mulas e dos cavalos que obstruíam a passagem. Da vozearia confusa sobressaíam imprecações contra os condutores e insultos aos animais de carga. Tinham todos pressa. Em frente à igreja de *San Pier Scheraggio* formou-se um amontoado de gente. Um andaime de madeira, montado na fachada, ocupava uma boa parte da ruela. Matulões em tronco nu subiam e desciam e não se compreendia o motivo de tal azáfama. A festa do santo ainda estava longe. Não se viam pedreiros, nem tão-pouco ornamentos ou porta-lamparinas. Da soleira da grande porta aberta, alguns padres observavam tranquilos a massa de homens que se empurravam para abrir caminho.

Também ele e *Lapo* empurravam. Viu-se com a cara pressionada contra umas costas suadas, esfregou-se em repugnantes aventais de couro. Nas suas costas, peitos desconhecidos apoiavam-se-lhe e empurravam-no para a frente como se fosse uma trouxa de roupa. A gentalha causava-lhe repúdio. Brutamontes a quem Deus tinha esquecido de dar alma. Apenas desejosos de encher a pança, sem respeito pelas pessoas de bem.

A ele, pensou com raiva, tinha faltado o tempo... o tempo de se tornar famoso. Bice tinha-lho roubado. Não havia de ter sido preciso muito tempo, apenas alguns anos e Florença havia de o celebrar como o seu poeta. Não ia haver carregador que pela rua não o reconhecesse. E então toda aquela gente havia de se afastar à sua passagem, todos haviam de se inclinar, todos haviam de o observar com curiosidade. Uma voz desconhecida havia de gritar: «Deixem passar a glória da cidade!»

Bice aquele tempo não lho tinha concedido ...

No meio da população sentia-se sozinho. E a sua raiva aumentava.

Nenhuma daquelas bestas sabia que a mais nobre senhora de Florença jazia no leito de morte. Talvez fosse melhor assim, pois se o soubessem, havia de o jurar, aqueles animais iam fazer uma festa à notícia de que uma santa protetora estava a morrer. E contudo... contudo uma alma deviam tê-la. Precisava ser despertada. Para isso havia de ser preciso uma voz potente, que gritasse no deserto. Uma voz que fizesse mover as pedras. E ele tinha-a, ele havia de ser capaz de os fazer chorar. Disso estava certo. Dai-me um púlpito, uma assembleia, uma cadeira e a estes eu meto-os de joelhos a invocar paz eterna à alma bendita.

O troço de estrada que do Mercado novo levava à ponte era mais largo. A multidão não tinha diminuído, mas havia espaço suficiente para não estar sujeito à repugnante intimidade das vielas. Também o respirar era mais livre. Agora sentia-se leve e prosseguia rápido. Era uma bela sensação. Conhecia-a, experimentava-a sempre que dentro de si germinava uma ideia. Devia fazê-la crescer, fortalecê-la. Não era mais que um rebento a proteger com cuidado.

Prosseguia rápido sem se dar conta de onde estava. Alimentava o seu rebento...

Tinha nascido da raiva. E do medo. Uma intuição inesperada. Devia agradecer ao populacho. Talvez a sua *Beatrice* não morresse juntamente com *Bice*. Havia de sobreviver na sua poesia. Porque é que não se podiam escrever versos de amor por uma mulher morta? Que mestre da retórica o havia determinado? Não se escreviam por acaso as suas vidas depois de as santas e as beatas terem subido ao Céu? Eis que tinha vislumbrado uma estrada. Apercebia-se de que havia de ser difícil. O que podia substituir a contemplação enlevada de um anjo na terra? Naquele momento sabia apenas que a ia seguir. Mas bastava-lhe para se sentir de novo sereno, quase feliz...

Na ponte afagou-o uma ténue rajada de vento. A brisa subia da água fétida, fazia evaporar o suor e proporcionava uma sensação de frescura. Sem trocar um gesto ou uma palavra, cada um, por iniciativa própria, apoiou-se à guarda.

Inclinado, olhava a água a bater nos pilares, mas na verdade a sua cabeça estava longe. Ora pensava como havia de ser difícil inventar um novo género de poesia, ora dizia a si mesmo que uma tal novidade havia de assegurar a glória a qualquer um... A qualquer um que fosse capaz disso. Sentia arrepios de prazer com aquele pensamento.

Foi *Lapo* a quebrar o silêncio:

«Dizem que a doença a desfigurou».

Preso aos pensamentos, não compreendeu. Dirigiu a *Lapo* um olhar interrogativo.

«*Bice*, tem o rosto devastado» repetiu *Lapo*.

Fez sinal que sim com a cabeça. Um súbito nó na garganta impediu-o de falar.

Diante dos olhos chegou-lhe nítida a imagem daquele rosto.

Bice não era o que se pode chamar de beldade. Muitas jovens de Florença superavam-na em beleza. O motivo do seu fascínio eram os olhos: verdes, cintilantes, conferiam à sua tez madreperla uma extraordinária luminosidade. E o sorriso: fresco, espontâneo, apenas velado pela tristeza. Nem era sequer uma dama brilhante. Nas festas e nos banquetes, onde comparecia quase sempre sem o marido, a maior parte do tempo ficava em silêncio, mas, quando abordada, respondia com uma voz subtil extraordinariamente harmoniosa. Dos lábios desabrochava um doce sorriso e os olhos pousavam sobre o interlocutor um olhar de serenidade que encantava.

Ele, como todos, tinha-se deixado encantar por ela. Mas aquele encantamento podia ser chamado de amor?

Tinha-a conhecido em pequeno. A casa dos *Portinari* era pouco distante da sua. Ele era companheiro de brincadeiras de *Maneto*, o filho mais velho de *Folco*, e naquela casa passava muitas horas. Andavam atrás um do outro pelas salas e no pátio a brincar aos guelfos e gibelinos com espadas de madeira. Às vezes percebia que uma miúda saía à pressa da porta e queria brincar com eles. E a miúda choramingava e até batia com os pés se diziam que não. Quem dizia que não era sempre ele:

«A guerra é coisa de rapazes, vai para o berço chuchar no dedo!»

Manetto protestava a rir:

«Olha que ela tem a tua idade!»

Chamava-se *Bice* e era a irmã mais nova de *Manetto*.

Depois, durante muitos anos, não a vira mais. Não foram assim tantos anos, mas sabe-se que naquela fase da vida os anos são longuíssimos. Não que nessa altura se tivesse apercebido de que a choramingas não aparecia mais para estragar os duelos: da sua existência tinha apenas consciência quando a tinha à frente dos olhos. Havia de vir a saber tempo depois que *Bice* tinha sido prometida em casamento e que uma noiva, quando em sua casa havia rapazes estranhos, não podia deixar os aposentos das senhoras. Tinha-lho dito *Tana*, também ela noiva.

Quantos pormenores tinha acrescentado ao dia do seu reencontro! Um pouco porque a poesia vive de invenções e porque dela naquele dia não recordava quase nada, mas sobretudo porque lembrava perfeitamente a triste figura que tinha evitado por pouco, e em poesia o lado obscuro e ultrajante da vida não é apresentado.

Na festa de *Calendimaggio* do ano de 1274 os *Portinari* convidaram os *Alighieri* para almoçar com eles. Para os *Alighieri* era uma grande honra: os *Portinari* eram pessoas conhecidas e influentes, não propriamente amigos. Demasiado grande era o abismo entre uma família de banqueiros, nada menos que sócios do banco dos *Vieri dei Cerchi*, e uma de um pequeno negociante. De manhã, ao acordar, fora buscar ao fogo da lareira a grande panela cheia de água; no centro da cozinha a tina da roupa e dos banhos. Meteram-no na água e esfregaram-no energicamente. Não se lamentara mais do que o

necessário, pois também estava excitado com a perspectiva da festa. *Alighiero* e a sua jovem mulher não o davam a entender, porém *Lapa* não fazia outra coisa senão entrar e sair de casa: procurava conselhos das vizinhas sobre a faixa mais apropriada.

Enquanto o sino da Abadia batia as seis badaladas, um pequeno cortejo composto por seu pai, *Lapa*, com o *Franceschino* de poucos meses nos braços, e sua irmã *Tana*, percorria os poucos metros que separavam a porta da sua casa do portão dos ilustres anfitriões. Ele, dado que para os *Portinari* era de casa, sentia-se autorizado a fazer de guia. Ao passo que *Lapa* e *Alighiero* caminhavam com um ar calmo, *Tana* não se continha. Saltava e balançava-se como uma criança, tanto que o pai a repreendeu para que tivesse compostura. Devia ser compreendida, pobre *Tana*, ocasiões como aquela aconteciam-lhe poucas vezes. Desde que tinha sido prometida a *Lapo Riccomanni* vivia trancada entre quatro paredes.

No pátio, onde também no dia anterior ele e *Manetto* tinham andado atrás um do outro de espada na mão, estavam postas duas grandes mesas: sobre as toalhas de linho brilhavam copos de cristal. A uma mesa tinham feito sentar os *Alighieri*, na companhia de desconhecidos que o seu pai tratava amigavelmente. Os *Portinari* tomaram lugar numa outra, rodeados das pessoas mais importantes. Ele estava inquieto, ansioso para se juntar a *Manetto*, que lhe fazia caretas da sua mesa, quando do fundo do pátio uma jovem começou a avançar em direção a eles. Usava um vestido vermelho, preso na cintura por um cinto dourado. Não a reconheceu. Na verdade, tinha-se esquecido da miúda chorona.

Como era? Bela, graciosa, afável?

Nos anos que se seguiram tinha tentado recuperar na memória algumas imagens daquilo que, com justeza, podia ser considerado o primeiro encontro deles. Diante dos olhos voltavam-lhe sempre e apenas as ondas vermelhas de qualquer coisa em movimento sulcadas de forma intermitente por um clarão amarelado. O facto é que foi precisamente naquele vermelho, sem ao menos perceber se se tratava de uma capa, de um céu ao entardecer, de uma pintura, de uma alucinação, que tinha tido os olhos fixos durante o ataque do seu mal.

Visto que em família era proibido pronunciar o nome, desde criança se tinha habituado a chamá-lo de seu mal. Não recordava quando tinha começado, certamente nos seus primeiros anos de vida. Quando mais crescido – o dia daquele primeiro encontro estava para fazer nove anos – as crises tinham-se adensado.

Surgiam sempre da mesma maneira. Primeiro um tremor ligeiro nas mãos, que depressa se propagava a todo o corpo, cada vez mais forte, até que convulsões incontroláveis o sacudiam violentamente da cabeça aos pés. Poucos momentos depois, ele caía por terra sem sentidos, como atingido por um raio. Recuperava lentamente, deixava de tremer, mas dentro de si ficava-lhe uma sensação de medo, um manto de angústia que de vez em quando se transformava numa profunda tristeza. Se o ataque acontecia fora de casa ou se em sua casa havia pessoas estranhas, os seus

familiares levantavam-no em peso e levavam-no depressa para um lugar fechado, a salvo dos olhares dos outros. Do que tinha acontecido não falavam a ninguém e também a ele ordenavam não dizer uma palavra sobre isso. Eles tinham vergonha. Aquele filho era demoníaco! Tinha-os ouvido sussurrar que era preciso ter cuidado, que podia ser contagioso. Aterrorizava-o o pensamento de que mais cedo ou mais tarde haviam de o internar.

Por sorte existia a sua *Tana*. Da mãe tinha poucas e desfocadas recordações; *Tana* era a sua mamã. Só ela conseguia arrancar-lhe um sorriso quando ainda jazia prostrado por terra. Sentava-se junto dele, acariciava-lhe os cabelos e perguntava-lhe se durante o sono – assim *Tana* chamava o seu estado de inconsciência – tinha sonhado. Ele respondia que sim, que tinha tido muitas e estranhas visões...

A jovem vestida de vermelho estava a dirigir-se à sua mesa e ele começou a pressentir aquele tremor. Tinha de pedir ajuda a uma santa, a uma fada ou até mesmo a uma bruxa para poder desaparecer, mesmo que fosse para sempre. Precisava da ajuda de todas elas para que não acontecesse o que estava para acontecer. Alguns instantes e aquelas pessoas de consideração haviam de o ver rebolar pelas pedras, babar e agitar violentamente as pernas e os braços. Também o seu pai se tinha apercebido da crise eminente: olhava-o fixamente, imóvel, com um olhar furioso. Sentiu a mão de *Tana* a agarrar a sua mão direita e a apertá-la com força. Enquanto isso implorava em silêncio: Meu Deus, não, não aqui! Não mexeu os olhos, nem em direção a *Tana*. Olhava em frente, concentrado naquele vermelho que se aproximava. Esforçou-se para respirar profundamente, para controlar o ritmo cardíaco, esvaziou a mente de todos os pensamentos. Quando *Tana* aliviou a pressão da mão, percebeu que o pior tinha passado. A honra da família estava salva.

Depois daquela ocasião não a vira mais. Para dizer a verdade tinha-a visto de longe, numa manhã de sol, percorrer de braço dado com o pai a rua na qual se situava a casa dos *Portinari*, seguida de um cortejo festivo. Estava a mudar-se para a casa do marido, *Simone dei Bardi*. Ninguém, no entanto, o tinha convidado – não era suficiente a amizade de Manetto – e assim, contrariado, para não dizer ofendido, fingia-se indiferente: limitou-se a dar uma espreitadela à noiva por cima das cabeças dos curiosos aglomerados nas bordas da estrada. Contudo nunca mais esquecera aqueles olhos verdes a aparecerem-lhe por um instante graças a uma rajada de vento que tinha levantado uma ponta de um véu branquíssimo.

Folco – tinha pensado com um misto de raiva e de inveja – tinha combinado um casamento verdadeiramente de exceção. Os *Bardi* eram dos banqueiros mais ricos da cidade. Simone não se ocupava nem de finanças, nem de mercadorias, nem mesmo da política da cidade. Nunca fora eleito para nenhum cargo. De si mesmo era costume dizer: «Eu sou embaixador». Embaixador dos *Bardi*, bem entendido. Com os conhecimentos que tinham não se cansavam a procurar para ele, um após o outro, bons cargos como administrador comunal ou como capitão do povo, dependendo da ocasião,

nas cidades da Toscana e da Úmbria. Dois coelhos com uma só cajadada: privilégios para *Simone* e apoios para o banco da família.

Aquele *Simone*, ele detestava-o. Era o modelo perfeito do novo-rico que, porque tinha comprado um título de cavaleiro, se sentia não só acima da lei, como também acima da boa educação. Ignorante, presunçoso, arrogante e também violento: só a sua presença fazia-lhe ferver o sangue. Graças a Deus, em Florença via-o raramente. Passava os seus dias a fazer respeitar códigos e normas, que mal sabia ler, nas pobres cidades que lhe tinham confiado aquele trabalho.

6

Começaram a andar. Do outro lado da ponte viraram à esquerda e foram pela rua que, ladeando o rio, chegava à *Porta di San Niccolò*. Como de costume havia um grande congestionamento de carros e de peregrinos: dali começava a Via Cássia para Siena e Roma.

Aquela rua ele conhecia-a bem. Não havia de ser capaz de contar as vezes que a tinha percorrido para a frente e para trás, com um ar falsamente atarefado, movido apenas pela vontade de poder vê-la só por um instante. Desde que era casada, *Bice* morava naquela rua.

E foi mesmo naquela rua que pela primeira vez se perguntara de que natureza eram os sentimentos que demonstrava por ela.

Tinha acontecido muitos anos antes, onze, para ser mais exato, numa manhã de maio.

Ele caminhava em passo ligeiro em direção à igreja de *San Niccolò*. Estava de mau humor. No adro, na verdade, esperava-o um certo *Tedaldo*, um negociante ao qual tinha prometido pagar, daí a poucos dias, assim que fosse maior de idade, um empréstimo nunca cobrado do seu pobre pai. E assim, sem custos, havia de se livrar também daquela dívida. Aqueles assuntos de dinheiro aborreciam-no. Não tivesse sido por insistência de Lapa, para que ele falasse com aquele intriguista, que sempre que o via lhe engrandecia a habilidade para os negócios do saudoso *Alighiero*, não lá havia de ir mesmo.

Ao pé das casas dos *Bardi* tinha visto três mulheres a sair de um portão e a vir na sua direção. Caminhavam lado a lado: nas pontas duas anciãs vestidas de viúvas, no centro uma jovem com um vestido branco e com as faixas maritais. Já então não via muito bem e, por isso, só quando se aproximaram reconheceu *Bice Portinari*.

Pensativa, tinha a cabeça inclinada e os olhos pregados no chão. Mais um pouco e haviam de se cruzar. Foi tomado pela ansiedade. Perguntava-se se e como cumprimentar. Temia ser descortês, até atrevido, mas depois tomou coragem e quando passaram ao seu lado voltou-se para as senhoras e com um fio de voz disse:

«Bom-dia».

Bice levantou os olhos do chão e fixou-o: eram de um verde resplandecente.

Também as duas senhoras mais velhas o olharam e responderam:

«Bom-dia».

E depois sucedeu o que nunca se havia de esperar. O rosto sério e um pouco triste de *Bice* iluminou-se num sorriso e a sua voz suave, mas firme, disse pausadamente:

«Bom-dia, Dante».

Tanta audácia deixou-o atónito. Tinha dito «Dante»! A familiaridade daquela saudação tirou-lhe todas as forças. Deteve-se, imóvel, a vista enevoada e a cabeça à roda. Foi um instante, que a ele pareceu eterno. Depois, sem proferir uma única palavra, curvou-se e acelerou o passo. Só depois de ter percorrido alguns metros encontrou forças para se voltar: viu-as entrar na igreja de *Santa Lucia*.

Tedaldo esperou-o em vão. Sentara-se no primeiro assento que lhe apareceu à frente. Tinha-o tomado uma vontade incontrolável de chorar, de chorar de felicidade. Correu para casa, esperando que não estivesse lá ninguém. Tinha necessidade de ficar sozinho. Era a primeira vez que chorava por uma mulher. Eram talvez lágrimas de amor?

A troca de saudações tinha acontecido em 1283, nove anos depois do *Calendimaggio* em casa dos *Portinari*. E desde então não tinha feito outra coisa senão matutar sobre aquele número nove. Quantas vezes se tinha manifestado. Estava certo de que era um sinal, mas por muito que pensasse naquilo não conseguia decifrar a mensagem.

A passos largos ele e *Lapo* tinham chegado diante do palácio dos *Mozzi*.

Nas suas idas e vindas por aquela rua, sempre a fingir ter assuntos a tratar, permanecia quase por obrigação diante dos muros dos *Mozzi*. Era a raiva a obrigá-lo. Do palácio maior e mais sumptuoso da cidade, que tinha hospedado papas e reis, nunca um *Alighieri* tinha atravessado a porta. Aos *Mozzi* não bastavam os poemas.

Naquela tarde, não só não parou, como nem sequer se apercebeu de ter passado diante do palácio que tanto detestava. Prosseguia a perguntar-se quais seriam os seus sentimentos por aquela mulher. Que era atração, estava seguro, mas era amor aquilo? As crises de epilepsia não terão tido mesmo aquele significado?

Com o tempo tornaram-se muito espaçadas, mas em compensação transformaram-se numa espécie de marca que *Bice* imprimia nele. Que os sintomas se manifestavam na sua presença, e só na sua presença, era um facto. Que depois degenerassem até ao desfalecimento ou que retrocedessem dependia do modo como *Bice* lhe surgia à frente: se a sua aparição era aguardada e prevista, ele com a força de vontade conseguia controlar-se, se era inesperada e repentina, não havia vontade que o salvasse. Com algumas, poucas exceções.

Um mês antes – *Bice* era ainda uma flor e nada deixava suspeitar o que havia de acontecer – passeava distraído como era seu costume: repetia mentalmente as belíssimas frases de Cícero que tinha lido em casa de *Ser Brunetto*. Aliás, de vez em quando parava no meio da rua e declamava-as em voz alta. Pelo canto do olho espreitava os transeuntes que, depois de passarem por ele, voltavam-se para trás e com os gestos das mãos, de forma grosseira, davam a entender que aquele tipo não estava bem da cabeça, estava a ficar completamente maluco. Mas ele nem reparava nisso. Não se tinha apercebido que *Manetto* estava diante dele e o chamava pelo nome. Sobressaltou-se apenas no momento em que estava para chocar com ele. *Manetto*, de bom humor como sempre, rebentou numa estrondosa gargalhada:

«Vem comigo poeta, vamos divertir-nos. Verás quantas belas mulheres.»

Estava vestido de festa. Insistiu para que se juntasse a ele: numa casa pouco distante uma conhecida deles, recém-casada, fazia o seu primeiro almoço de casada na companhia das amigas e dos vizinhos do quarteirão. Os jovens haviam de ser bem-vindos.

Foram levados para uma sala muito elegante de paredes pintadas com cenas de caça e histórias de cavaleiros. Os convidados eram numerosos. Muitos estavam sentados à mesa preparada no centro da sala, outros conversavam de pé em pequenos grupos, outros ainda andavam de um grupo para outro. Dois alaúdes tocavam as melodias da moda; a música misturava-se ao tilintar das louças e às explosões de risadas que se inflamavam nos aglomerados de jovens reunidos à volta das damas. *Manetto*, tivesse ele esquecido ou tivesse feito de propósito, não lhe tinha dito que entre aquelas mulheres havia de encontrar também a sua irmã.

Viu-a entrar de repente e dirigir-se à festejada. Homens e mulheres desviavam-se à sua passagem e ela respondia com um sorriso suavemente triste aos seus cumprimentos. Ele começou logo a tremer. O abanão crescia, não havia nada a fazer, havia de cair no chão. Apoiou-se a uma das paredes decoradas, mal o fez a tempo, porque poucos minutos depois perdeu a visão. No escuro percebia que o estavam a observar. Poucos instantes ainda e havia de desmaiar... Foi *Manetto* a socorrê-lo. Agarrou-o pelos sovacos e levou-o para fora. Ao ar livre voltou a si. *Manetto* olhava-o como havia de fazer *Tana*.

O significado do nove não conseguia decifrá-lo, mas o que significava esse outro sinal, porque também isto era um sinal, tinha a certeza. A menos que.... Sim, porque às vezes duvidava das suas certezas. Que se sentia atraído por *Bice* estava fora de discussão, mas perguntava-se também se, por acaso, não eram os gestos de amizade, a atenção que ela lhe dava, a levá-lo a interpretar como sentimento amoroso a satisfação de ser considerado por uma das damas mais notáveis de Florença. Depois, que coisa sabia ele do amor... Nunca tinha experimentado aqueles excessos de onipotente felicidade que faziam dizer ao seu Guido: «Eu caminho sobre as águas». Nunca tinha caído na negra melancolia em que Guido se afundava. Mas dizia a si próprio também que nunca tinha sentido por

Gemma a euforia, o contentamento que lhe dava a presença de *Bice*, ou mesmo o desejo de revê-la quando não estava ao pé dela. E também nunca, contudo, lhe tinha acontecido perguntar-se se ele, *Gemma*, a amava.

Gemma. Que mistério!

Na sua vida tinha entrado por acaso. Outros tinham decidido. Como, ao crescer, desponta a barba e te cobres de pelos, e tu não te apercebes disso, assim ele, um dia, acordara com aquela mulher na cama, e parecera-lhe que tinha estado sempre ali. No entanto *Gemma* era a prova que na vida o acaso não existe, pelo menos, na sua.

Se desde criança não tivesse teimado em querer ser poeta, na sua cama agora havia de estar uma outra mulher.

O avô *Durante* imaginava-o advogado; *Brunetto* via-o notário. Já há alguns anos sabiam ambos que o Dante deles não havia de se tornar nem advogado, nem notário, mas naquela época ele evitava desiludi-los. Na verdade, fazia-lhes a vontade, com medo de que pudessem tirar-lhe os seus amados poetas latinos.

O avô pensou que para um brilhante advogado um casamento com uma menina da alta sociedade havia de ser o ideal. Mas como convencer uma família aristocrata a aliar-se aos *Alighieri*? O avô jogou a carta da conveniência económica. Mesmo para os magnatas mais ricos, sobretudo se além disso tinham muitas filhas, os casamentos de prestígio comportavam uma bela despesa: os dotes podiam ascender a montantes insustentáveis, também para eles. Uma solução digna, sem pagamento, era por certo bastante apelativa. Seu pai certamente teria pensado de outra maneira. *Alighiero* era vaidoso, mas em relação ao estatuto social havia, mesmo assim, de dar primazia ao dinheiro. Havia de se meter à procura de qualquer um que tivesse enriquecido, eventualmente chegado à cidade há pouco tempo, e em troca de um dote consistente havia de aceitar uma filha dele na sua família.

O avô pretendia algo mais.

Por fim lançara o olhar sobre uma menina, nada menos que dos *Donati*, e *Donati* significava a mais alta nobreza de Florença. Não propriamente do ramo principal, como o de *Corso*, mas de qualquer forma aqueles *Donati* em matéria de nobreza não brincavam: o pai da menina, *Manetto*, era cavaleiro. Nos seus cofres, porém, os florins corriam bastante menos copiosos que o sangue nobre que lhes corria nas veias. E assim a carta do dinheiro revelou-se vencedora. A promessa tinha-lhe dado em dote uma miséria. O cavaleiro *Manetto*, em vez de pagar em dinheiro, tinha pagado com o prestígio do nome.

Gemma tinha-lhe dado um filho, outros haviam de vir: era respeitosa, devota. Se bem que a sua confidente continuasse a ser *Tana*, era afeiçoado àquela boa mulher cheinha e de poucas palavras. A escolha do avô tinha sido feliz: a parentela prestigiada tinha-lhe dado uma boa mão para sair do mundo dos negociantes que por nascimento havia de ser o seu.

Se o amor por uma mulher era aquilo, então ele amava-a. Bem, de caminhar sobre as águas nunca se tinha sentido capaz, mas, para ser sincero, nem mesmo a excitação quase febril que crescia dentro de si na presença de *Bice* fazia nascer pensamentos daquele tipo. Quando muito surpreendiam-no, e deixavam-no perplexo, certos clarões que vislumbrava nos olhos de *Gemma* quando, sentado à mesa da cozinha, durante horas e horas, com o ar beato de uma criança que brinca, colocava no papel os seus versos. *Gemma* não sabia ler, e ele não lhos recitava, mas adivinhava sobre quem estava a escrever.

7

A luz intensa do dia tinha diminuído. Não era ainda o crepúsculo, era apenas uma espécie de extenuação da luminosidade, como se os raios de sol se tivessem desfiado. Por cima de Florença não havia uma nuvem, mas em direção a *Fiesole* uma compacta neblina acinzentada encobria o céu.

De longe, pareceu-lhe ver um ajuntamento de pessoas ao pé da Igreja de *Santa Lucia*. Sob aquela luz incerta os seus olhos doentes não distinguiam quem eram.

Eram pedintes: seminus, sujos, aleixados; uns agitavam o coto, outros arrastavam-se pelo chão; os idiotas riam-se escancarando a boca desdentada. Um cordão de servos, de bastões na mão, impedia-os de se aproximarem do portão dos *Bardi* e, assim, apinhavam-se logo a seguir à igreja a obstruir a rua. Havia de ter de atravessar aquela multidão esfarrapada, afastando dezenas de mãos estendidas, no meio de uma litania de súplicas choramingadas, de bênçãos falsas pronunciadas com lampejos de ódio nos olhos. Àquele espetáculo estava habituado. Mas na cara daqueles desgraçados estava estampado um sorriso que queria ser de humilde submissão e que, pelo contrário, se revelava quase trocista. Eram sorrisinhos de satisfação, aqueles. O rumor de que uma senhora rica estava a morrer devia ser divulgada rapidamente e eles esperavam. Mais cedo ou mais tarde ali havia de ser o funeral e depois do funeral aqueles ricalhaços haviam de distribuir uma bela esmola.

Perturbou-o ver que diante do portão escancarado dos *Bardi* estavam paradas muitas pessoas: damas com véus, homens vestidos a rigor. Movimentavam-se com lentidão, estudavam os gestos, falavam em voz baixa. A atmosfera compungida que pairava diante daquele portão contrastava violentamente com a confusão desordenada que tinha acabado de deixar atrás de si.

O grande salão no piso térreo estava na penumbra. Mas bastou-lhe atravessar a soleira da porta para ter a sensação de que estava cheio de gente. Uma onda de calor doentio bateu-lhe no rosto, começou logo a suar. Fez sinal a *Lapo* que ia avançar, mas parou perto da porta. Não queria que o vissem a pingar, havia de esperar que a subtil corrente de ar que vinha do exterior o enxugasse.

Ali dentro qualquer coisa lhe recordava as cerimónias da igreja. Compreendeu que era o cheiro das velas que ardiam. Uma névoa pairava por baixo da abóbada. Franziu os olhos e viu um denso volume

de fumo sair de uma porta lateral e flutuar sobre a massa escura dos presentes. E logo depois ouviu a lengalenga. Daquela mesma porta provinha, por vagas, o som de uma oração da qual não conseguia perceber as palavras e aquela torrente sonora sufocava o burburinho de tantas pessoas que tagarelavam entre si em voz baixa.

Não era a vigília de uma pessoa a morrer, aquela.

Pensou que *Lapo* não tinha querido ser ele a dar-lhe a notícia do falecimento.

Decidiu-se a entrar. No salão estava amontoada toda a aristocracia de Florença: *Frescobaldi, Spini, Mozzi, Donati, Adimari, Della Tosa, Pazzi, Sacchetti*.... Avançava a pequenos passos, tentando não chocar com ninguém. Inclina-se respeitosamente diante das pessoas suas conhecidas: algumas respondiam com um aceno de cabeça, outras nem se dignavam a cumprimentá-lo. Comportavam-se todos com elegância, mas suavam abundantemente. Ainda que fizessem uma cara de tristeza, ninguém chorava. As damas agitavam os leques no rosto e no peito. Aquele verão prematuro era uma boa desculpa para o meter à mostra.

Ele sentia-se constrangido. Se aquele imbecil do *Lapo* o tivesse avisado, havia, pelo menos, de ter mudado de roupa. E, pelo contrário, ali estava ele, entre veludos e brocados, com a sua roupinha de todos os dias, uma tunicazita de algodão um pouco desbotada que sobressaía mais que uma mancha de vinho tinto numa toalha imaculada. Porque é que haviam de deixar entrar este mendigo? Haviam de se perguntar os muitos que não o conheciam. O *Alighieri* de sempre, haviam de pensar os outros: o que é que quer demonstrar? Não os ouvia, mas imaginava os seus comentários: «Mas o que é que pode querer demonstrar... a mesma coisa». «Já sei, que a nobreza está na alma.» «Apesar das boas maneiras.» «Digamos mesmo do bom gosto.»

Iacopo Bardi, irmão de *Simone*, fazia as honras da casa.

Ouvia-o repetir a este e àquele que *Simone* tinha sido avisado, que havia de chegar o quanto antes, a cidade de Prato não era assim tão distante.... Acabado o pequeno discurso, via-o esfregar as mãos aliviado, como se pensasse: missão cumprida. A um homem de rosto largo e verrugento que, indiferente ao calor sufocante, usava uma boina de veludo ornada com pele – reconheceu-o, era o cônsul de *Calimala* – explicava com dolorosa resignação:

«E quem esperava isto. Três dias, apenas três dias..., mas quanto sofreu, pobrezinha!»

E depois ouviu-o tranquilizar o interlocutor:

«Não, não... varíola não. Não sabemos que coisa seja, mas seguramente não é varíola».

No centro de um grupo, do qual os outros mantinham respeitosa distância, entreviu *Vieri dei Cerchi*. Dirigiu-se a ele para lhe prestar homenagem. A *Vieri* estava sinceramente grato. Graças a *Vieri*, que o tinha recrutado para os cavaleiros de ataque na guerra contra os gibelinos refugiados, ele podia gabar-se de ter combatido em Campaldino, o primeiro da sua família, no batalhão em que militavam os jovens mais nobres e distintos da cidade.

Quando o viu ao longe, *Vieri* abriu os braços fazendo sinal a quem estava ao seu lado para dar espaço e foi ao seu encontro com estudada lentidão.

Era de baixa estatura, gordo, e com os cabelos precocemente embranquecidos; cada gesto seu exprimia afabilidade e cortesia. Um grande diplomata, um príncipe da Igreja, eis ao que se assemelhava o mais rico banqueiro de Florença.

Com as mãos segurou-lhe os braços acima dos cotovelos e manteve-os apertados muito tempo, sorrindo-lhe. O seu sorriso contagiou os senhores com quem estava a conversar. Ele perguntava-se se havia de ser o primeiro a falar ou se devia esperar que *Vieri* rompesse o silêncio. Estava na expectativa, mas ao mesmo tempo deleitava-se com a sensação de ser ele, com a sua tunicazita, o centro das atenções da sala. Por fim *Vieri*, com um ar sério, mas em alta voz, para que todos ouvissem, disse-lhe:

«Dante, a nossa *Bice* vive no Céu e nas tuas poesias».

Um arrepio de felicidade serpenteou-lhe por todo o corpo.

Pensou em Guido, pouco depois, a arruiná-la.

Tinha brotado da porta de onde saía o fumo das velas. Viu-o furar a multidão a grandes passos, empertigado, a olhar fixamente para a sua frente. Homens e mulheres davam-lhe espaço, respeitosos, quase intimidados. Vinha direito a ele. Colocou-se-lhe à sua frente e pousou-lhe uma mão sobre o ombro, à maneira de um velho amigo, inclinou-se um pouco – Guido era alto e magro, ultrapassava-o – e murmurou:

«A tua *Beatrice* ainda não subiu ao Céu, encontra-la ali» indicou a porta, «está ali, estendida sobre a mesa».

Guido talvez quisesse ser afetuoso. Ele, porém, ressentiu-se. Naquelas palavras tinha percebido uma censura. Como se Guido tivesse querido dizer-lhe: «Estamos todos no mesmo barco, tu e a tua *Bice*, agora irás percebê-lo». Mas depois pensou que a brutalidade daquelas palavras nascia da resignação. Nunca aquele homem rigoroso tinha cedido a qualquer ilusão.

Vagueava entre um grupo e outro: vénias, cumprimentos, breves frases de circunstância, poucos encontros comovidos. E, entretanto, não tinha deixado de lançar olhadelas ansiosas àquela porta que continuava a inundar todos de fumo e de salmodias. Não se decidia a atravessá-la. Aproximava-se dela, estava prestes a dar o passo decisivo, mas sempre que tentava voltava atrás e recomeçava o deambular insensato. Tinha medo.... Prolongar o ritual dos cumprimentos na realidade um sentido tinha. Inventar obrigações sociais era uma maneira de fazer tempo, de sentir-se menos covarde.

Tinha constatado que poucos de entre os presentes iam visitar a defunta. Isso sossegava-o: o seu comportamento não havia de ser julgado impróprio.

Temia o seu mal. O seu corpo como havia de reagir lá dentro? Sintomas, por hora, nada, mas estava seguro de que o seu mal não o ia poupar. E ele não havia de aguentar a vergonha. Em toda a Florença havia de passar de boca em boca a história daquele Alighieri, sim, aquele, o poeta, que se rebojava aos pés do catafalco a babar-se como um cão raivoso só com uma tunicazeca imunda de baba.

Lapo tocou-lhe no braço. Vinha da camara ardente. Estava com as lágrimas nos olhos, a voz engasgada:

«Vai, Dante, *Bice* espera-te».

«Vou» respondeu, como se tivesse recebido uma ordem e avançou.

Dados alguns passos, voltou atrás e, a andar junto às paredes, dirigiu-se rápido ao portão que dava para a rua.

O sol tinha-se posto há pouco. As silhuetas das torres e dos casebres sobressaíam negras contra um céu ainda luminoso. A rua, em baixo, estava imersa na escuridão.

Não se tinha apercebido que tinha passado tanto tempo.

Lá fora não havia mais ninguém. Apenas dois criados dos *Bardi* enfiavam tochas acesas nos anéis de ferro cravados na fachada. As chamas serpenteavam tocadas pelo vento projetando sombras inconstantes na calçada, nos dois lados da faixa de luz que saía pelo portão da casa. O tempo estava a mudar. Rajadas de vento muito quente varriam de vez em quando a rua. Grandes nuvens esbranquiçadas, talvez de calor, tinham-se adensado por cima da cidade. Sobre os Apeninos o céu, já escuro, era atravessado por uma saraivada de relâmpagos silenciosos. Uma outra faixa clara espalhava-se à frente da igreja de *Santa Lucia*: o portal escancarado, dentro estavam a preparar tudo para o funeral. Uma vozeria rouca, interrompida por gritos femininos, vinha da zona de penumbra do outro lado da igreja. Os pobres, afastados ainda para mais longe, estavam a lutar para açambarcarem os melhores lugares. Tinham experiência, eles, não deviam esperar o veredito dos médicos para saber que a morta havia de ser sepultada naquela mesma noite.

De repente veio-lhe à cabeça que em casa talvez o esperassem para o jantar. Não podiam saber que a sua visita de despedida se tinha transformado num funeral. Mas depois pensou que a notícia devia ter chegado aos seus ouvidos: os *Portinari* moravam a poucos metros. *Gemma* devia estar em pulgas com a ideia de que o seu marido desfilava naquele funeral de classe vestido como estava.

Tinha-se dirigido à igreja. Sem motivo, apenas por hábito. Sempre que percorria a rua dos *Bardi* nunca deixava de entrar na Igreja de *Santa Lucia*: esperava encontrar *Bice* que rezava. O grito de dor de um aleijado atingido por uma bastonada, porque se demorava a afastar-se do portão, fê-lo sobressaltar. Por um instante teve a sensação de que o laçao havia de bater também nele mesmo. Sentiu calafrios. Mas logo a vénia obsequiosa de um dos energúmenos armados de bastão trouxe-o à realidade.

«O que é que estou a fazer?» disse a si mesmo. «Não é este o meu lugar.»

Por mais que aquilo o repugnasse, o seu lugar era lá dentro. *Bice* esperava-o.

Inspirou profundamente, queria que os criados pensassem que tinha saído à rua apenas para se refrescar e depois com passo rápido passou o portão. Atravessou o átrio sem parar e encontrou-se na camara ardente.

8

O aposento era amplo, mas dezenas e dezenas de velas iluminavam-no como se fosse de dia. Os *Bardi* não olhavam a despesas. O corpo de uma mulher estava deitado sobre um catafalco negro, no centro da sala. À volta assentos vazios. Ajoelhados ao longo das paredes uma fileira de frades franciscanos rezava as orações dos mortos, monotonamente, como se fosse um trabalho. Com poucos modos uma criada substituía os cotos de cera por velas novas. Que ali ao lado estivesse o cadáver da sua patroa parecia mesmo não ter importância para ela.

Parado na porta olhava em redor. Homens e objetos estavam envoltos no fumo das velas. Os olhos tinham começado a lacrimejar. Incomodou-o um odor adocicado de incenso: talvez estivesse a ser queimado numa braseira que não via. A primeira impressão foi a de se encontrar na abside de uma igreja logo depois que, terminadas as cerimónias religiosas, os fiéis se tinham ido embora. Os mesmos fumos, os mesmos odores, a mesma sensação de abandono.

Mais do que explorar a divisão, ouvia o seu corpo. Ao catafalco tinha apenas deitado uma rápida olhadela.

Finalmente, decidido, aproximou-se da grande mesa coberta com o pano preto, pronto a suportar o confronto com o seu mal.

O corpo minúsculo com um vestido vermelho jazia com as mãos cruzadas sobre o peito; um véu de seda branca cobria o rosto. Na extremidade das vestes apareciam dois pezinhos calçados com sapatinhos pretos. Ficou a fixá-los hipnotizado.

Sentiu um movimento próximo. Apenas nessa altura se apercebeu de *Manetto*.

Estava sentado numa cadeira do outro lado do catafalco. Estava a observá-lo e sorria-lhe melancolicamente. Tinha os olhos inchados. Respondeu também ele com um sorriso. Entre eles não havia necessidade de palavras.

Seis meses antes tinha-o visto chorar no funeral do pai. Naquela manhã de dezembro estava muito frio. O cortejo que da casa dos *Portinari* se dirigia ao hospital de *Santa Maria Nuova* era atingido pela nortada que levantava os mantos e impedia de acender as velas. Pesadas nuvens negras ameaçavam chuva.

Eram muitos a acompanhar *Folco* à sua última morada. *Folco* tinha sido um grande homem, generoso e bem-querido. O hospital dos pobres para onde o estavam a levar tinha-o construído com o seu dinheiro, e talvez, murmurava-se, tivesse gastado mais do que devia.

Bice seguia o caixão, no qual estava deitado o cadáver do pai, levado por *Manetto* e *Ricovero*; atrás deles vinham os outros irmãos, dois a dois. *Simone dei Bardi* encontrava-se em *Volterra*. A sua ausência não admirava a ninguém.

«Aquele não se havia de mexer nem mesmo pela mãe, quanto mais pelo sogro» comentava um a abanar a cabeça.

«Ah, sim» concordavam os que estavam mais próximos dele.

Um velho cuspiu no chão, em sinal de desprezo.

Ele, várias filas atrás, procurava não perder de vista *Bice*. De vez em quando, entre os ombros e as cabeças que lhe balançavam à frente, via com dificuldade as suas costas: estremeciam com os soluços. Os seus lamentos, pelo contrário, chegavam até ele bem distintos. Agudos, lancinantes, dominavam o réquiem entoado pelos padres e por uma multidão de frades.

Na apertada capela do hospital estavam próximos uns dos outros. Enquanto um sacerdote abençoava o defunto, *Bice* libertara-se do abraço dos irmãos e precipitara-se a beijar o rosto do pai, estendido no pavimento. Não eram gemidos os seus, eram uivos de animal ferido. Rebolava-se pelo chão maldizendo a morte assassina, arrancava os cabelos, arranhava as bochechas. Ele estava chocado: as palavras desconexas gritadas por *Bice*, a violência com que ensanguentava a face não eram as normais manifestações de dor a que as senhoras de família eram obrigadas. Aquelas feições desfiguradas eram-lhe desconhecidas, estranhas, repudiavam-no. Depois converteu a perplexidade em admiração. Lembrou a indiferença com que ele tinha observado o corpo sem vida do seu pai esticado no chão de *San Martino*.

Depois do enterro as pessoas foram apressadas para casa em pequenos grupos. Entretanto tinha começado a chover. Com o capuz na cabeça passou ao lado de duas mulheres que se protegiam da chuva debaixo do mesmo xaile. Uma – pareceu-lhe reconhecer uma criada dos *Portinari* – dizia à outra:

«Agora, pobrezinha, *Bice* está mesmo sozinha».

Mexericos de criadas, pensara, e continuara a andar.

Que o véu lhe tapasse o rosto era um bem: havia de recordar apenas o esplendor dos olhos verdes. E depois o véu mantinha à distância o seu mal. Nem sequer a sombra do mais pequeno tremor. Estava a observar aquele corpo sem vida com tranquila indiferença. A perturbação da ansiedade, da esperança, do medo que o tinha agitado à entrada tinha-se atenuado por completo. Quantas expectativas tinha colocado naquele último encontro. Tinha dito a si mesmo que diante do vulto de

Bice composto pela serenidade da vida eterna havia finalmente de compreender de que natureza eram as batidas do seu coração. Mais, que o mistério da morte havia de revelar o segredo daquela mulher.

Todos lhe queriam bem, todos estavam fascinados por ela, mas ninguém conseguia compreender verdadeiramente o que se escondia por detrás da sua tão doce modéstia. Os olhos, as palavras, os prolongados silêncios deixavam transparecer, quase impercetível, uma ponta de melancolia. O seu pudor reservado atraía a atenção, tornava-a mais sedutora, mas impedia-a de se abandonar aos jogos de sociedade, às conversas que se teciam em torno dela. No fundo da alma aquela mulher ocultava um grumo de tristeza. O verdadeiro mistério, pensava ele, era que aquela sombra amarga não a tornava nem esquiva, nem distante; pelo contrário, a qualquer um que lhe falasse, ou até mesmo que só a olhasse, *Bice* transmitia uma sensação de serenidade, de beatitude. *Beatrice!* Nenhum outro nome lhe havia de poder ser dado. Os seus poemas falavam precisamente disto, do milagre de uma mulher cuja simples presença colocava homens e mulheres em paz consigo mesmos.

Agora um pequeno lenço cobria o seu rosto. E ele ficou ali parado sem se colocar qualquer pergunta. Não conseguia tirar os olhos dos pezinhos negros que despontavam da saia vermelha. Era a parte do corpo mais íntima que dela ele já tinha visto. Aqueles pezinhos tinham-lhe trazido à memória uma festa de *Calendimaggio*.

Ao anoitecer, no adro da *Santa Trinita*, brigadas de rapazes e moças enfeitadas com flores dançavam ao som de alaúdes e címbalos. Das janelas das casas pendiam estandartes e ramos frondosos. Uma grande multidão rodeava os bailarinos e incentivava-os batendo palmas.

Ele observava sem se deixar envolver.

Um alvoroço festivo começou a surgir da ponte sobre o rio Arno; logo depois um vasto grupo de jovens mascarados espalhou-se pela praça. Entre os recém-chegados distinguiam-se um Cupido e o seu pequeno pajem. Foi com enorme espanto que por trás da máscara de Cupido reconheceu *Bice* e na mulher que lhe fazia de pajem *Vanna*, a amada pela qual, nessa altura, sofria o seu Guido. Nunca havia de pensar que *Bice* pudesse abandonar-se a uma tão desenfreada alegria, que a sua dama triste escondesse a alegria de uma criança.

Aos poucos os outros jovens que dançavam tinham-se afastado deixando-as sozinhas no centro da praça. Os presentes, em círculo, tinham deixado de bater palmas e observavam encantados as duas mascaradas. Faziam-se passar pelas figuras das máscaras rindo em voz alta, nas pausas lançavam olhares insinuantes ao público, que começou a aplaudi-las. O disfarce tinha-as tornado ousadas. Ele não batia palmas, mas, sem se aperceber, batia o ritmo com os pés e balançava a cabeça, alegremente hipnotizado. Não tirava o olhar dos ágeis pezinhos do Cupido: moviam-se sem parar com saltitos cada vez mais rápidos, quase não tocavam o solo.

Vieram-lhe à lembrança as palavras que uma senhora de idade, sentada de esguelha numa cadeirinha perto dele, estava a dirigir a uma amiga agachada ao seu lado:

«Que bonito vê-la assim alegre!» dizia a desconhecida, enquanto a outra concordava com a cabeça.

«Bom Deus, também ela tem direito a um pouco de felicidade!»

As duas velhas não tinham revelado nada de perturbador, contudo ele tinha sentido uma pontada no peito. Havia de querer pedir explicações, mas havia de ser uma indiscrição grande demais. Vieram-lhe à memória que algumas vezes nas reuniões da alta sociedade acontecera-lhe surpreender pares de senhoras a darem cotoveladas erguendo o queixo em direção a *Bice* e a dizerem palavras ao ouvido enquanto ela, sorridente, estava rodeada por um grupo de cavalheiros. Mas depressa a imagem do anjo levava a melhor e com a sua luminosidade dissipava qualquer sombra.

Alguém o agarrava por um braço. Era *Manetto*.

«Vamos ter com os outros, seria descortês ficar mais tempo.»

A porta defronte àquela da camara ardente tinha sido completamente aberta. Já muitos estavam a ir naquela direção.

Iacopo tinha anunciado que o funeral se havia de realizar naquela mesma noite. *Simone*, infelizmente, não havia de chegar a tempo, mas o calor era verdadeiramente demasiado, e aos médicos não parecia conveniente esperar mais.

De boca em boca corria sussurrada a palavra variola.

Na sala, com as mesmas dimensões daquela onde jazia o corpo de *Bice*, tinham sido preparadas três grandes mesas em forma de ferradura. Os empregados iam e vinham trazendo bandejas repletas de iguarias e garrafas de cristal cheias de vinho. As criadas enchiam os copos de prata que depois estendiam às visitas. Com uma cara alegre convidavam-nos a servirem-se. O burburinho do átrio tinha-se transformado em vozeria. No ar ressoavam chamamentos, alegres exclamações de surpresa, até risadas. *Iacopo* respondia com palavras de circunstância aos pêsames que lhe eram dados, murmurando com a boca cheia de comida. Faltava apenas a música, e havia de se dizer que os *Bardi* estavam a dar uma festa.

Bebeu um golo de água fresca. O estômago fechado não havia de tolerar coisa nenhuma. A ideia de ter de suportar aquela alegria grosseira oprimia-o.

Pensava em *Bice*, que continuava sozinha.

O cortejo percorria o breve trajeto até à igreja. O caixão com o corpo e os vários padres que realizavam a cerimónia fúnebre tinham já entrado enquanto a fila estava ainda a sair de casa. O odor a incenso tinha invadido a rua. Agora que tinha ficado silêncio, ouvia-se o arrastar dos pés nas pedras. Do campanário de *Santa Lucia* vinha um lento toque que ritmava os passos, depois juntaram-se os sinos de *San Niccolò* e, por último, os de *Santa Maria Sopr'Arno*: aqueles sons fúnebres sobrepunham-se num lúgubre concerto. Da igreja vinham os gritos das carpideiras e misturavam-se aos lamentos e

aos prantos interesseiros dos pobres. Mais ninguém chorava. Talvez *Manetto*, *Ricovero* e as irmãs de *Bice*, mas do seu lugar ele não os conseguia ver. Aliás, nem ele chorava. E nem sequer pensava em *Bice*.

A sua atenção era atraída pelas luzes. Em baixo, as muitas velas que se moviam ondulando no escuro projetavam sombras enormes e em movimento nas paredes negras das casas. No alto brilhava a lua. O vento tinha aumentado, grandes nuvens negras perseguiam-se no céu. Por vezes tapavam a lua, mas logo depois o brilho do luar espalhava-se em redor criando estranhos efeitos luminosos. O temporal estava ainda longe, mas estava a aproximar-se. Relâmpagos sem trovões deslizavam pelo céu. A sua vista doente aureolava de névoa a lua e desfocava os contornos.

A luz momentânea de um relâmpago iluminou uma nuvem de um branco cândido: o vento estava a empurrá-la para o alto, para o meio das outras nuvens negras.

9

Florença, 8 de junho de 1294

Seriam necessárias as badaladas fúnebres.

Em criança, no último dia de agonia da sua mãe tinham-no afastado de casa. Ao cair da noite, sentado num banco em frente à lareira acesa, enquanto a velha que o acolhia para distraí-lo lhe contava a história do João Sem Medo que morreu assustado com a própria sombra, ouvira o sino da Abadia soar badaladas compassadas. Desde aquela noite a solidão tinha o som do toque dos sinos aos finados.

Badaladas fúnebres... Um sinal universal de luto. Jeremias! Os versículos da desolação. Tinha encontrado o retoque que procurava:

Quomodo sedet sola civitas plena populo! facta est quasi vidua domina gentium.

Solene e cadenciado, em latim, mas aos ouvidos de todos: deserta a cidade anteriormente cheia de gente...

E agora, já, o anúncio. A juntar à história. Escrevera que estava a pensar numa canção para descrever como é que a virtude de *Beatrice* operava dentro dele. Tinha composto e copiado a primeira estrofe. Bem, havia de começar dali:

*Estando eu no empenhamento desta canção, lhe tinha acabado a estância transcrita, quando o senhor da justiça chamou esta gentilíssima dama a ficar em glória sob a insígnia daquela bendita rainha Virgem Maria.*¹³

Agora vinha o mais difícil, não o dizer dizendo-o. A ideia que o deixava feliz era talvez um pouco rebuscada, talvez estranha, mas havia de funcionar. Bastava ser comedido. Contar uma coisa excecional como se fosse óbvia. Como podes não compreender? É tão simples. Assim:

*E posto que talvez agradasse tratar ao presente alguma cousa de sua partida, não é minha tenção fazê-lo aqui por três razões.*¹⁴

Um pequeno elenco de razões e o jogo estava feito. A simplicidade funciona sempre. Quais eram as razões tinha-o bem claro, mas não conseguia decidir-se por que ordem as apresentar. Seguir a lógica, isto é uma sucessão consequencial, ou baralhar um pouco as cartas? Em suma, obrigar a um acrescido pequeno esforço os seus leitores?

A cozinha tinha-se enchido de fumo. Piscava os olhos, que começavam a lacrimejar. Eram delicados os seus olhos, irritavam-se facilmente. Devia tê-los sempre limpos e refrescá-los frequentemente com compressas de água gelada. Não podia ficar outra vez no meio de todo aquele fumo.

Levantou-se para sair de casa.

«Não mexer!»

Tinha sido um pouco brusco, mas a pressa com que *Gemma* estava para se atirar aos papéis tinha-o irritado. Era possível que só em sua casa não se tivesse qualquer consideração pelos poemas que fora dali todos elogiavam? Sempre que se sentava na cozinha para escrever alguma coisa podia ler no rosto da mulher a pergunta: quando te decidirás a trabalhar? A miséria fazia perder o sentido de honra até a uma Donati. Quanto à madrasta, era só a filha de um comerciante de meia tigela...

Fora acomodara-se num assento de pedra, num bocado de sombra logo à direita da porta de casa. Apoiava as costas no muro. O muro estava quente por causa do sol intenso que nele tinha batido até pouco antes, mas ele não o sentia. Pensava, absorto...

Ao meio da manhã o vai e vem era contínuo. Quase todos homens: operários, empregados, alguns comerciantes... De vez em quando até um guarda-livros, um notário. No seu bairro conheciam-no todos. Ao passarem por ele, muitos cumprimentavam-no. Mal ouvia a voz deles. Retribuía dizendo «bom-dia» como se dissesse uma ladainha.

¹³ Tradução de Vasco Graça Moura (Moura, 1995, p. 109)

¹⁴ Idem

Pensava em S. Paulo.

A ideia que o desbloqueara tinha-lhe vindo mesmo dele. Procurava recordar exatamente as palavras com que o Apóstolo tinha contado aos Coríntios a sua experiência mística de há muitos anos atrás. Catorze, quinze? Há muitos anos, em todo o caso. O santo justificava-se por a ter ocultado tanto tempo. Paulo de Tarso não tinha certamente medo de ser tomado por um gabarola ou por um exagerado. Não tinha necessidade de entrar em pormenores. «Eu sei de um homem que foi levado até ao terceiro céu.» Não, escreve exatamente, agora o recordava: «Eu sei de um homem que, há catorze anos, se com corpo ou sem corpo não o sei, sabe-o Deus, foi levado até ao terceiro céu». Direto. Essencial. E modesto: um homem, ele, um homem qualquer. Depois, mesmo que quisesse querido, que pormenores havia de poder dar? Aquele homem tinha sido levado para o paraíso e lá tinha ouvido palavras inefáveis. A mente humana não pode reter a lembrança daquilo que Deus lhe concedeu excepcionalmente ver e ouvir na cidade celeste. A língua humana nunca poderia articulá-lo em palavras. «Há que vangloriar-se» escreve Paulo, «mas isso não é conveniente.» Ele não se vangloria daquele imenso privilégio, embora pudesse fazê-lo, e não seria um louco se se vangloriasse, porque conta a verdade.

Vangloriar-se! Eis a palavra de que andava à procura, louvar-se, ser louvador de si mesmo. A ideia tinha tomado a sua justa forma.

Voltou para casa. Agora estava ainda mais feliz que antes. O cérebro andava às voltas e de que maneira...

10

Florença, 9 de junho de 1290

No dia seguinte ao arrebatamento, como era costume, fora a casa dos *Portinari* para renovar as condolências aos irmãos da falecida. Esgotadas as formalidades, *Ricovero* e as irmãs deixaram-nos e *Manetto* pedira-lhe para ficar mais um pouco. Ainda que durante a noite tivesse rebentado um temporal, a manhã estava radiosa e, assim, foram para o pátio, o mesmo em que quando crianças combatiam as mais acesas batalhas e onde, dezasseis anos antes, tinha visto a pequena Bice vestida de vermelho.

Manetto precisava do calor de um amigo. Em menos de seis meses tinha perdido o pai e a irmã mais amada. Agora era ele o chefe de família, mas para aquela responsabilidade não se sentia pronto. Por sorte *Ricovero* era muito trabalhador e tinha o dom do negócio, um instinto que a ele lhe faltava mesmo. E dado que os assuntos financeiros e comerciais o deixavam nervoso, tendia a agigantar os problemas. Certamente não agigantava aqueles provocados pela gestão do hospital. *Folco* tinha dado um passo mais longo que a perna: em poucos meses aquele instituto para os pobres, o mais imponente da cidade, já tinha comido uma quantidade de florins de meter medo.

Pouco depois *Manetto* pôs-se a falar da pobre *Bice*. Que o amigo lhe quisesse falar justamente da irmã, ele tinha-o percebido logo. Sentia que desejava desabafar. Com mais ninguém tinha tanta confiança. Mas nunca havia de esperar ouvir um desabafo como aquele a que *Manetto* se abandonou.

Falava-lhe como a uma pessoa da família, o que em muitos aspetos era até verdade, contudo certos sinais insinuantes, certos olhares cúmplices pareciam dirigidos a alguém que tinha sofrido um luto pesado como o próprio. Ele estava constrangido: não sabia decidir se a boa educação lhe impunha fazer seu o papel de íntimo de *Bice* que o amigo lhe estava a atribuir ou se devia fingir não compreender os subentendidos do seu discurso. Na dúvida, pronunciava frases feitas, refugiava-se em lugares-comuns que se atiram ao ar nestas ocasiões. E assim, quando *Manetto*, com um longo suspiro, exclamara «Ao menos deixou de sofrer», ele, passando por cima da dor da qual aquele suspiro estava impregnado, limitara-se a um comentário de circunstância:

«Para uma boa alma a morte é muito mais do que o fim do sofrimento, é o início da beatitude».

Não tinha compreendido que *Manetto* se referia a um determinado sofrimento. E de facto este teve quase uma explosão de protesto, olhou-o diretamente nos olhos e respondeu-lhe com voz firme, assertiva:

«Mas ela sofria mais do que outros».

Não esperou a sua reação, começou um relato que o havia de transtornar.

Contou que para *Bice* a vida na casa do marido era um inferno.

«Um filho, um filho!» *Simone* não sabia dizer outra coisa. «Quando me darás um filho?» Homem, naturalmente. Pressionava-a. Dois anos depois de ter entrado em sua casa, *Bice* não estava ainda grávida. A *Simone* nem sequer passava pelo pensamento que o estéril podia ser ele. Com o tempo, porém, parecia ter-se resignado. Mas não era assim. O herdeiro ele queria-o; se não lho dava *Bice*, havia de lho dar uma outra. Uma mulher estéril que mulher é? Planeava pedir a anulação do casamento. Com o dinheiro dos *Bardi* não lhes havia de ser difícil.

Nele crescia a raiva contra aquele *Simone*: dava-se ares de importante e era pior que uma besta. Até àquele momento tinha sentido nos seus confrontos uma instintiva aversão; agora tinha um motivo para odiá-lo.

«Porque não pediu o anulamento?» perguntou.

«Por cálculo, só por cálculo» respondeu-lhe *Manetto*. «Não se tinha arrependido, de modo nenhum... Os *Bardi* não movem um dedo sem terem feito as suas contas.»

Simone dizia não se ter dirigido ao bispo por respeito a *Folco*. Na realidade com o bispo tinha falado, e mais do que uma vez. Se depois não apresentara um pedido oficial era porque tinha considerado, ou melhor, porque os *Bardi* tinham considerado que uma ofensa a um cidadão tão bem-querido como *Folco* havia de ser contraproducente. A reprovação de meia Florença era um custo de que uma família tão pouco amada como a deles não podia dar-se ao luxo. O banco havia de sofrer as consequências.

Porém seis meses antes *Folco* subira ao Céu e assim *Simone* encontrara-se de mãos livres. E não tinha perdido tempo: mais um pouco, e a pobre *Bice* havia de ser mandada de volta para casa dos seus familiares e daí diretamente para um convento.

«Para ela havia de ser um alívio» concluiu *Manetto*, quase falando consigo mesmo.

Ele tremia, indignado, sem imaginar que o pior estava ainda para vir. Quando *Manetto* começou a relatar a vida miserável que *Bice* tinha levado na casa dos *Bardi*, a sua raiva transformou-se numa dor quase física, numa dor crescente à medida que o amigo acrescentava novos pormenores.

Nos raros e breves períodos em que não estava fora de Florença a lucrar com as avultadas taxas como regedor, *Simone* não se aproximava da mulher, nem de dia, nem de noite. E queria um filho, aquela fantástica pessoa! Durante as suas longas ausências o governo da casa era confiado a uma anciã governante. Não propriamente uma serviçal, mas uma *Bardi* que tinha ficado viúva quando jovem e não se tinha voltado a casar, então, privada de meios de subsistência porque o marido tivera tempo de delapidar até o seu dote, o pai de *Simone* acolhera-a em sua casa. Pois bem, aquela mulher azeda descarregava em cima de *Bice* tratando-a como uma intrusa. Às criadas, encorajadas pelo seu exemplo e seguras de que não terem problemas, não parecia grave aumentar a dose. Na casa que formalmente era a sua, *Bice* vivia entre humilhações, grosserias e, acontecia até, chacota evidente. *Simone* fingia não se aperceber.

«Eis como vivia» concluiu *Manetto*.

Depois, a falar pelo nariz, disse ainda:

«Olha que estas coisas as sabíamos apenas eu e o *Ricovero*. Alguns criados fiéis ao nosso pobre pai mantinham-nos informados. Da boca de *Bice* nunca saiu um só lamento, uma só recriminação. Entrava na sua casa de menina sempre e só com o sorriso nos lábios».

Perante aquela recordação, nos seus olhos passou um raio de ternura.

Dava-se conta de que *Manetto* esperava palavras de consolação, mas o embaraço das emoções que lhe apertava o peito impedia-o de dizer qualquer coisa. Era um sobrepor confuso de impulsos: compaixão por *Bice*, sensação de impotência, cólera, humilhação, vontade de vingança. Sobretudo, porém, prevalecia o rancor enfurecido em relação a *Manetto*: porque é que nunca lhe tinha dito nada? Não era talvez parte da família? Sentia-se traído, mais, excluído...

Despediu-se rapidamente e fugiu.

Correu para casa. Tinha necessidade de estar sozinho. Esperava que tivessem saído todos. De facto, a casa estava vazia, subiu ao piso superior, atirou-se para cima da cama e desatou num pranto abundante.

Chorava e, entretanto, pensava em *Bice*. Depois do que *Manetto* lhe tinha revelado, a sua *Beatrice* parecia-lhe quase uma desconhecida. Contudo, quem melhor do que ele, o seu cantor, havia de ter a obrigação de conhecê-la. Agora, de repente, compreendera tantas coisas a que não tinha dado importância. Compreendera o que significavam as cotoveladas das mulheres, os comentários a meia voz, as palavras arrebatadas do padre no funeral. Culpava-se entre lágrimas. Como pudera viver tantos anos na mais total cegueira? Como pudera acontecer que nem ao menos um fio de luz tivesse penetrado nos seus olhos? Contudo mantinha-os bem abertos, estava muito atento para não perder o melhor do mais pequeno pormenor daquela visão beatífica. Sim, mas o que é que o encantava? Os seus olhos perscrutavam *Bice* ou perdiam-se atrás de um fantasma?

Pareceu-lhe ver o rosto de Guido com um sorriso malicioso.

Aos poucos acalmou-se e os seus pensamentos tomaram outro rumo. Alguma coisa lhe sugeria que as trevas não eram assim tão densas como ele pensava e que as suas não eram só bonitas fábulas. Além disso, começou a dizer a si mesmo, a grande poesia vê também na escuridão. Homero não era talvez cego? Até Guido o sabia. Como sabia que a sua para *Beatrice* era grande poesia. Ele não tinha percebido, mas a sua poesia intuía que *Beatrice* era um ser excepcional. Não porque era bela, não porque brilhava em sociedade. Intuíra que o que nela havia de extraordinário consistia em oferecer serenidade, alegria, esperança, paz. Um dom que lhe tinha sido dado pelo Céu. Agora que tinha descoberto, compreendia que o dom era também uma prova. Deus tinha-a eleito, mas impusera-lhe brilhar na dor e no sacrifício. No modo arcano com que fala aos escolhidos ordenara-lhe não se fechar na sombra e não deixar apagar a luz que lhe tinha infundido; ela, obediente, mantinha escondida dentro de si a noite e enriquecia o dia com um novo esplendor. Tinha-se perguntado muitas vezes qual era o mistério de *Bice* e agora revelara-se a ele. Sim, era um milagre. Por um momento ocorrera-lhe compará-la a Cristo.

11

Florença, 8 de junho de 1294

O fumo tinha-se dissipado. Em compensação na cozinha estava um forte cheiro a couve.

«Também hoje?» escapou-lhe da boca.

«Sopa, o caldo dos pobres» comentou *Lapa* com sarcasmo. Num canto da cozinha estava a embalar o pequeno *Pietro*.

Gemma foi ainda mais contundente:

«Por pouco tempo, querida *Lapa*, só por pouco tempo. Brevemente o meu famoso marido dar-nos-á de comer faisão e perdiz.»

Não estava com estado de espírito para se pôr a discutir sobre coisas tão fúteis. Qualquer coisa que dissessem, aquelas mulherzinhas não haviam de abalar a sua felicidade.

O berço de madeira rangia, mas aquele ruído não o incomodava. *Pietrino*, o seu segundo filho, nascido há poucos meses, dormia tranquilo. Isto fazia com que se sentisse em paz. *Giovannino*, pensou, deve andar a correr atrás de um amigo pelas ruelas do bairro com uma espada de madeira na mão. As crianças brincavam ainda aos guelfos e gibelinos...

A mesa, agora, estava desimpedida. A folha que tinha deixado na extremidade da mesa estava agora no seu devido lugar. Só o frasco com a tinta tinha ficado fechado. *Gemma* terá pensado que com aquele calor havia de secar rapidamente.

Sentou-se pronto a escrever. Não tinha necessidade de organizar as ideias. Mas enganava-se, porque não tinha ainda decidido em que ordem apresentar as razões pelas quais não havia de falar, isto é, havia de fingir não falar, da morte de *Beatrice*. Mantinha-se com a pena na mão indeciso em relação ao caminho a seguir. Era mais difícil do que tinha pensado. Finalmente convenceu-se: para quê complicar as coisas? Ele e Guido sempre se tinham vangloriado do facto das suas poesias serem simples, transparentes, lógicas. E agora porque, ao escrever em prosa, havia de dever mudar o estilo? A ordem justa era a natural: primeiro a razão principal e depois, por ordem decrescente, as consequências que dela derivavam. Decidido, molhou a pena e aproximou-a da folha.

Naquele preciso momento a voz impaciente de *Gemma* chamou-o.

«O almoço está pronto. Chega para lá.»

«Santíssimo Deus!» e deu um murro na mesa. Uma fiada de injúrias estava para lhe sair da boca, mas conteve-se. Ele nunca praguejava, por nenhum motivo. E agora, diante de todos.... Permaneceu imóvel por alguns momentos, recuperou a calma e depois, com uma voz tranquila, disse:

«Está bem, continuarei depois».

Naquele dia sentia-se em paz consigo mesmo e por isso também com os outros. Sabia perfeitamente o que tinha de escrever, portanto não havia pressa: aquelas linhas haviam de poder esperar.

Limpa a mesa, *Gemma* colocou-lhe à frente uma tigela de sopa.

Lapa comia permanecendo sentada ao lado do berço. *Giovannino* chegara a correr, corado e ofegante, e, assim que agarrou na sua tigela, enfiara-se debaixo da chaminé da lareira. *Gemma*, depois de ter servido todos, acomodara-se em frente a ele.

Gostava de ter a família à sua volta. Um dia haviam de ficar orgulhosos dele.

Pouco depois, da porta surgiu *Franceschino*.

Assim que se sentou à mesa, excitado, começou a descrever o negócio que lhe tinha sido proposto. *Franceschino* era um rapaz ingénuo, mas de negócios percebia.

O boticário *Campontozzo Lamberti*, que tinha encontrado casualmente no Mercado novo, tinha-lhe perguntado se os *Alighieri* queriam associar-se a ele e a dois outros boticários de confiança na compra de uma remessa de alvaiade e de coco à venda por um bom preço. Havia de a poder revender com

uma bela margem de lucro. *Campontozzo* estava também disposto a garantir o crédito de que os *Alighieri* deviam talvez necessitar. Em suma, o negócio era mais do que interessante. Tendo até em conta as despesas de transporte, o lucro havia de ser notável.

Ele acompanhava fazendo de conta estar curioso. E por isso perguntou:

«Transporte para onde?»

«Para Bolonha» respondeu *Franceschino*, «compramos em Florença e revendemos em Bolonha.»

«Bolonha! Olha que lá sou conhecido, mas não propriamente como comerciante» disse ele a rir.

«Pergunta-o a *Bellino*.»

Tinha-lhe vindo à memória o dia em que, durante a sua primeira estadia naquela cidade, mais de sete anos antes, *Bellino di Lapo*, um primo afastado de seu pai, fora fazer-lhe uma visita à hospedaria da *Porta Ravignana* onde ficara instalado. *Bellino*, que já há vários anos negociava com cereais e gado em *San Giovanni* no *Persiceto*, sentiu-se na obrigação de ir conhecer aquele seu parente de Florença. Foi um encontro cordial. Falaram do pobre *Geri del Bello*, o primo de *Alighiero* assassinado poucas semanas antes por *Brodario dei Sacchetti*. A *Bellino* que perguntava o que tinha desencadeado a fúria do *Sacchetti*, ele respondera que em Florença ninguém o sabia; ambos, no entanto, estavam de acordo sobre o facto de que *Geri* era violento e desordeiro e que alguma coisa de grave devia ter aprontado. Divergiam nitidamente, em contrapartida, sobre o que fazer: ele defendia calorosamente que a ofensa feita à boa reputação da família devia ser vingada o mais depressa possível; *Bellino* não compreendia bem por que razão era necessário matar um dos *Sacchetti*: parecia-lhe evidente que *Geri* se tinha posto a jeito. No momento de se despedir *Bellino*, que em Bolonha detinha bastantes conhecimentos, com muita cortesia ofereceu-se para ajudá-lo a concluir da melhor maneira os seus negócios. Ele não esquecera mais a cara que o seu parente fizera ao ouvir que não estava ali para negócios e que não se ocupava de transações comerciais. Quando depois lhe confessara que não exercia nenhuma profissão, aquele esbugalhara os olhos:

«Então és estudante» observara depois de se ter recuperado da surpresa. «Leis ou medicina?»

«Nem uma coisa, nem outra, não sou estudante.»

Bellino não teve mais forças para falar, despediu-se e deixou a hospedaria: devia ter ficado convencido de que tinha encontrado um *Alighieri* esquisito, para não dizer degenerado.

«E quem é *Bellino*?» perguntou *Franceschino*.

«Depois um dia conto-te.»

Não tinha vontade de falar de Bolonha, muito menos de comércio de corantes.

«Resolveremos com calma o que fazer com os nossos amigos boticários.»

Franceschino não insistiu, e começou a referir os rumores da cidade sobre a raiva crescente dos magnatas contra os novos *Ordinamenti di giustizia* que os excluía dos cargos públicos.

«Dizem que Cavalcanti ameaça que espatifa tudo» acrescentou agitando a colher.

Ele pôs-se a rir divertido.

«Mas qual espatifa! Para Guido a política não vale um tostão furado».

Não o via mesmo, o seu Guido, a abraçar a causa daqueles vilões rudes que tanto desprezava.

A conversa prolongou-se por um bom bocado. Estavam todos descontraídos e ele não tinha pressa.

Quanto aos *Ordinamenti*, nem sequer para ele valiam um tostão.

Finalmente as mulheres levantaram a mesa, arrumaram a cozinha e depois retiraram-se para o piso de cima levando com elas o pequeno *Pietro*. *Franceschino* devia sair a correr para Prato e não havia de regressar senão no dia seguinte. *Giovannino* tinha escapado para as suas brincadeiras já há algum tempo.

Assim que ficou sozinho, pegou no papel e no tinteiro, e sentou-se. Afiou a pena e preparou-se para escrever. Na realidade era quase um transcrever, porque as frases tinha-as já todas compostas mentalmente. Por escrúpulo releu as últimas linhas que tinha escrito à mão.

E posto que talvez agradasse tratar ao presente alguma cousa de sua partida, não é minha tenção fazê-lo aqui por três razões.

Bem, disse para consigo, começemos.

A primeira é...

Talvez, pensou, devesse escrever:

A primeira e principal é...

Parou hesitante. Dizia a si mesmo que, se não lhe tinha vindo logo à mente destacar a importância da primeira razão, um motivo qualquer devia haver. Mas então, estava assim tão seguro de que a ordem pela qual decidira dispor aquelas razões era a certa? Quanto mais pensava, mais a certeza de antes vacilava.

Levantou-se e começou a caminhar para a frente e para trás pela cozinha. Caminhou por muito tempo: aquela questão secundária tinha-se revelado bastante mais difícil do que tinha previsto.

Um ponto assente era que ao justificar os motivos pelos quais não havia de contar a morte de *Bice* havia de revelar o que tinha acontecido a ele naquela ocasião: não exatamente como um enigma, mas com uma construção que exigia ser interpretada pelos leitores. Se aquele era o objetivo, dizia a si mesmo, porque não pedir aos leitores um pequeno esforço a mais, fingindo quase despistá-los? Podia ser um modo de chamar à atenção, de os avisar que a partir daquele momento tinham de se

concentrar, que a escrita, deixando de ser simples, escondia uma mensagem. E depois, quem não tivesse compreendido a mensagem, de impedimento em impedimento, não havia de se perguntar o significado das razões expostas pouco antes. Não havia facilidades válidas para os incapazes, muito menos para os ignorantes. E ele de leitores ignorantes não sabia o que fazer.

Sentou-se de novo, finalmente mais sereno, e começou a escrever.

A primeira é que tal não é do presente propósito, se quisermos ver o próêmio que precede este livrinho.¹⁵

Nas primeiras linhas do livro não tinha porventura tido em conta que havia de copiar as palavras escritas no livro da sua memória? Isto é, que aquele era um livro de recordações? E então, a óbvia conclusão era que com a morte de *Beatrice* tinha acontecido alguma coisa que a memória não conseguia guardar. Inútil falar sobre isso, porque não havia de saber o que dizer. O sinal pareceu-lhe bastante claro.

A segunda é que, posto fosse esse o presente propósito, ainda me não seria a língua bastante a tratar disto como conviria.¹⁶

E também se me recordasse, não seria capaz de contá-lo. Mesmo o leitor mais lento de compreensão, chegado a este ponto, havia de compreender: não a pode recordar, não a pode contar... o que será uma experiência que transcende a capacidade da mente humana, senão...?

Senão aquela a que alude S. Paulo. Eis o ponto certo para retomar o “vangloriar-se” do Apóstolo. Como Paulo, também ele não queria louvar-se a si mesmo. Gostava daquela expressão, dizia assim o que Paulo tinha escrito, mas com palavras diversas, suas. Vamos com o Apóstolo, disse para consigo.

Experimentava a sensação de onipotência, de quando a mente mói as ideias e se lança em frente a pôr em ordem o mundo. Além disso, tinha descoberto que primeiro estava enganado, que era mesmo aquela a sucessão lógica e natural dos argumentos. Nunca nos devemos atirar de supetão sobre a página, as coisas devem amadurecer primeiro: a pausa imposta pela família tinha sido uma verdadeira bênção.

Vamos com o Apóstolo!

¹⁵ Tradução de Vasco Graça Moura de *Vita Nova* (Moura, 1995, pp. 108,109)

¹⁶ Idem

*A terceira é que, posto fosse uma e outra cousa, não é conveniente seja eu tratá-lo, pois tratando não escusaria ser eu louvador de mim mesmo, a qual cousa fora de censurar a final a quem o faz.*¹⁷

Bem, disse para consigo, também um carregador do mercado havia de compreender. Um carregador sim, mercadores e cavaleiros, doutores de faz de conta, eles, não. Ria por dentro. Imaginava a cara de *Simone dei Bardi* – porque estava certo de que *Simone* o livro havia de o ler, provavelmente havia de jurar falso que de certas palermices ele não queria nem sequer ouvir falar, mas havia de o ler. Parecia-lhe estar a vê-lo enquanto se perguntava o que é que tinha querido dizer aquele presunçoso do Alighieri. Pois, se tivesse alguém para o explicar. Sentia-se audaz e leve. Quase lhe digo, pensou: pede ajuda, procura um glosador. Sim, digo-lho mesmo, e continuou a frase:

*Por quanto deixo tal tratado a outro glosador.*¹⁸

A tensão caíra repentinamente. Estava cansado. Havia de continuar amanhã. No dia seguinte havia de escrever sobre o nove e sobre o que aquele número significava. Durante anos ficara com a cabeça feita em água ao tentar descobrir o seu sentido; como sempre acontece com os mistérios, revelara-se-lhe casualmente. Só Deus que os manda pode iluminá-los.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta.

O tempo voou sem que se tivesse dado conta. Já tinha anoitecido, mas a claridade era mais fraca do que devia. O céu estava cinzento e parecia ir ficar pior.

12

Florença, 17 de junho de 1290

Desde que tinha casado com *Lapo Riccomanni*, e tinham já passado mais de quinze anos, *Tana* morava num bairro diferente do dos *Alighieri*. Porém haviam de se poder contar pelos dedos de uma só mão as vezes em que, ao domingo de manhã bem cedo, não tinha ido à missa na igreja de *San Martino al Vescovo*, mesmo em frente à casa dos irmãos. Depois da missa, tinha-se tornado mais do que um hábito, era quase uma lei não escrita, os irmãos merendavam reunidos na casa paterna. Durante o serviço litúrgico uma criada dos *Riccomanni* levava-lhes dois cestos com pães acabados de sair do forno, queijos e, consoante a estação, favas, melões ou castanhas. Grandes e pequenos encontravam-se assim à volta de uma mesa já preparada: todos sabiam por quem, mas o tácito acordo era fingir que a mesa se tinha posto sozinha. Apenas *Gemma*, de vez em quando, elogiava a qualidade

¹⁷ Tradução de Vasco Graça Moura de *Vita Nova* (Moura, 1995, pp. 110,111)

¹⁸ Idem

do queijo de cabra, virando-se para *Tana* parecia quase dizer qualquer coisa em louvor da generosidade de quem o tinha levado, mas uma olhadela sua ou um ataque de tosse de *Franceschino* travavam-na antes que abrisse a boca. Ninguém, no entanto, havia de a censurar. Todos compreendiam que *Gemma* se encontrava numa posição constrangedora: não era parente de sangue e, porém, também beneficiava, era normal que quisesse dar um qualquer sinal de gratidão. Por outro lado, havia de lhe custar muito mais fazer vista grossa: era uma *Donati*, ela, uma *Donati* obrigada a sorrir para uma *Riccomanni* qualquer e a beijar a mão que alimentava a sua família.

Naquela manhã de junho a reunião estava mais animada do que o habitual. Em parte, porque no domingo anterior *Tana* não tinha conseguido deixar sozinho o seu pequeno filho Bernardo com febre, mas sobretudo porque a seguir ia ser a festa de S. João e era tradição que no dia do patrono os *Riccomanni* e os *Alighieri* almoçassem em casa do marido de *Tana*. A organização cabia a *Tana*: ela devia decidir quem convidar, perguntar quem ia faltar, atribuir os lugares à mesa aos *Alighieri*. *Tana* era mulher de grande delicadeza de espírito, mas com os pés assentes na terra. Tinha muita atenção para não colocar ao lado umas das outras pessoas que sabia terem conflitos entre elas. Na verdade, o seu problema era só um: onde sentar, que então significava neutralizar, o seu adorado, mas imprevisível irmão.

Para os mercadores *Riccomanni* e para os seus amigos aquela era festa grande. Na véspera os cônsules dos Ofícios em procissão solene haviam de se deslocar ao Batistério levando ao santo os donativos das corporações. Todos, em Florença, consideravam S. João a festa do trabalho. O medo de *Tana* era que o seu irmão poeta se saísse com uma das suas tiradas contra o florim, o comércio e os bancos, contra aquela perversidade de considerar o sucesso nos negócios a única medida do valor de um homem. Ela tinha-se resignado com o facto de que, vinte cinco anos feitos, não desempenhasse qualquer trabalho, mas para os familiares era uma ferida aberta e para os seus amigos quase um escândalo. Nunca se tinha visto um *Alighieri* que pretendesse viver de renda: e que rendas, afinal! Uma miséria de quintas em *Mugello*, vejam só se se pode viver com quatro sacos de trigo! Pelo menos se fosse gentil e agradecesse àqueles bons parentes que o sustentavam a ele e aos seus, mas não, tinha de criticar, o fidalgo, não se envergonhava de cuspir no prato em que lhe davam de comer.

Ele e *Tana* entendiam-se num piscar de olhos. As complicadas estratégias para o colocar sentado ao lado do comensal certo, manobras que se repetiam todos os anos perto da festa de S. João, divertiam-no, sobretudo porque *Tana* procurava disfarçá-las. E então, para a espicaçar, a franzir as sobrancelhas era capaz de atirar ao ar observações do tipo: «Não, ao lado de *Tizio* não mesmo, não suporte usurários». Ao que *Tana* se alarmava e recomeçava do início a dispor as peças. Mas isto acontecia nos anos passados; desta vez, depois do que tinha feito na festa anterior, controlava-se para não a provocar.

Um ano antes tinha feito asneira, é verdade, mas porque estava ainda excitado por causa de *Campaldino*. Há menos de uma semana tinha regressado do campo de batalha, do seu batismo de sangue, da sua primeira vitória; os sobreviventes tinham marchado aclamados pelas ruas das cidades, tinham oferecido ao patrono os despojos dos gibelinos derrotados; no Batistério tinham jurado que também Pisa havia de, em breve, experimentar o aço florentino. E com tudo isto, durante o almoço, *Pannocchia Riccomanni*, irmão de *Lapo*, tinha-se posto a enaltecer a cerimónia do dia anterior, os donativos das Artes e dos Ofícios e a quantidade de ofertas das corporações. A ele chegara-lhe a mostarda ao nariz e, assim, pusera-se a enaltecer o valor dos nobres de Florença, dos jovens que arriscavam a vida por amor à pátria, uma juventude corajosa que ao patrono, juntamente com as armas capturadas ao inimigo, levava como presente liberdade e segurança, bem melhor do que as quatro velas e a sacola com dinheiro que os mercadores e os banqueiros se dignavam levar à pia batismal com grande pompa. Havia de se perguntar se a devoção deles a S. João Batista não dependia unicamente do facto da sua imagem estar gravada no florim!

Exaltara-se e elevara a voz, os convidados ficaram calados... A cara de *Pannocchia* ficara roxa, mas também ficou calado, ele. A tensão era grande. Depois *Pannocchia* agarrou num copo, pôs-se de pé e, erguendo-o ao alto, exclamou forte:

«Brindemos aos heróis de *Campaldino*!»

Todos se associaram, aplaudindo. Naquele momento, tinha sido ele a corar de vergonha.

Como se não tivesse bastado, Tana chamara-o à parte.

«Cretino.» estava furiosa. «Imbecil!»

Falava baixinho, sibilando as palavras.

«Herói de *Campaldino*!»

Tana era a única pessoa no mundo que tinha o direito de insultá-lo.

«O cavalo, a sela, os arreios, a espada, o escudo, a túnica, o enchimento, a loriga, a armadura, a capa, o elmo...» *Tana* não parava, «Belo dinheirinho, verdade? E sabes tu quem foi que garantiu o crédito para comprar as armas do herói? Sabes? Digo-to eu quem foi, foi *Pannocchia*».

Nem mesmo em *Campaldino*, quando, na sela, esperava aterrorizado o embate da cavalaria inimiga, tinha sentido uma vontade tão forte de fugir. Naquela manhã, portanto, evitava picar *Tana*. Também porque as conversas sobre a festa que estava a caminho arrastavam-se, enquanto ele tinha pressa de se encontrar a sós com ela. Uma outra lei não escrita dos seus encontros dominicais determinava que, terminada a reunião de família, eles os dois se retirassem à parte. Era o momento das confidências, o mais esperado, por ambos, de toda a manhã. E naquele dia tinham coisas a dizer um ao outro!

A casa era pequena, duas divisões no piso térreo e outras duas no superior, não tinha nem pátio, nem jardim: era quase impossível encontrar um lugar onde pudessem ficar sozinhos. Como estava um belíssimo dia, ensolarado, mas não abafado, decidiram passear entre o *Bagello* e a Abadia.

Tana queria saber tudo sobre o funeral de *Bice*. Os *Riccomanni*, embora mais que abastados, não pertenciam à nata da cidade e, por isso, não se tinham sentido autorizados a participar nas exéquias. A curiosidade de *Tana* era grande: Quem estava? As damas, como estavam vestidas? O que diziam? E os *Bardi*? Como se tinham comportado os *Bardi*?

Durante algum tempo ele procurara adequar-se ao tom ligeiro da irmã, mas quando começou a falar dos *Bardi* e do ignóbil comportamento de *Simone*, não o pudera fazer sem lhe contar o que lhe tinha referido *Manetto*: a esterilidade, a ameaça de ser renegada, as humilhações quotidianas. Falava alternando comoção e raiva. Estava também furioso consigo mesmo, não conseguia ter paz por não ter percebido. Durante anos, continuava a dizer, tinha convivido com uma santa, tinha-a eleito o seu ideal amoroso e nem sequer uma vez tinha suspeitado em que é que consistia a sua santidade.

«Alguma vez imaginaste tudo isto?» perguntava a *Tana*.

«Alguma vez imaginaste que raio de vida tinha aquela mulher?» insistia.

Até que *Tana* lhe respondeu:

«Meu querido irmão, olha que o sabia toda a Florença».

Ele ficara sem palavras, apatetado.

Tana apressou-se a consolá-lo:

«Tu és um poeta, tens a cabeça nas nuvens. É normal que tu não tenhas percebido...»

Visto que os seus argumentos não pareciam conformá-lo, continuou:

«E depois, não foi melhor assim? Havias de escrever poemas tão belos se tivesses sabido?»

Tana admirava os seus poemas. Dante terá sido até extravagante, um excêntrico capaz de apenas criar problemas aonde quer que se encontrasse, mas quem mais escrevia versos de uma doçura que chegasse perto, mesmo remotamente, à sua? Até aquele Cavalcanti, com todas as suas manifestações de amizade, lhe tinha inveja. Ela invejava *Bice Portinari*. Que mulher não havia de dar um pedaço da sua vida para ser exaltada pelo menos uma vez assim como *Beatrice* o fora tantas vezes por Dante?

«Eu não sei se tu a amavas» concluiu *Tana*, «mas *Bice* parecia ter sido criada para ti.»

«Como demonstram os ataques do meu mal» acrescentou ele prontamente.

Tana pôs-se a rir com gosto: aquele seu genial e inconsequente irmão era mesmo incomparável. Não havia vez nenhuma que não atirasse ao ar o seu mal. E de facto ele começou logo a falar do medo de sofrer um ataque que o tinha tomado a partir do momento em que *Lapo Gianni* tinha ido chamá-lo, de como estava certo de que mais cedo ou mais tarde havia de acontecer, do terror de cair ao chão e de debater-se aos pés do catafalco... e no entanto não tinha acontecido. Perguntava-se porquê. *Tana*

sabia bem que as crises explodiam apenas na presença de *Bice*. Ele afinal tinha compreendido há muito tempo que a doença era um sinal, o sinal irrefutável de uma ligação absolutamente particular.

Por esta teoria *Tana*, mulher prática, nunca tinha sido persuadida. Tentara convencê-lo de que os ataques não tinham nada a ver com aquela mulher, mas o irmão era mais teimoso que um burro: a coincidência existia, sem dúvida, não podia ser casual; a conexão existia e era profunda. Daquela vez, porém, *Tana* pareceu ficar convencida, assumiu uma expressão séria e com voz quase de pessoa arrependida disse:

«Tens razão, rendo-me. Escuta, tenho de te contar uma coisa que nunca te disse...»

Ele não imaginava mesmo o que *Tana* lhe queria comunicar: estava a brincar com ele, mas em que consistia a piada? A voz da irmã tinha o tom misterioso de quem se preparava para fazer revelações de grande importância, mas nos olhos brilhava-lhe uma ponta de simpática malícia:

«O teu mal nasceu com *Bice*».

Não mudou de atitude diante da sua expressão interrogativa e, cada vez mais compenetrada no papel, começou a contar.

Disse que ligeiras convulsões se tinham manifestado logo nos seus primeiros meses de vida, mas que estas degeneraram numa crise verdadeira e peculiar quando tinha há pouco completado nove meses. O susto sofrido naquele dia nunca mais o havia de esquecer. O seu irmãozinho agitava os bracinhos e as perninhas como se um fogo o queimasse por dentro, o seu pranto era desolador; depois, como se tivesse sido atingido por um raio, ficara muito teso e perdera a consciência. A mãe deles estava pálida de medo, apertava-o ao peito como se entre os seus braços tivesse um pequeno cadáver. *Alighiero* apressara-se a fechar a porta e as portadas das janelas que davam para a rua. Pouco depois, mas tinha parecido uma eternidade, o corpito sem vida começara lentamente a mover os braços e a lamentar-se. Estava a recuperar e também eles recuperavam a cor juntamente com ele. Foi mesmo nesse momento que alguém bateu à porta. *Alighiero* empalidecera: devia ter pensado que os vizinhos tinham ouvido o choro do filhito e que um deles viria perguntar o que se passava. Pensou igualmente que não abrir havia de dar azo a um grande falatório e, como o pior parecia ter passado, mais valia sossegar a curiosidade da vizinhança. Abriu com um grande sorriso nos lábios. Na verdade, quem estava a bater era uma vizinha: toda ofegante tinha corrido a anunciar que *Cilia*, a mulher de *Folco Portinare*, a alguns quarteirões mais além, tinha há pouco dado à luz uma menina sã, que havia de ser batizada com o nome *Bice*.

«Podes calcular» concluiu *Tana* «quanta alegria manifestámos perante aquela notícia. Aquela boa mulher não havia nunca de ter imaginado a causa do nosso contentamento. Pedimos-lhe logo para levar as nossas congratulações à mãe e ao pai da recém-nascida. Eis, querido irmão meu» e assim dizendo, ainda que estivessem na rua, teve a audácia de se aproximar dele e de o beijar na face, «foi

isto que nunca te contara. Tu não sabias nada e, porém, adivinhaste. Será um dom dos poetas.... Tens razão, o teu mal nasce com aquela mulher.»

Tinha voltado a rir, como se pode rir uma criança ingénua.

Ele não, não ria. Tinha ficado de pedra. Um trovão tinha-lhe rebentado na cabeça. Não tinha perdido os sentidos, mas o estrondo tinha apagado todas as coisas à volta dele. A luz daquele relâmpago iluminara de repente toda a sua vida. Um instante de luz e cada coisa encontrara miraculosamente o seu lugar e o seu significado.

Despedira-se de *Tana* bruscamente, sem se preocupar com o seu olhar perplexo, e refugiara-se na igreja de *San Martino*.

As missas tinham acabado, nos seus bancos não havia mais ninguém. Sentado, com a cabeça entre as mãos, pensava.

Agora tinha a prova: as crises não eram casuais. Ele tinha-o sempre intuído e agora tinha a prova. Não coincidências, sinais. Não dependiam nem dele, nem de *Bice*. Predestinados, um e outro, desde o nascimento...

Estava escrito nas coisas, mas ele não tinha sabido ler. É amor? E se não, o que é? Quantas vezes se fizera aquelas perguntas! Quanto mais se perguntava, mais se perdia nas trevas. Procurara respostas dentro de si mesmo enquanto devia de ter aberto os olhos aos sinais objetivos, palpáveis, que lhe eram dados com abundância. E assim tinha chegado inclusivamente a considerar que a sua não era senão uma paixão mundana. O jovem desprevenido seduzido pelos sorrisos da grande dama!

Soberba, a sua cegueira era filha da soberba. Era demasiado culto, ele, demasiado inteligente, demasiado subtil para se perder atrás de sinais tão simples. Deus fala às crianças, às mulherzinhas, aos pobres de espírito. E dissera-lhe palavras, mandara-lhe sinais! Como o professor da escola que não desiste perante o aluno cabeça de vento, usara ora uma linguagem, ora outra, ora o alfabeto do corpo, ora o dos símbolos. Não compreendes o sentido da epilepsia? Então concentra-te no nove. Presta atenção ao calendário, verás, não é difícil...

Agora, só agora, tinha compreendido que não era difícil, pelo contrário, era uma evidência absoluta: com nove anos encontrara *Bice* na casa do pai, há dezoito anos cumprimentaram-se na rua, ele tinha nove meses quando *Bice* nascera... Que o número nove era o número deles tinha-o intuído há muito tempo. Mas como fizera para não pensar que aquele número é sagrado em si mesmo, contem por três vezes a Trindade, é igualmente uma marca de predestinação? Tinha sido necessário o relato de *Tana* para que o filósofo chegasse a uma verdade tão límpida e tão profunda.

E a nuvem, a nuvem branca que subia iluminada à lua?

Não ter ouvido as palavras do Senhor atormentava-o ainda mais do que não ter compreendido a verdadeira natureza de *Bice*. Tinha teimado nos versos, eis porque não tinha compreendido. E assim

ofendera também aquela santa, usara-a, arranjara um pretexto para escrever sobre um amor que com ela não tinha nada a ver. Fantasias, imaginações inventadas para surpreender e arrancar os aplausos. Guido tinha razão: ele do amor não sabia mesmo nada. Como sua desculpa, havia de poder apenas confessar que não sabia nada, nem sequer de si mesmo.

Baixara as mãos, levantara a cabeça e olhava o altar. As velas da missa fumegavam ainda. Subtis fios de fumo elevavam-se em direção à abóbada da abside, da qual pendia um grande Cristo na cruz, contorcido como uma oliveira.

Com os olhos fixos nas chagas de Cristo, sentia-se perdido. O pensamento de como era extraordinária a graça recebida, aniquilava-o. A vergonha por não ter sabido reconhecê-la, prostrava-o.

«*Domine, non sum dignus*. Diz uma só palavra...»

Mas quanto tinha já dito de palavras! Que mais podia pedir ao Senhor? Não se sentia nem sequer com o direito de rezar...

Permaneceu muito tempo imóvel, atordoado, debaixo de Cristo que, mudo, o fixava do alto.

Depois, um pouco de cada vez, um pensamento começou a ganhar forma. No início, mais do que ideia ou propósito, aquele movimento interior manifestou-se sob a forma de sensação: a tensão dos nervos estava-se a desfazer, o relaxamento das fibras transmitia-se à alma. Foi preciso tempo para que a vaga consolação resultante se coagulasse num pensamento: devo compensar, posso compensar.

A intuição, pelo contrário, foi instantânea: podia compensar com a poesia.

Ele tinha feito assim: agitava-se no escuro sem vislumbrar a mais pequena brecha e depois uma súbita claridade iluminava como se fosse dia a estrada a percorrer.

Havia de compensar escrevendo um livro.

Já o via completo em todas as suas partes. Havia de contar a história de Beatrice e a história dos poemas que tinha escrito para ela. Havia de ser o relato do imenso privilégio que Deus lhe tinha concedido. Havia de o intitular *Vita Nova*, vida renovada pelo verdadeiro amor.

Os poemas para *Beatrice* agora apareciam-lhe sob uma luz diferente. Não mentia a si mesmo, sabia bem que tinha feito daquela mulher um anjo no paraíso unicamente para deslumbrar o mundo com uma poesia nova. Queria destacar-se, queria que os seus amigos rimadores se sentissem velhos, ultrapassados. No entanto, agora tinha como que a sensação de que isso que para ele parecia só uma escolha de poética, obedecia a um plano do qual não estava ciente. Percebia que um poder externo o inspirara, que um sopro criador tinha feito dele o seu instrumento. Convenceu-se que Deus o tinha guiado sempre, mesmo no erro.

Chorava de alegria, a soluçar como uma criança assim que acabara de ser perdoada, com o coração pleno de gratidão.

O Senhor amava-o.

Florença, 8 de junho de 1294

Do assento de pedra ao lado da porta observava o céu por cima da torre da *Castagna*; estava a ficar cada vez mais escuro, estava a cobrir-se de nuvens negras. Tinha-se também levantado o vento e as nuvens colidiam, desordenadamente.

Voltou-lhe à memória a noite do funeral de *Bice*.

Como então, raios silenciosos começaram a fender o céu.

No dia do aniversário não podia ser um acaso. Era um sinal.

Interrogava-se sobre o seu significado e, entretanto, uma inquietação surda crescia dentro de si. Mais que um sinal, aquela coincidência começou a parecer-lhe um aviso. E se fosse uma censura?

A inquietação, na verdade, era insatisfação. Por qualquer coisa que sentia ter feito, melhor, não ter feito.

Quando saíra de casa tinha pensado que um pouco de ar fresco havia de o ajudar a colocar em ordem as ideias para o dia seguinte. Estava tudo estudado, às nove, e tinha bem claro o que escrever. Só algumas passagens precisavam ainda ser limadas, tornadas mais fluidas. E, porém, não conseguia distanciar-se do que tinha acabado de escrever. Era o que tinha escrito a fazê-lo sentir-se insatisfeito. A última página lembrava-a de cor. Tudo parecia encarregar-se suavemente: ninguém havia de poder dizer que era um exaltado, um doido que tinha visões, um que fingia dotes excepcionais. E, por outro lado, quem havia de poder acusá-lo de se ter escondido atrás das palavras? O equilíbrio entre o dizer e o não dizer era o justo.

Mas era justo procurar um equilíbrio daquele tipo? Numa matéria tão incandescente era ético procurar o equilíbrio? Estava insatisfeito consigo.

O vento agora varria a rua com rajadas cada vez mais fortes, e também os relâmpagos se tinham feito mais próximos.

Havia demasiada prudência naquele dizer e não dizer. E havia até demasiada exibição: admira a minha habilidade, eis o que intimava aquela página ao seu leitor. Mas era de facto o que era admirado...

Aquela prudência agora queimava-o, afastava-se com a cobardia. Sentia a arrogância do vil. Não compreendes? Procura um glosador. Com que direito havia de poder insultar os vários *Simone dei Bardi* que não haviam de perceber, se na verdade ele fizera tudo para não ser percebido? E para não ser percebido mesmo por eles, pelos mercadores, pelos banqueiros, pelos ricos de quem temia a opinião. Era deles que queria esconder-se. E, no entanto, escondia-se de si mesmo e de Deus. Dante Alighieri não tem medo da verdade, Dante Alighieri não desvalorizava os dons de Deus.

Um trovão explode com fragor. Começavam a cair as primeiras gotas de chuva. Voltou a entrar em casa.

Excitado sentou-se de novo à frente da folha que tinha deixado sobre a mesa. Estava possuído por uma espécie de furor. Estava para rasgá-la, quando ouviu a voz de *Gemma*. Não se tinha apercebido que a sua família tinha chegado a casa.

«É tarde, vamos comer!»

Levantou-se a agitar os punhos.

«Santíssimo Deus! Deus e todos os santos!»

Praguejava sem escrúpulos, estava fora de si.

«Vão, vão embora.»

Nem *Gemma*, nem *Lapa* ousaram dizer uma palavra. *Giovannino* olhava-o com os olhos arregalados, quase a chorar.

Estava zangado consigo mesmo. Não suportava sentir-se um velhaco.

Ele, dizia a si mesmo, agora havia de contar o que tinha acontecido. Mesmo que os grandes senhores de Florença lhe fechassem a porta na cara.

O temporal rugia violento. As portadas das janelas batiam.

A ele importava só a porta da verdade. Porque a nuvem branca que subia ao céu ele tinha-a visto, e de que maneira.

Sem se dar conta pegara noutra folha, imaculada.

Uma rajada de versos fluía sobre a página. Uma canção. Estava a escrever-se sozinha. Uma mão invisível guiava a pena. A tomar forma, miraculosamente, era a canção da verdade e a verdade estava na nuvem:

*Erguendo os olhos que lavava o choro,
vi anjos, como chuva de maná,
por revoada que no céu subia,
frente a uma nuvenzinha, como um coro,
a gritarem, passando-a, Hosannah;¹⁹*

¹⁹ Tradução de Vasco Graça Moura de *Vita Nova* (Moura, 1995, pp. 90,91)

7. OS PROBLEMAS RELATIVOS À TRADUÇÃO DA 1ª PARTE DE *COME DONNA INNAMORATA*

7.1. Os nomes próprios

Assim que se começa a folhear este romance de caráter biográfico, aparece uma vasta lista de nomes pertencentes a figuras que realmente existiram e que fizeram parte da vida de Dante. Embora alguns dos primeiros nomes próprios pudessem ter um correspondente na língua portuguesa, os sobrenomes não, portanto a opção foi manter os nomes originais, para que houvesse coerência na identificação das personagens.

Os nomes das ruas e das igrejas também ficaram inalterados, pelo mesmo motivo apresentado no parágrafo anterior, ou seja, a impossibilidade de encontrar, na maior parte das vezes, um correspondente na língua de chegada. O mesmo aconteceu com a designação *Ordinamenti di giustizia*, pois trata-se de uma designação do mundo jurídico muito específica da época retratada.

Muitos são também os nomes de cidades italianas que aparecem ao longo das páginas desta narrativa, sendo o mais recorrente o de *Firenze* o qual, como se sabe, tem como correspondente Florença na língua portuguesa. Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, *recomenda-se que os topónimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar no uso corrente* (Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, 2009, p. 68). Desta forma, sempre que possível, os nomes das cidades ou regiões italianas com correspondentes em português são designadas desse modo, como por exemplo: Florença, Bolonha, Toscana e Úmbria.

Já os nomes próprios dos santos S. Paulo e S. João Baptista, assim como o do profeta Jeremias, foram traduzidos para português, pois no Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa (1947) de Rebelo Gonçalves é recomendado *dar uso normal às formas vernáculas de apelidos estrangeiros de renome, designadamente de escritores, eruditos e cientistas, sempre que essas formas tenham tradição ou, embora não a tendo, resultem de correto aportuguesamento* (htt18).

7.2. As expressões idiomáticas

Todos os idiomas têm expressões características, normalmente de caráter familiar ou vulgar, que não se traduzem literalmente em outras línguas, pois a sua interpretação ultrapassa o sentido literal, devendo ser entendidas na globalidade e não pelo sentido de cada uma das suas partes.

Este romance apresenta algumas dessas expressões, cujo tratamento será exposto seguidamente.

A primeira é *Cielo basso, cielo peloso...* (p.17), expressão usada por *Lapa* quando *Gemma* está a acender o fogareiro e enche a cozinha de fumo, portanto deduz-se que se trata de um comentário ao que está a acontecer, daí a tradução quase à letra – *Céu baixo, céu carregado*.

Depois, quando o protagonista relembra a sua juventude e as palavras ofensivas do pai ao ter a certeza de que o filho não quer ser um homem de negócios, surge a expressão *i mangiapane a ufo*

(p.33), que significa em italiano *comer às custas dos outros*. Em português costuma usar-se, com o mesmo sentido, o pleonasma *parasita que come às custas dos outros*, pelo que pareceu adequado fazer a respetiva correspondência.

A propósito dos privilégios de *Simone dei Bardi*, marido de *Bice Portinari*, é usada a expressão *due grassi piccioni com la stessa fava* (p.45) que significa em italiano *obter duas vantagens apenas de uma vez*. Dado que a tradução à letra não faria sentido em português – *dois gordos pombos com a mesma fava* – adotou-se a expressão que lhe faz correspondência: *dois coelhos com uma só cajadada*.

Quando o protagonista está no luxuoso velório da sua musa, com uma roupa pouco adequada, imagina que a sua esposa esteja *sulle spine* (p.63), ou seja, que esteja em ânsias – à letra *estar sobre espinhos* – portanto foi adotada uma expressão que lhe é equivalente no sentido: *estar em pulgas*.

A expressão *non importa un fico secco* significa em italiano *não ter nenhuma importância/nenhum valor* e é usada para referir o desinteresse de Guido Cavalcanti pela política (p.88). Algumas expressões portuguesas aproximam-se do seu sentido, como *não valer um tostão furado/um chavelho* ou *estar-se nas tintas*. Ainda que nenhuma delas parecesse ser a ideal, optou-se pela primeira, por permitir manter o paralelismo existente no texto original: *...non importa un fico secco.../...neppure a lui ne importava un fico.; ...não vale um tostão furado.../...nem sequer para ele valiam um tostão*.

Numa das manifestações do poeta contra a riqueza florentina *a lui era saltata la mosca al naso* (p.97), melhor dizendo, perdeu a calma, que em português corresponde a *chegou-lhe a mostarda ao nariz*, expressão usada na tradução.

Antes de terminar este assunto, um outro aspeto há a referir. Há situações em que, apesar de na língua de partida não ser usada uma expressão idiomática, a expressividade do original pode ser enriquecida pelo seu uso. Assim, num dos momentos em que o poeta se impacienta com o desassossego da sua casa por causa das trivialidades domésticas, pensa nas críticas da esposa e da madrasta, desvalorizando a opinião da última por ser apenas a filha de um *mercantuolo* (p.75), podendo-se traduzir por *comerciantezinho*, porém a expressão *comerciante de meia tigela*, usada para referir um comerciante de pouco valor, pareceu mais expressiva.

7.3. As formas verbais

Como já tem sido dito ao longo deste trabalho, a narrativa em causa decorre da apropriação dos pensamentos do protagonista por parte do narrador. Assim, o enredo vai-se construindo ao sabor das lembranças e das emoções da personagem em foco, resultando num “emaranhado” de planos temporais sobrepostos. Tratando-se de memórias, os tempos verbais predominantes encontram-se no passado, mas não só, o que prova a complexidade da sobreposição de planos referida.

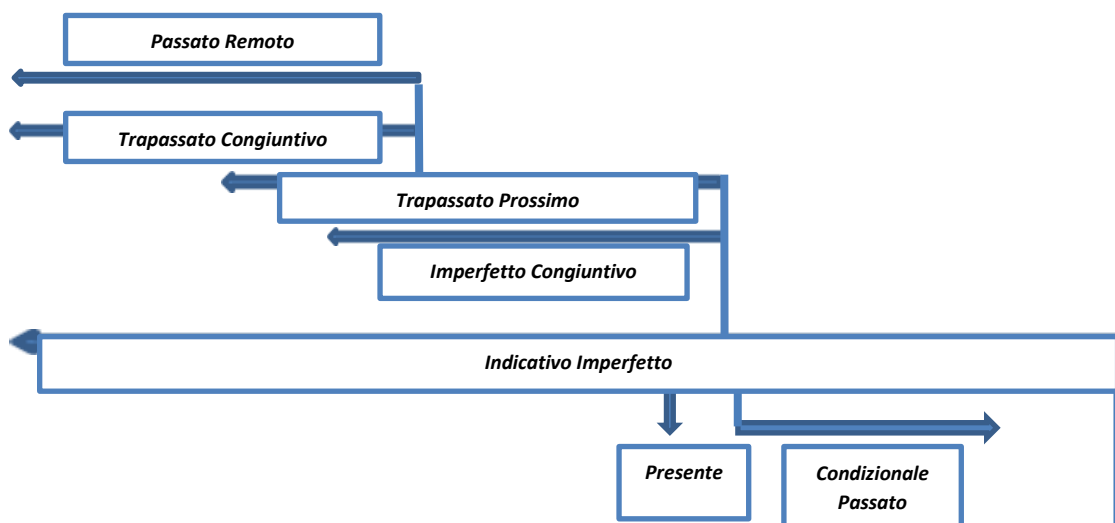
O tempo verbal dominante é *l'imperfetto indicativo* (pretérito imperfeito do indicativo), usado para exprimir as ações passadas vistas ao longo do seu desenvolvimento. No entanto, outros tempos do

passado vão surgindo: o *trapassato prossimo* (pretérito-mais-que-perfeito do indicativo simples ou composto) que exprime ações passadas realizadas antes de outras, também elas passadas; o *passato remoto* (pretérito perfeito do indicativo) que exprime ações passadas, afastadas no tempo e concluídas definitivamente no passado; o *imperfetto congiuntivo* (pretérito imperfeito do conjuntivo) e o *trapassato congiuntivo* (Mais-que-perfeito do conjuntivo) que exprimem ações passadas representativas de dúvidas, hipóteses ou desejos e se usam em orações subordinadas (o uso dos mesmos depende do tempo verbal da subordinante). Quanto ao *imperfetto congiuntivo*, foi traduzido algumas vezes pelo pretérito imperfeito do indicativo, dado que em português é possível ter uma oração subordinante e uma oração subordinada na mesma frase com os verbos no modo indicativo, já o mesmo não acontece em italiano, os verbos das subordinadas têm de estar no conjuntivo.

Além dos inúmeros verbos nos vários tempos do passado, sempre que é introduzida a fala de uma personagem, é usado *il presente indicativo* (presente do indicativo) para recriar o tempo presente da ação representada.

A tradução dos tempos verbais acima mencionados não causou problemas, pelo facto de terem correspondência na língua portuguesa. O mesmo não se pode dizer do *condizionale passato*, sem equivalência em português, tempo e modo verbal usado para exprimir ações posteriores relativamente a outras realizadas num tempo passado. O complexo verbal formado pelo verbo auxiliar temporal *haber de* mais o infinitivo do verbo principal foi a solução encontrada, uma vez que pode traduzir uma ideia de futuro no passado. Como o *condizionale passato* representa o futuro dentro do passado, o verbo auxiliar temporal foi sempre traduzido pelo pretérito imperfeito do indicativo. Exemplo: *E adesso, cosa avrebbe fatto il poeta di Beatrice?* (p.29) – E agora, o que havia de fazer o poeta de *Beatrice*?

Esta sobreposição de planos temporais pode ser representada através do seguinte esquema:



7.4. O título do romance

O título da obra corresponde a uma parte do primeiro verso do canto XXIX do Purgatório d'A Divina Comédia de Dante – *Cantando come donna innamorata*. Esta “donna” é a bela e misteriosa *Matelda* que Dante encontra quando sobe ao Paraíso Terrestre, “divina foresta” *solcata da un fiume* (Santagata, *Le donne di Dante*, 2021, p. 128), tomando-a por uma mulher apaixonada, dado que *Tiene gli occhi (...) più splendenti di quelli di Venere quando, accidentalmente, fu ferita dalla freccia del figlio Cupido* (Santagata, *Le donne di Dante*, 2021, p. 136). A formosa jovem encontra-se a cantar e a colher flores no jardim do Éden quando é avistada pelo poeta, no entanto o rio que atravessa a maravilhosa floresta coloca-os em margens opostas. Abordada por ele, esta explica-lhe que aquele lugar fora criado por Deus para que a humanidade pudesse ter a experiência antecipada da beatitude eterna e que a água daquele rio que os separa (rio *Lete*) tem o poder de fazer esquecer os pecados cometidos a quem a beber. De facto, é esta jovem que o conduz pelo caminho da verdade, levando-o a imergir no rio do esquecimento e a expurgar os seus pecados, e indicando-lhe, posteriormente, o caminho até à sua amada *Beatrice*. No verso acima citado, o verbo *cantando* introduz o canto do versículo inicial do Salmo 31, “*Beati quorum tecta sunt peccata!*” (*Bem-aventurados aqueles cujos pecados são perdoados*) por *Matelda*, o que remete para a possível função desta personagem como “purificadora de almas” (htt19).

As traduções do referido verso por Vasco Graça Moura, *Qual dama enamorada, então remata* (Comédia, 2011, p. 549) ou por Jorge Vaz de Carvalho, *Qual dama enamorada em cantata* (Comédia, 2020, p. 599) apresentam os mesmos correspondentes para *Come donna innamorata*, ou seja, a conjunção comparativa “qual”, o nome feminino “dama” e o adjetivo feminino “enamorada”. A escolha dos respetivos vocábulos parece prender-se com o facto de se tratar da tradução de um texto da Idade Média e de estar de acordo com a realidade da época: “qual”, conjunção comparativa com o significado de “tal como”, entrou na língua portuguesa por via culta e encontra-se em textos portugueses do mesmo período da obra traduzida; “dama” é uma palavra de origem francesa (*dame*) e significa “mulher nobre”, neste caso identifica uma mulher com qualidades nobres, além do mais é um nome atencioso extensivo a todas as senhoras, apropriado para referir *Matelda*; “enamorada” é um adjetivo que deriva do verbo “enamorar” cujo uso remonta ao século XVI e pode significar “apaixonada”, “cativada” ou “inspiradora de amor em” o que se adequa à figura feminina em causa. Porém, é importante realçar que estas três palavras (*Come donna Innamorata*) servem agora de título a um romance do século XXI e a tradução referida anteriormente não se coaduna com o universo atual. Ainda que esta *donna innamorata* continue a remeter para a personagem *Matelda* da Divina Comédia e para a sua função de conduzir pelo caminho da redenção e da felicidade, o/a leitor/a só o descobre no fim da leitura de cada uma das duas partes do romance. De facto, em cada uma delas, o protagonista realiza uma espécie de caminhada até à redenção, que é concretizada através da escrita:

na primeira expia a culpa em relação a *Bice* e na segunda a culpa em relação a *Guido*, com a redação da *Vita Nova* e de *La Divina Comedia*, respetivamente. Portanto, com o intuito de estar em sintonia com a provável intenção do autor em cativar o público contemporâneo com um título apelativo e enigmático a tradução escolhida foi *Como uma mulher apaixonada*.

Apesar de a função desempenhada por *Matelda* se espelhar no romance de Marco Santagata, poder-se-ia sempre perguntar por que motivo esse papel não é atribuído a *Beatrice*. Com Santagata, os assuntos nunca são fáceis nem lineares. A esse propósito, o canto de *Matelda*, subsumido, pois não faz parte do título, envolve a narrativa numa melodia latente que ainda mais sublima a arte da palavra.



Salvatore Postiglione (1861-1906), *Dante, Virgilio e Matelda* ²⁰



Salvatore Postiglione (1861-1906), *Dante e Beatrice* ²¹

²⁰ <https://br.pinterest.com/pin/379709812336384494/>

²¹ https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Salvatore_Postiglione_-_Dante_e_Beatrice.jpg

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio da tradução da primeira parte de *Come donna innamorata* de Marco Santagata começou com o facto do seu assunto ser inspirado na biografia de Dante Alighieri e na concepção da *Vita Nova*, fazendo com que o conhecimento da sua vida, assim como da obra referida, fossem premissas fundamentais para começar a desenvolver o trabalho. Além do mais, o autor do romance, Santagata, era um estudioso e grande conhecedor da obra do poeta, o que levou a pressupor que nada nesta narrativa era gratuito, aumentando a responsabilidade nas escolhas feitas durante a realização da mencionada tradução.

A análise do texto original, seguindo os princípios teóricos dos estudos da narratologia e a metodologia preconizada em tradução por Christiane Nord, foi muito importante para abrir caminho e conseguir alcançar o sentimento de satisfação que advém do “dever cumprido”. Muitas foram as hesitações, muitas foram as angústias durante a execução deste Trabalho de Projeto, porém muitas mais foram as alegrias resultantes da descoberta do percurso a seguir e da concretização do trabalho pretendido.

Concluindo, diante das inúmeras alternativas de tradução que o texto trabalhado apresentou, ficou a noção de que foi conseguida uma possível proposta e, apesar das dúvidas ainda persistentes, deu-se a conhecer um escritor italiano do século XXI desconhecido do público português.

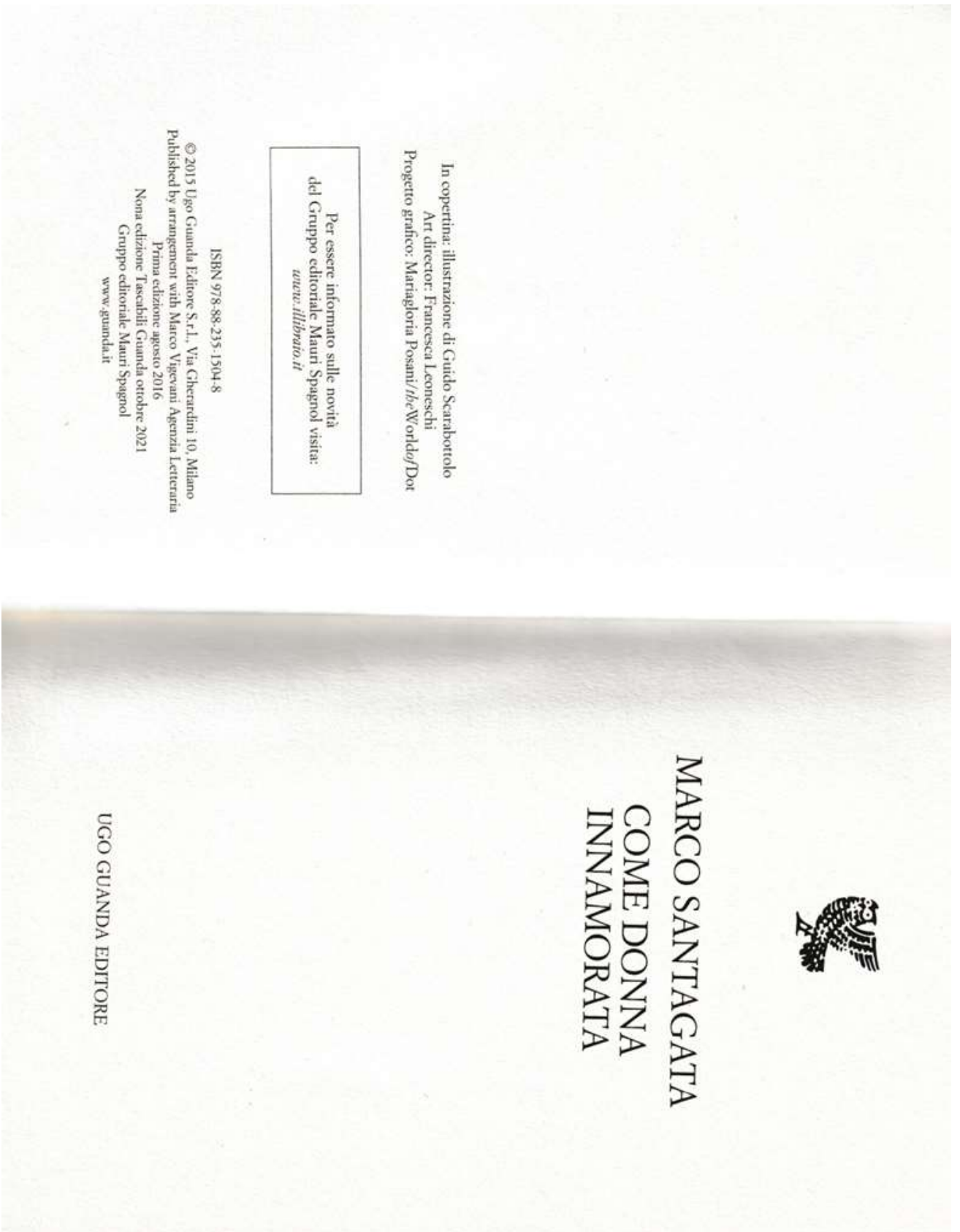
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

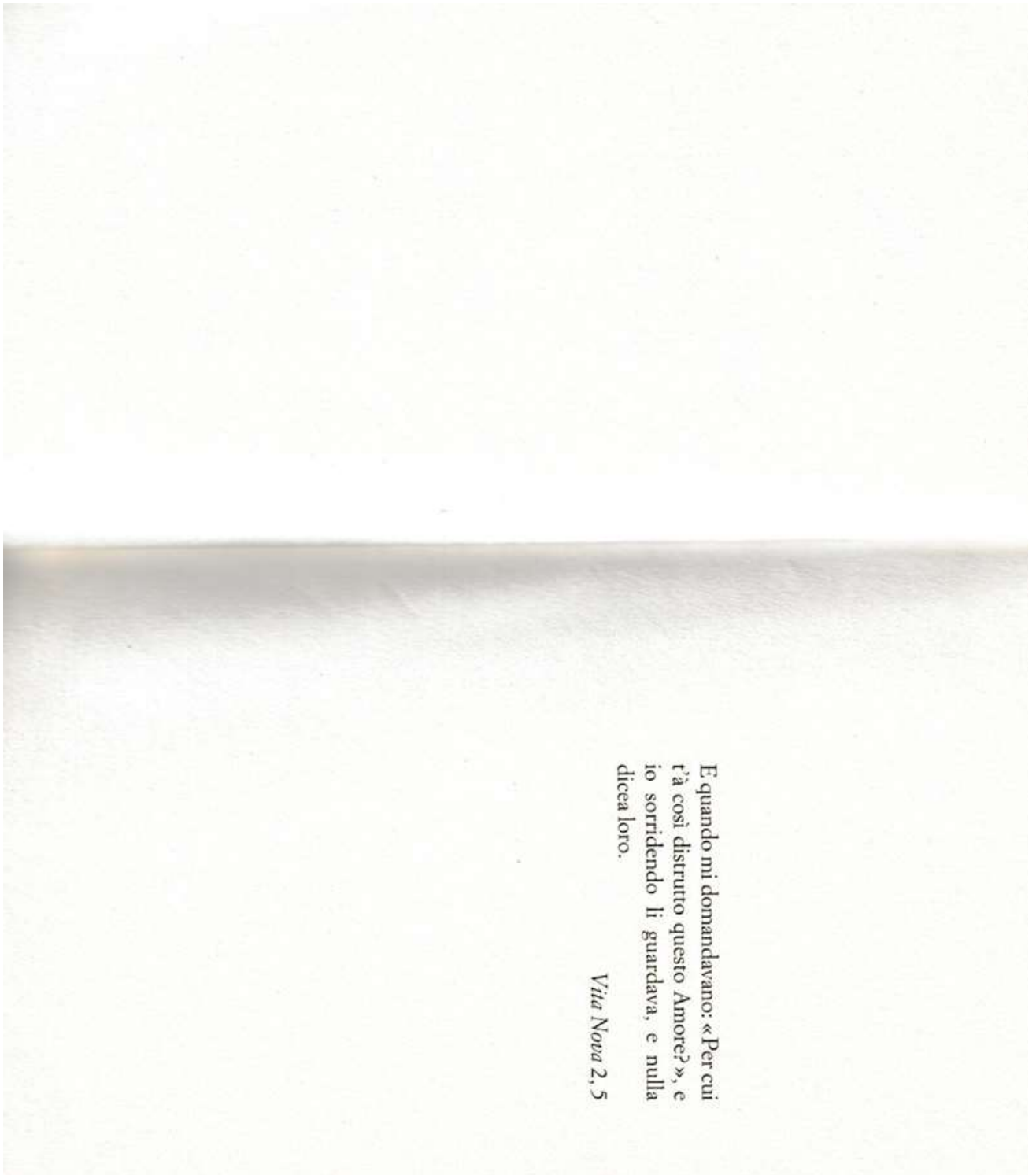
- (s.d.). Obtido de <https://www.guanda.it/libri/marco-santagata-il-copista-9788823525481/>
- (s.d.). Obtido de <https://sellerio.it/it/catalogo/Salto-Orlandi/Santagata/840>
- (s.d.). Obtido de <https://www.illibraio.it/libri/marco-santagata-il-movente-e-sconosciuto-9788823519657/>
- (s.d.). Obtido de <https://www.ibs.it/come-donna-innamorata-libro-marco-santagata/e/9788823515048/recensioni>
- (s.d.). Obtido de <https://www.criticaletteraria.org/2015/03/come-donna-innamorata-di-marco-santagata.html>
- (s.d.). Obtido de <https://www.panorama.it/cultura/marco-santagata-come-donna-innamorata-recensione>
- (s.d.). Obtido de <http://pauranka.it/cultura/letteratura/come-donna-innamorata/>
- (s.d.). Obtido de https://iiclisbona.esteri.it/iic_lisbona/pt/gli_eventi/calendario/2015/09/l-attualita-di-dante-a-cura-del-prof-marco-santagata.html
- (s.d.). Obtido de <https://www.premiostrega.it/>
- (s.d.). Obtido de <https://gulbenkian.pt/agenda/visoes-de-dante-o-inferno-segundo-botticelli/>
- (s.d.). Obtido de <https://imprensanacional.pt/novidade-editorial-divina-comedia-de-dante-alighieri-com-traducao-de-jorge-vaz-de-carvalho/>
- (s.d.). Obtido de <https://tintadachina.pt/produto/poetas-de-dante/>
- (s.d.). Obtido de https://pt.wikipedia.org/wiki/Dante_Alighieri
- (s.d.). Obtido de https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_na_Idade_M%C3%A9dia
- (s.d.). Obtido de <https://modahistorica.blogspot.com/2013/05/a-moda-na-era-medieval-parte-2-anos.html>
- (s.d.). Obtido de <https://amarassist.com.br/artigos/a-historia-dos-rituais-funebres>
- (s.d.). Obtido de <https://divinacommedia.weebly.com/matelda.html>
- (s.d.). Obtido de <https://it.wikipedia.org/wiki/Matelda>
- (s.d.). Obtido de <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-traducao-dos-nomes-proprios-estrangeiros/31557>
- (s.d.). Obtido de <https://vies.wiki/wiki/pt/Matelda>
- (jj@di.uminho.pt), J. J. (s.d.). *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Obtido de <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>

- Alighieri, D. (2011). *A Divina Comédia*. (V. G. Moura, Trad.) Lisboa: Quetzal.
- Alighieri, D. (2020). *Divina Comédia*. (J. V. Carvalho, Trad.) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Almeida, J. J. (s.d.). *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Obtido de <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>
- Andrade, A. B. (2021). (Dissertação de Mestrado em Estudos de Cultura, Literatura e Línguas Modernas) . *Dante Alighieri na música. A relação entre literatura e música em Eine Symphonie zu Dante's Divina Commedia de Franz Liszt*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Barbero, A. (2021). *Una Vita*. (A. G. Barreiros, Trad.) Lisboa: Quetzal.
- Bassnett, S. (2003). *Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina*. (V. d. Figueiredo, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ceia, C. (s.d.). *E-Dicionário de Termos Literários*. Obtido de <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/dramatis-personae>
- Celso Cunha, L. L. (1991). *Nona Gramática do Português Contemporâneo* (8ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Vol. 5). (1990). Lisboa: Livros Horizonte.
- Dicionário Infopédia*. (s.d.). Obtido de <https://www.infopedia.pt/dicionarios>
- Dicionário Italiano - Português* (3ª ed.). (2009). Porto: Porto Editora.
- Dicionário Priberam*. (s.d.). Obtido de <https://dicionario.priberam.org>
- Dicionário Reverso*. (s.d.). Obtido de <https://www.reverso.net/>
- Dizionario Treccani*. (s.d.). Obtido de <https://www.treccani.it/vocabolario/dizionario/>
- Domenico de Robertis, G. C. (1995). *Dante Alighieri - Opere Minore - VITA NOVA RIME* (Vol. I). Milano - Napoli: Riccardo Ricciardi Editore.
- Ferreira, J. v. (2020). *Vida Nova * Rimas de Dante Alighieri*. (A. M. Carvalho, Trad.) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, S. A.
- Girandi, G. (12 de 3 de 2015). *Come donna innamorata di Marco Santagata*. Obtido de [sololibri.net: http://www.sololibri.net/come-donna-innamorata-Marco.html](http://www.sololibri.net/come-donna-innamorata-Marco.html)
- Gorni, G. (1996). *Dante Alighieri VITA NOVA*. Torino: Giulio Einaudi Editore.
- Il sito ufficiale di Marco Santagata*. (s.d.). Obtido de [marcosantagata.it: http://www.marcosantagata.it](http://www.marcosantagata.it)
- Inglese, G. (2012). *Dante: guida alla Divina Comedia*. Roma: Carocci.

- Insolera, M. (1999). *Grammatica Essenziale della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli.
- Jafrancesco, E. (1997). *Parla e Scrivi - la lingua italiana come L2 a livello elementare e avanzato*. Firenze: Cendali.
- Leonor Sardinha, L. O. (2010). *Gramática formativa de Português*. Lisboa: Didática Editora.
- Marnoto, R. (2001). *A VITA NOVA DE DANTE ALIGHIERI /Deus, o Amor e a Palavra*. Lisboa: Edições Colibri.
- Moderna Enciclopédia Universal* (Vol. VI). (1986). Amadora: Lexicultural.
- Moura, V. G. (1995). *A Vita Nuova de Dante Alighieri*. Venda Nova: Bertrand.
- Munday, J. (2014). *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações*. (A. d. Góis, Trad.) Coimbra: Edições Pedagogo.
- Nord, C. (2016). *Análise textual em tradução: bases teóricas*. (M. E. Zipser, Trad.) São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti Editor Lda.
- Nuno Júdice, e. o. (2021). *Poetas de Dante*. Lisboa: Tinta da China.
- Pinto, P. F. (2009). *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Pym, A. (2013). *Toerias contemporâneas da tradução: uma abordagem pedagógica*. (A. M. Chaves, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Radicchi, S. (1985). *IN ITALIA Modi di dire ed espressioni idiomatiche*. Roma: Bonacci.
- Rea, R. (2021). *Dante: guida alla Vita nuova*. Torino: Carocci editore - Bussole.
- Reis, C. (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina.
- Rondino, F. (12 de maio de 2015). *Come donna innamorata. La vita di Dante che cambiò l'8 giugno 1290*. Obtido de recensionilibri.org: <http://www.recensionilibri.org/2015/05/come-donna-innamorata-la-vita-di-dante-che-cambio-8-giugno-1290.html>
- Santagata, M. (2015). *Come donna innamorata*. Milão: Guandi.
- Santagata, M. (2015). *Come donna innamorata*. Parma: Ugo Guanda Editore.
- Santagata, M. (2015). *Opere/ Dante Alighieri* (2ª ed., Vol. 1). Milão: Mondadori.
- Santagata, M. (2020). *DANTE Il romanzo della sua vita*. Milano: Mondadori.
- Santagata, M. (2021). *Le donne di Dante*. Bologna: Il Mulino.
- Zingarelli, N. (2003). *Lo Zingarelli - vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli.

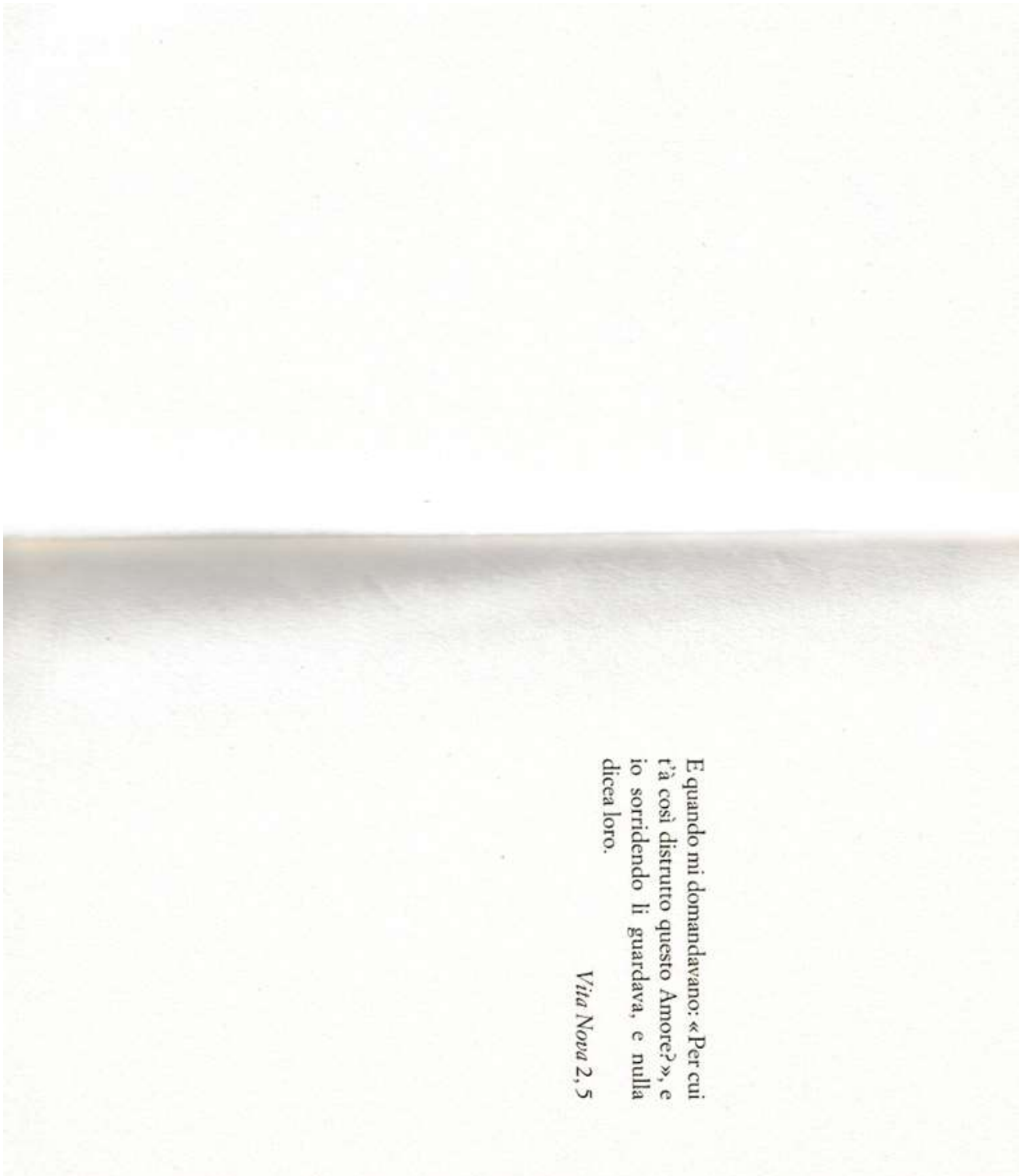
ANEXOS

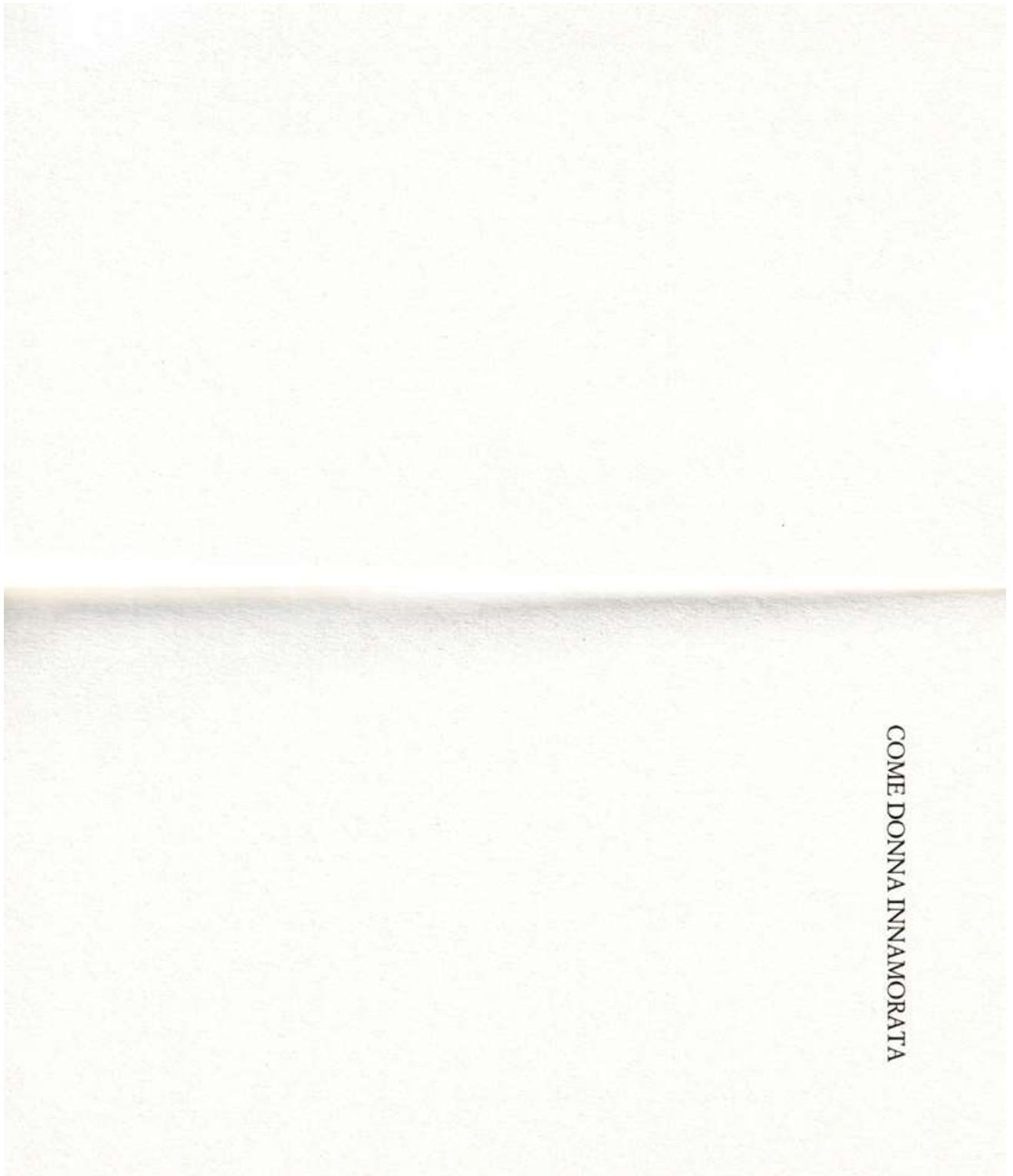




E quando mi domandavano: «Per cui
r'ìa così distrutto questo Amore?», e
io sorridendo li guardava, e nulla
dicea loro.

Vita Nova 2, 5





Dramatis Personae

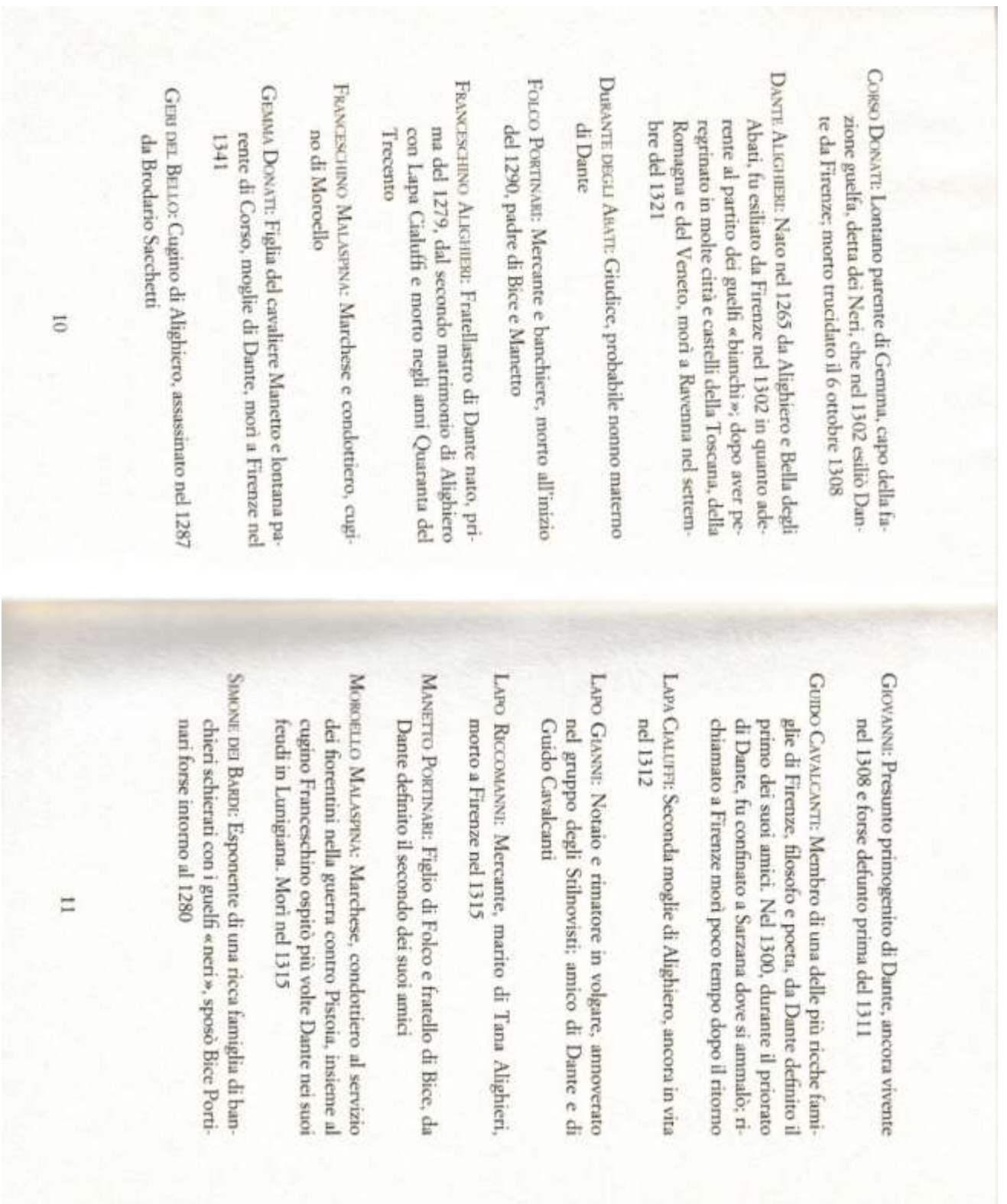
ALIGHIERO: Padre di Dante, piccolo commerciante e cam-
biavalue, nato intorno al 1220 e morto, probabil-
mente, poco dopo il 1275

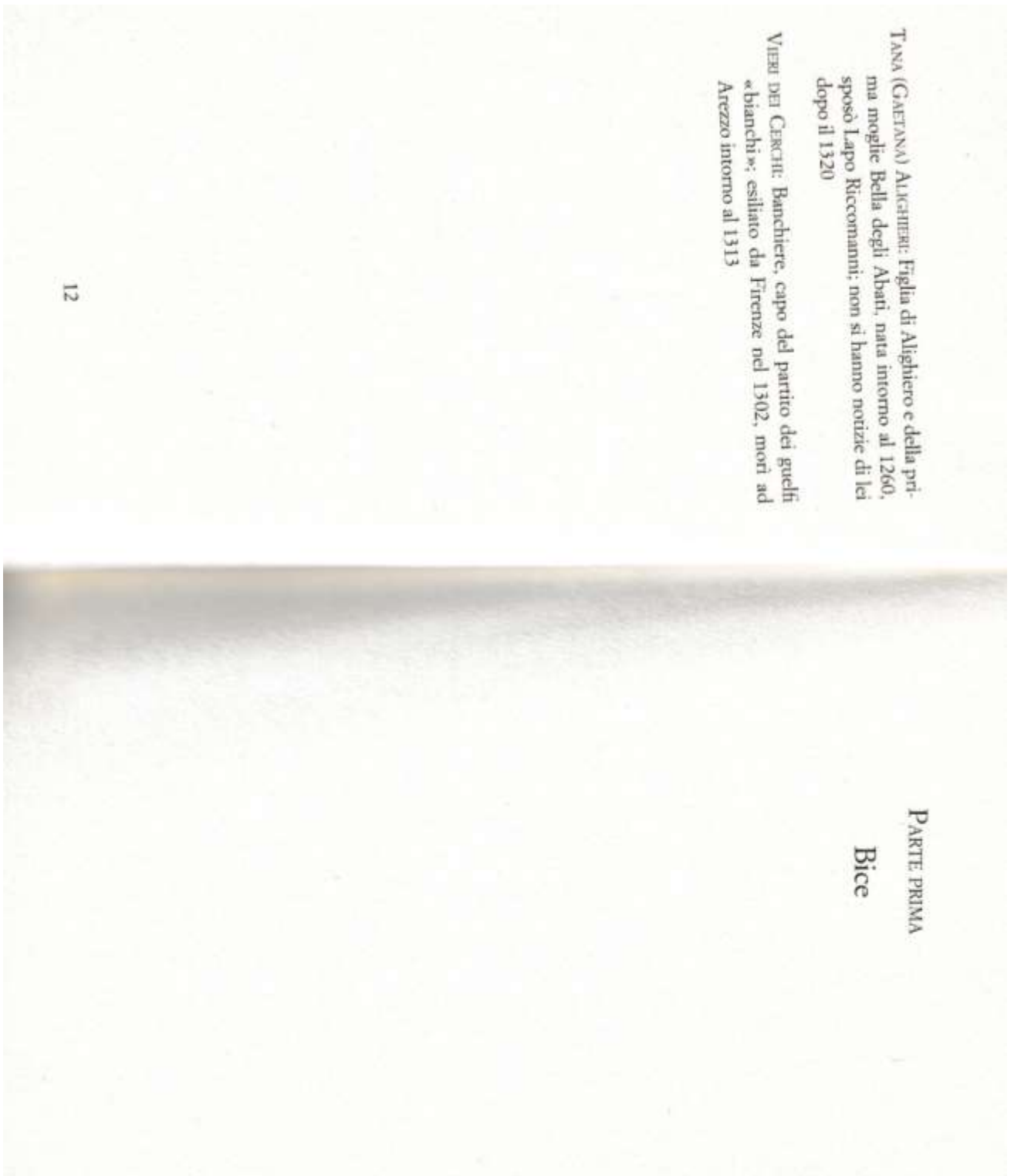
ARRIGO (ENRICO) VII DI LUSSEMBURGO: Imperatore, sceso
in Italia nel 1310 e morto all'improvviso nell'agosto
del 1313 quando stava per vincere la guerra contro il-
re di Napoli e il papa

BICE (BEATRICE) PORTINARI: Figlia di Folco, nata nel 1266 e
morta l'8 giugno 1290, sposata con Simone dei Bar-
di. Dante racconta la storia del suo amore per lei
nella *Vita Nuova* e ne fa uno dei personaggi principali
della *Commedia*

BRUNETTO LATINI: Nato fra il 1220 e il 1230, morto alla fi-
ne del 1293, notaio e punto di riferimento della vita
politica e amministrativa di Firenze, fu probabil-
mente il maestro del giovane Dante

CINO DA PISTOIA: Poeta e giurista, schierato con il partito
dei guelfi «neri» e nonostante ciò grande amico di
Dante; morì alla fine del 1336 o ai primi dell'anno
successivo





1

Firenze, 8 giugno 1294

Sapeva che prima o poi ci sarebbe arrivato. Era il cuore del libro. Di più, era proprio per raccontare quella visione che aveva deciso di scrivere un libro. E adesso che c'era arrivato, esitava.

I sarcasmi di Guido li aveva messi nel conto. Lo avrebbero ferito, ma danneggiato no, anzi. Le punzecchiature che l'amico non gli avrebbe risparmiato neppure in pubblico non sarebbero state la riprova che lui, Dante, era Dante e che nessuno, foss'anche Guido Cavalcanti, poteva fargli cambiare idea? Lo lusingava la fama di uomo che, cascasse il cielo, mai si sarebbe morso la lingua, mai avrebbe abbassato lo sguardo, meno che mai piegato la schiena. E però quella fama faceva presto a trasformarsi in nomea. L'opinione che di lui si erano fatti i banchieri, i cavalieri, i possidenti di Firenze gli dava pensiero. Certi commenti gli erano arrivati alle orecchie. Superbo, arrogante. Nel loro mondo, lui era un intruso. Le dame lo elogiavano: «Ma che belle poesie! Nobili, nobili e gentili», e gli sembrava che calcassero sul *nobili*, con intenzione. Non ci voleva una grande fantasia per immaginare cosa si sarebbero dette non appena si

15

fosse congedato con un inchino: «Ingegnoso, questo Alighieri». «E stravagante.» «Stravagante? Non avete visto gli occhi da matto?» «È proprio vero, il sangue non mente. Il suo, poveretto, è quello che c'è.»

E adesso il figlio dell'usuraio avrebbe dovuto mettere nero su bianco che sì, era pazzo? Confermare a tutta Firenze che il sangue marcio esala vapori che ubriacano? Le porte che gli si erano aperte con tanta fatica si sarebbero chiuse di colpo. O peggio ancora, sarebbero rimaste aperte per fare entrare il giullare, il folle di San Martino, il poeta dalle visioni...

Esitava. Ma doveva pur raccontarla, e così da giorni rimuginava sul come.

Quella mattina si era svegliato di buon umore. Tanta serenità di spirito in un giorno che avrebbe dovuto essere consacrato alla tristezza lo aveva stupito. Forse, si diceva, era perché non aveva sognato. Una notte senza sogni gli capitava di rado. Anche durante il giorno, se per caso gli si chiudevano gli occhi, subito la testa si riempiva di immagini. Quando un rumore o un contatto lo risvegliavano, faticava non poco a orientarsi. Per un po' restava meditando, sforzandosi di capire se intorno a lui si muovevano persone in carne e ossa o fantasmi. La diceva che lui non amasse il suo prossimo nasceva anche da quelle assenze.

Il sole era spuntato da poco e già faceva molto caldo. Si preannunciava un giorno torrido, proprio come quello di quattro anni prima.

Da una nicchia nel muro, a lato della porta, aveva tirato fuori un bauletto di legno e poi si era seduto a

16

una estremità del tavolo, in cucina. Non aveva uno studio, lui. In casa c'era solo una tavola, quella.

Era nello stato d'animo giusto per scrivere. Il dilemma in cui si era incagliato adesso non gli sembrava poi così difficile da sciogliere. Gli era balenata un'idea. Che ciò fosse capitato proprio un 8 giugno gli sembrò un segno. Da quell'8 giugno lui era molto attento ai segni...

All'altra estremità della tavola era seduta Lapa, la seconda moglie di suo padre. Sfogliava un grosso cavolo. Portava bene i suoi anni.

Entrando l'aveva salutata con un buongiorno più cordiale del solito. Non che con lei fosse scortese, ma non gli era mai riuscito di considerarla come una madre, e tanto meno di chiamarla mamma.

«Buongiorno anche a te» gli aveva risposto, senza smettere di sfogliare il cavolo, e poi aveva aggiunto, come se lui l'avesse interrogata: «Franceschino è già andato. Gran lavoratore quel ragazzo».

Franceschino era figlio suo. Si dava da fare, aveva preso dal padre, mica si perdeva nei sogni.

Queste cose Lapa le diceva con gli occhi e con le smorfie della faccia.

Nel frattempo Gemma aveva acceso il fornello. La cucina si stava riempendo di fumo.

«Non tira» sbuffava Gemma sventolando il grembiule davanti alla grata.

«Cielo basso, cielo peloso...»

Lapa parlava con la sicurezza di chi ha esperienza delle cose.

17

La faccenda a lui non interessava. L'idea stava prendendo forma.

Dal bauletto aveva estratto un foglio, pulito su entrambi i versi. Non era il caso di fare economie. Penna e calamaio. Si sentiva pronto.

Gemma brontolava tra sé. Quegli agegeggi sul tavolo la infastidivano. Lapa taceva, non si abbassava, lei. Non era difficile indovinare i loro pensieri. Gli scappava proprio adesso? Ma se aveva davanti una giornata intera per i suoi ghittibizzi...

A guardarla, bassotta, paffuta, i capelli scarmigliati e una pelle scura da contadina, chi l'avrebbe detto che Gemma era una Donati. Figlia e nipote di cavalieri? Forse Guido aveva ragione: è la cultura a fare il nobile, non il sangue. A meno che non fosse stato il suo a guastare quello della moglie. Quanto a Guido, se tutti lo trattavano come un principe non era per l'ingegno. Avesse avuto lui un decimo delle sue rendite, si sarebbero inchinati anche gli sbirri del Bargello. I rimbrotti di Gemma non li sentiva nemmeno. L'idea lievitava. Dire senza dire. Dire che non lo raccontava, e con ciò raccontarlo. Era felice. Quando il cervello gira, lui è felice. Felice nel giorno del pianto? Non poteva essere che un segno...

18

2

Firenze, 8 giugno 1290

Nel tardo pomeriggio era seduto a quello stesso tavolo. Anche quel giorno era felice. Scriveva una poesia. Per Beatrice.

No, felice no. Si era fatto un punto d'onore di dire sempre la verità a chiunque, e quindi non poteva mentire a sé stesso. Non provava l'ebbrezza che lo invadeva quando era Amore a dettare i suoi versi e questi scivolavano giù dalla penna. Quel pomeriggio scriveva per non pensare alla notizia che presto sarebbe arrivata.

Il caldo era torrido. Sudava. Le rime andavano cercate a una a una. In tali circostanze una canzone d'amore come avrebbe potuto snodarsi leggera? Ma lui si incaponiva, non allentava la concentrazione. Il mondo era lì, in quelle righe che si allineavano sul foglio con stentata lentezza. I contorni della carta delimitavano l'unico universo di cui si volesse occupare.

Gemma non pativa il caldo. Aveva già acceso la carbonella per la cena.

Qualcuno o qualcosa lo toccò sulle spalle. Gli sembrava di udire una voce che lo chiamava. Si riscosse,

19

si voltò e riconobbe il suo amico Lapo Gianni. Aveva lo sguardo di chi si china su un ammialato grave.

« Bice » sussurrò Lapo, e non aggiunse altro.

Se lo aspettava, tuttavia ebbe un capogiro. Appoggiò i gomiti sul piano del tavolo e tenne la testa fra le mani. Immobile, sentiva su di sé lo sguardo di Gemma. Lo stava fissando dall'angolo del focolare. Non sollevò gli occhi: non voleva vedere il sorrisetto che di sicuro le increspava le labbra.

Le tempie cominciarono a pulsare. Un prurito alle mani stava per trasformarsi in tremito. Il suo male?

Si alzò di scatto, con rabbia afferrò il foglio sul tavolo, lo appallottolò e lo lanciò nel camino. Gemma, che adesso gli girava le spalle, senza voltarsi si diresse decisa al camino, raccolse la palla aggrinzita, con una mano la stirò alla bell'e meglio sul tavolo e la fermò mettendoci sopra il calamaio.

Sempre parsimoniosa, la sua Gemma!

Lapo taceva. Imbarazzato? Lo guardò dritto in faccia. Poetastro!, pensò: un poeta vero avrebbe capito.

Lapo farfugliò che Bice era grave.

« Allora andiamo » disse lui con un filo di voce.

Camminavano di buon passo, in silenzio. Il sole stava calando, ma l'afa era opprimente. Nemmeno un retolo d'aria si insinuava nei vicoli fra le torri. Davanti a quella imponente dei Cerchi, Lapo indicò con il dito l'antico stemma in pietra dei Guidi, ancora incassato

sopra la porta, e con voce impostata cominciò a declamare:

« Venga Nasone, stupisca di sì mirabile metamorfosi! Dio Fiorino trasforma i villani in conti. »

Era uno dei soliti commenti sarcastici che tra loro amici si scambiavano ogni volta che passavano davanti alle case dei banchieri più ricchi di Firenze, plebei di campagna che avevano comprato il palazzo dei più nobili conti palatini di Toscana.

Lapo voleva distoglierlo dai suoi cupi pensieri.

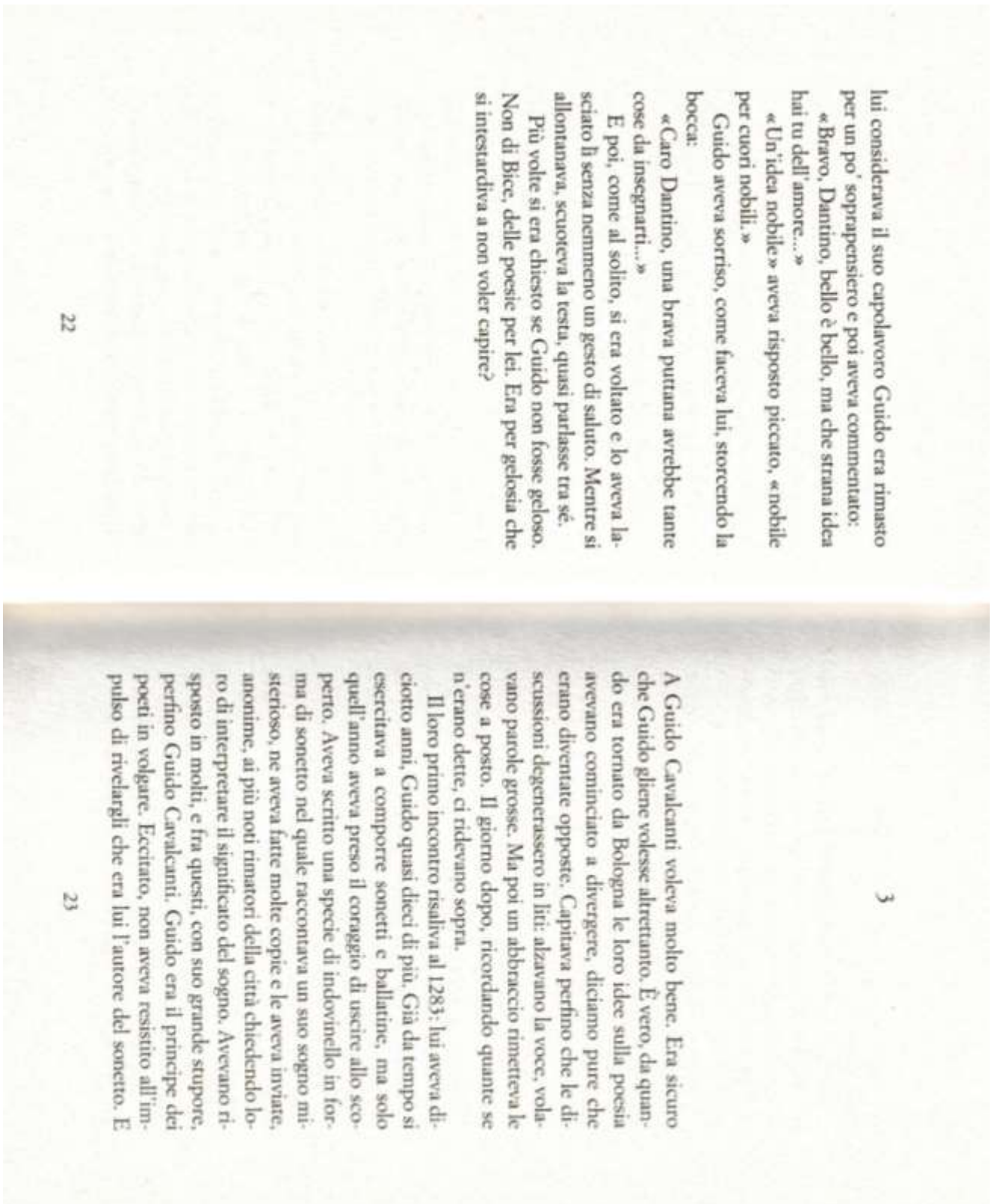
Lui non disse parola. Respirava con fatica. Colpa del cielo basso, colpa della paura... In casa aveva capito i primi segnali del suo male. Aspettava che accadesse. Era sicuro che l'avrebbe fatto. Perché mai avrebbe dovuto risparmiarlo? Concentrato, ascoltava il suo corpo.

Poche decine di metri più avanti, nei pressi del Gardingo, alla loro destra si apriva uno spiazzo coperto di rovi e di macerie. Erano i resti delle case diroccate degli Uberti. Anche contro di loro aveva combattuto a Campaldino.

A quella vista fu preso da un improvviso smarrimento. Bice gli stava rubando il futuro...

Per tutti, a Firenze, lui era il poeta di Beatrice. E Beatrice giaceva sul letto di morte insieme a Bice...

Quella donna lo avrebbe reso famoso. Già adesso era tutto un fiorire di congratulazioni. Tranne Guido, ovviamente. Guido storciva il naso. Perché mai non capiva che quella nuova poesia era anche figlia sua? Quando, orgoglioso, gli aveva letto un sonetto che



così si era presentato a casa Cavalcanti chiedendo di essere ricevuto.

L'atrio era un salone di grandi dimensioni sul quale si aprivano numerose porte: di fronte a quella d'ingresso una scala in pietra saliva al piano superiore. Alle pareti erano collocate quattro cassapanche dipinte. Non aveva mai visto tanta opulenza.

Il servo che stazionava nell'androne, udita la sua richiesta, era sparito dietro a una porta chiusa, e poi era ritornato dicendo che il padrone lo avrebbe ricevuto subito.

Era entrato intimidito in una stanza arredata con due armadi pieni di libri. Cavalcanti sedeva dietro un tavolo ricoperto di carte. Gli aveva fatto cenno di sedere davanti a lui. Benché si fosse presentato a casa sua senza preavviso, Guido indossava abiti di tessuto finissimo e di grande eleganza. Ed eleganti, forse un po' troppo studiati, erano anche i movimenti delle mani con i quali, quando aveva cominciato a parlare, accompagnava le parole. Parole scelte, ricercate, pronunciate con tono sommesso. Ogni tanto un sorriso addolciva la sua espressione severa. Aveva occhi neri, inquisitori. Una piccola ruga gli solcava la fronte.

Guido aveva cominciato elogiando il sonetto, certo non particolarmente originale, ma di mano sicura. Poi, senza reagire ai suoi impacciati ringraziamenti, si era lanciato in una lunga e appassionata perorazione della poesia lirica in volgare.

Lui si beveva ogni parola. Quel discorso avrebbe cambiato per sempre le sue idee sulla poesia.

Quattro anni dopo, a Bologna, aveva diffuso il verbo dell'amico: la poesia volgare è una cosa seria; filosofia, per scrivere d'amore ci vuole tanta filosofia... Gli piaceva immaginarsi il Giovanni Battista che annunciava il Messia. Ma proprio in quella città aveva maturato la convinzione che il piacere di scrivere poesie consistesse unicamente nello scriverle. Nessuna donna avrebbe potuto dare una gioia paragonabile a quella di creare un oggetto di sublime armonia. Basta dunque con le richieste, le recriminazioni, i lamenti, tutto quel falso piangere e pregare che infestava le rime di poeti dilettranti. Il premio di un poeta vero era riuscire a esprimere un barlume dell'indichibile perfezione dell'amata. Non una dama da salotto, un angelo.

Il viaggio di ritorno era durato la metà di quello di andata. Aveva fretta di arrivare a Firenze. Il pensiero di dover rispondere alle innumerevoli domande che gli sarebbero state fatte un po' lo preoccupava. Prima di partire, ai familiari curiosi di sapere cosa mai andasse a fare a Bologna aveva dato solo vaghe spiegazioni. Adesso qualcosa avrebbe dovuto dire. Li aveva sconcertati anche troppo. Ma cosa? Che a Bologna aveva composto poesie? Si immaginava quale faccia avrebbe fatto nonno Durante. E però la voglia di parlare con Guido era più forte. Sull'Appennino, mentre scendeva verso Pisa, si cullava nel sogno che adesso il Messia fosse lui, e Guido il suo Battista.

Non appena riuscì a svincolarsi dagli abbracci e

dai convenevoli di tutti gli Alighieri accorsi a festeggiarlo si diresse veloce al palazzo dei Cavalcanti.

Nella stanza al primo piano dove Guido teneva armadi dei libri lui camminava avanti e indietro gesticolando.

Guido lo osservava seduto su uno scranno al di là dello scrittoio.

Il suo fu un discorso lungo, forse un po' disordinato, ma pieno di passione. Sentiva che si stava riprendendo, tuttavia non smetteva di parlare. Voleva ritardare il più possibile la replica dell'amico. Dal suo volto non traspariva alcuna emozione. L'aveva persuaso? Con rapide occhiate cercava di cogliere un segno, un trasalimento.

«...l'amore, capisci?, è estasi. La poesia loda la bellezza del creato. Ti dico di più, amare un angelo in terra solleva l'anima in Cielo. Credimi, l'amore può salvare.»

Aveva pronunciato le ultime parole con un tono deciso e, nello stesso tempo, accorato. Come un reo che sfidasse il giudice mentre ne invocava la clemenza.

Fermo davanti allo scrittoio, fissava la faccia di Guido.

Questi tacque a lungo, impassibile. Poi, all'improvviso, scoppiò in una sonora risata. Ma subito si fece serio. La ruga gli solcava la fronte.

«L'amore, dico l'amore vero, annebbia il cervello. L'amore vero ti sfiltra l'anima. L'amore vero» disse scandendo le sillabe «è sofferenza.»

26

Si era alzato, aveva allungato un braccio al di sopra del tavolo e gli aveva puntato un dito sul petto:

«Le tue sono solo fantasie.»

Erano rimasti in silenzio, poi Guido gli aveva messo una mano su una spalla. Sorrideva in modo mite, protettivo.

«Altro che salvezza... caro Dante, la passione sprofonda all'inferno.»

In quel momento lo detestò. Guido mostrava il suo lato peggiore, il solo che lui non riuscisse a perdonargli. Era un fanatico convinto di possedere la verità. Sicuro di sé come possono esserlo i magnati, soprattutto se vogliono umiliare un figlio di nessuno. Lo detestava, e però lo capiva. Guido era soggetto ad attacchi amorosi travolgenti e ad amarissime delusioni. Lui, invece, d'amore aveva solo fantasticato.

Guido lo aveva accompagnato fin sulla porta. Nel salutarlo gli aveva preso una mano e la teneva stretta nella sua:

«Vai, Danzino, ti auguro di incontrare presto il tuo angelo.»

Sembrava commosso.

Chi sarebbe stato l'angelo da celebrare in versi, lui l'aveva già deciso. Non aveva esitato neppure per un momento. Non poteva essere che Bice Portinari, la dama dagli occhi di smeraldo, la signora triste che calamitava l'attenzione dei presenti e li rendeva più gentili, più rispettosi, più affabili.

27

Folco Portinari era stato profetico quando al fonte
 le aveva imposto il nome Bice. Quel brav' uomo forse
 neppure sapeva che Bice era la forma abbreviata di
 Beatrice.

4

E adesso, cosa avrebbe fatto il poeta di Beatrice?
 Udiva il rumore dei propri passi, e a ogni passo si
 chiedeva: «E adesso?»

La domanda martellava, ritmata dal pulsare delle
 tempie.

Guardava a terra, e così urtò un passante. Sollevari
 gli occhi, gli parve di cogliere su quella faccia scon-
 scuita una sfumatura compassionevole. I fiorentini
 già lo commiseravano? O era una smorfia canzonato-
 ria... E il silenzio di Lapo? Cosa stava provando Lapo
 Gianni? Rispetto per l' amico addolorato o pietà per il
 poeta sfortunato ancora in boccio?

«E adesso?»

Bice era un angelo, ma di questo mondo. Non po-
 teva mica cantare la meraviglia d'una donna morta.
 Quante attese venivano sepolte con lei! Beatrice lo
 aveva reso famoso. Molti lo giudicavano più bravo
 dello stesso Cavalcanti... Non possedeva altro, lui, so-
 lo la sua bravura.

Il pensiero che avrebbe potuto ritrovarsi nella stes-
 sa situazione di prima, di prima che Guido lo avesse

28

29

tirato fuori dal pantano, gli causò un giramento di testa. Si appoggiò al muro di una casa.

Lapo lo guardava con una espressione preoccupata. Lapo conosceva i suoi malanni. Di sicuro, si stava chiedendo cosa fare se l'avesse visto cadere in preda alle convulsioni.

Questa volta, però, il suo male non c'entrava. Si era ricordato di quando, in taverna, recitava versi satirici e osceni ai compagni di bevute. Fare il buffone in osteria era comunque meglio che declamare poesie d'amore nelle case altolocate. Amore infelice, ovviamente, lamentoso e disperato. Anche quei signori lo applaudivano, senza schiamazzi, ma applaudivano. E lui si inclinava profondamente, come faceva dallo sgabello sul quale, in piedi, si era esibito all'osteria. In quelle case nessuno lo incitava a salire su uno sgabello, e però il suo inchino era ugualmente profondo, a mò d'istrione. Lo accentuava apposta, per far intendere che lui non dava troppa importanza ai suoi versi, che era un gioco. Mentiva, perché dentro di sé godeva eccome del successo. Non si nascondeva, però, che si trattava di un godimento un po' amaro. Era tutto un coro di «bravo, bravo»; certe dame, con gli occhi lucidi di commozione, gli porgevano perfino la mano da baciare... E tuttavia non riusciva a scacciare l'impressione che tante congratulazioni nascondessero un sottinteso, tipo: «Ma guarda un po', chi se lo sarebbe aspettato da un Alighieri!». E così arrossiva di piacere e, insieme, di rabbia. Lui era lì per diletta-

30

le mogli degli uomini d'affari. Proprio l'istrione che fingeva di essere.

Si riscosse, con la testa fece un cenno a Lapo. Sì, tutto bene. Ripresero a camminare con passo deciso. Intanto dentro di sé si diceva, stringendo i pugni: «Dante Alighieri non farà mai più il saltimbanco per qualcuno».

Che da grande avrebbe fatto il poeta, e solo quello, lo aveva deciso fin da bambino, da quando frequentava la scuolaletta del maestro Romano.

In una casa vicina alla sua lui e i compagni sedevano su panche di legno addossate alle pareti di uno stanzone lungo e stretto che prendeva luce dalla strada, proprio come le botteghe. Ogni giorno, per ore, ripetevano fino allo sfinimento le parole del maestro: una litania di lettere e numeri. Lettere e numeri che poi incidevano su tavole cosparse di nerofumo. Libri, in quella scuola non ne aveva mai visti. I suoi compagni la odiavano: celebravano come giorni di festa quelli in cui si ammalavano. Lui, invece, l'amava. Apprendeva con straordinaria facilità, non faceva errori e non era mai punito. Dopo scuola si esercitava a scrivere sulla sabbia con un bastoncino o graffiava un muro con un sasso appuntito. Avrebbe dato qualunque cosa pur di stringere un libro tra le mani. Non gli era mai capitato di aprirne uno. Nella casa di suo padre tutti al più circolava qualche foglio di conti.

Per la verità, lui aveva deciso che da grande voleva

31

scrivere libri, e per lui, allora, gli scrittori di libri erano poeti e filosofi. Non aveva idea di cosa fossero un poeta o un filosofo. Quando però Romano aveva cominciato a insegnare qualche parola di latino, a leggere qualcosa di Esopo e, soprattutto, a nominare, chiamandoli i più grandi poeti di sempre, Virgilio, Ovidio e Lucano, si era messo in testa che il mestiere di poeta e filosofo consistesse nello scrivere in latino. E perciò aveva giurato a sé stesso che lui avrebbe studiato il latino. Nessuno avrebbe potuto smuoverlo da quel proposito.

Alighiero dava per scontato che il figlio, terminata la scuola elementare, come gli altri suoi coetanei avrebbe frequentato quella dell'abaco, dove si sarebbe impraticato dei cambi, avrebbe imparato a tenere i conti e a scrivere lettere commerciali. Rimase di stucco quando gli disse che lui quelle cose non le avrebbe studiate per nessun motivo al mondo. Aveva solo dieci anni, ma non ebbe paura di sfidare suo padre. Il braccio di ferro durò a lungo.

A volte Alighiero cercava di convincerlo prospettandogli i grandi vantaggi che ne avrebbe ricavato: già dopo pochi anni, diceva, lo avrebbe portato con sé nei suoi viaggi a Prato, a Pistoia e nel Mugello, e standogli vicino avrebbe imparato come si conducevano gli affari, come si raggirano i grilli e ci si difende dai furbi. Sveglia con'era, avrebbe appreso in fretta: sarebbe diventato un commerciante coi fiocchi, di più, un banchiere, titolare di una compagnia tutta sua, e un giorno si sarebbe comprato un bel titolo di

cavaliere, e così avrebbe girato a cavallo per le vie della città con speroni d'argento e avrebbe rifilato calci in testa ai poveracci perché si scansassero.

Più spesso, però, lo minacciava:

«In questa casa non c'è posto per i mangiapane a ufo, o vai a studiare il mestiere o ti metto garzone a bottega. Lì sì che ti insegneranno il latino».

Lui però non si piegava. Voleva andare alla scuola di grammatica, lui, a studiare il latino.

Tenne testa al padre per mesi. Anche questi era fermo nella sua decisione, e così lui sarebbe potuto finire garzone di bottega se, proprio in quell'anno, improvvisamente, Alighiero non fosse morto. Lo pianse come un figlio deve piangere il padre. Dentro di sé, però, si sentiva sollevato. In seguito aveva sempre scacciato come blasfemo il pensiero che anche in quella circostanza la Provvidenza avesse vegliato su di lui; e tuttavia quel pensiero seguiva a venirgli alla mente.

Anche perché quello che era successo poco dopo sembrava proprio opera della Provvidenza.

A nonno Durante, nominato tutore degli orfani di Alighiero, il suo desiderio di studiare il latino non sembrò un capriccio. Anzi, forse perché era giudice, si compiacque che il nipote nutrisse simili aspirazioni.

«Bene, bene» gli disse sorridendo, «da grande farai l'avvocato. Sarai il primo avvocato della tua famiglia.»

Già, ma dove studiarlo il latino? I suoi concittadini non avrebbero mai buttato i loro soldi in scuole di

quel tipo. Di Ovidio e Virgilio non sapevano che far-
sene: quanto ai notai e agli avvocati, li prendevano da
altre città. Li compravano come fosserò pezze di lana.

Una mattina il nonno con aria giuliva gli disse:

«Vieni con me, andiamo da Bono».

Bono Giamboni, giudice lui pure, era considerato
uno degli uomini più coti di Firenze. Avrà avuto una
quarantina d'anni. Era alto, magro, rigido, lo sguardo
severo. Lo scrutò da capo a piedi, lo interrogò su cosa
avesse imparato da quel buon diavolo di Romano e
poi, senza manifestare alcun segno di apprezzamen-
to, gli disse di ritornare il giorno dopo.

Lo frequentò per qualche tempo. Nella sua casa
c'erano libri, ma lui non era in grado di leggerli. Già
vederti, però, lo riempiva di gioia. Bono era autorita-
rio e anche un pò vanesio. Parlava sempre lui, e par-
lava di autori dai nomi strani che mai aveva sentito.
Quando gli chiedeva di Virgilio, Ovidio e Lucano, al-
zava le spalle, finché un giorno, con sua grandissima
delusione, sbottò quasi stizzito:

«Poeti, poeti... l'etica, figliolo, la conoscenza del
bene e del male, ecco ciò che conta».

Si lamentò con il nonno. Era l'uomo più dolce e
comprensivo che avesse mai conosciuto. Non pro-
nunciò una sola parola di critica nei confronti del-
l'amico, ma alcuni giorni dopo gli disse:

«Vieni, andiamo da ser Brunetto».

Rimase senza parole per la sorpresa. Era un ragaz-
zino, ma sapeva chi era Brunetto Latini: sommo no-
taio, scrittore, uomo di impareggiabile dottrina, era a

capo della cancelleria del Comune. Aveva viaggiato il
mondo, vissuto in Francia, conosciuto l'esilio e la vit-
toria. Era il ritratto della saggezza. Non c'era questo-
ne importante sulla quale i governanti non lo consul-
tassero. «Se i guelfi fossero tutti come lui» sentiva di-
re, «Firenze sarebbe un paradiso.»

Intimidito, aveva varcato la soglia della casa di
quel grand'uomo. Si era trovato davanti a un ometto
calvo, secco, un largo sorriso stampato su una faccia
bislunga ornata di un gran naso; sembrava incapace
di stare fermo, e anche il suo cloquio era torrentizio.
Lo inforavano battute, aneddoti, citazioni. Ma non
c'era ostentazione nelle sue parole. Nella stanza dove
li aveva ricevuti troneggiava un armadio ricolmo di li-
bri, roba che il Giamboni nemmeno immaginava. Li
avrebbe letti e riletti tutti negli anni a seguire.

Aveva frequentato Brunetto per quasi vent'anni:
Brunetto lo trattava come un figlio, lui l'amava come
un padre. Il giorno della sua morte aveva versato per
lui tutte le lacrime che non aveva sparso per suo pa-
dre. Ciò che era, lo doveva a Brunetto... e a Guido.

5

Il fiume era vicino. Il tanto delle concerie era sempre più acre. Benché fosse pomeriggio inoltrato gli opifici erano ancora in attività. Si sarebbero fermati con il buio, ma a giugno le giornate erano lunghe. Una folla di operai, garzoni, sensali si accalcava per i vicoli. Camminavano in tutte le direzioni, ma ogni poco erano costretti a fermarsi perché carri, muli e cavalli ostuivano il passaggio. Dal vociare confuso si levavano imprecazioni contro i conducenti e bestemmie alla volta degli animali da tiro. Avevano tutti fretta. Davanti alla chiesa di San Pier Scheraggio si era formato un ingorghi. Un ponteggio di legno, montato sulla facciata, occupava una buona metà del vicolo. Ragaz- zoni a torso nudo salivano e scendevano, e non si ca- piva il perché. La festa del santo era ancora lontana. Non si vedevano muratori, ma neppure addobbi e portalamini. Sulla soglia del portone spalancato alcu- ni preti osservavano tranquilli la massa di uomini che si spintonavano per aprirsi un passaggio.

Anche lui e Lapo spingevano. Si ritrovò con la fac- cia premuta contro schiene sudate, si strofinò su re- pelleni grembiuli di cuoio. Alle sue spalle, petri sco-

36

nosciuti gli si appoggiavano addosso, lo spingevano in avanti come se fosse una balla di panni. La pleba- gha gli faceva orrore. Brutti a cui Dio aveva diment- icato di infondere l'anima. Vogliosi solo di riempirsi la pancia, senza rispetto per le persone dabbene.

A lui, pensò con rabbia, era mancato il tempo... il tempo di diventare famoso. Bice glielo aveva rubato. Non tanto tempo, solo qualche anno ancora e Firen- ze lo avrebbe celebrato come il suo poeta. Non ci sa- rebbe stato facchino che per la strada non lo avrebbe riconosciuto. E allora quella teppa si sarebbe aperta al suo passaggio, qualcuno avrebbe fatto un inchino, tutti lo avrebbero squadrato con curiosità. Una voce sconosciuta avrebbe gridato: «Largo alla gloria cita- dina!»

Bice quel tempo non glielo aveva concesso...

In mezzo alla marmaglia si sentiva solo. E la sua rabbia montava.

Nessuno di quei bestioni sapeva che la più nobile donna di Firenze giaceva sul letto di morte. Forse era un bene, perché, l'avessero saputo, c'era da giurarsi che quegli animali avrebbero fatto festa alla notizia che una padrona stava crepando. E però... però un'a- nima dovevano pur averla. Andava risvegliata. Ci sa- rebbe voluta una voce potente, che gridasse nel de- serto. Una voce che smuovesse le pietre. Lui l'aveva, lui sarebbe stato capace di farli piangere. Ne era sicu- ro. Datemi un pulpito, un atengo, un sedile, e questi io ve li metto ginocchioni a invocare pace eterna all'a- nima benedetta.

37

Il tratto di strada che dal Mercato nuovo portava al ponte era più largo. La folla non era diminuita, ma c'era spazio a sufficienza per non dover sottostare alla ributtante intimità dei vicoli. Anche il respiro era più libero. Adesso si sentiva leggero, e procedeva spedito. Era una bella sensazione. La conosceva, la provava ogni volta che dentro di lui germinava un'idea. Doveva farla crescere, irrobustirla. Non era che un germoglio, da proteggere con cura.

Procedeva spedito senza rendersi ben conto di doverla. Coltivava il suo germoglio...

Era spuntato dalla rabbia. E dalla paura. Una intuizione improvvisa. Doveva ringraziare la plebaglia. Forse la sua Beatrice non sarebbe morta insieme a Bice. Sarebbe sopravvissuta nella sua poesia. Perché mai non si potevano scrivere versi d'amore per una donna defunta? Quale maestro di retorica lo aveva stabilito? Non si scrivevano forse le loro vite dopo che sante e beate erano salite in Cielo? Ecco, aveva intravisto una strada. Si rendeva conto che sarebbe stata impervia. Cosa sostituire alla contemplazione estatica di un angelo in terra? Per il momento sapeva solo che l'avrebbe imboccata. Ma gli bastava per sentirsi rasserenato, quasi felice...

Sul ponte li accarezzò un esile refolo di vento. La brezza saliva dall'acqua maledorante, faceva evaporare il sudore e procurava una sensazione di freschezza. Senza scambiarsi né un gesto né una parola, cian-

scano di propria iniziativa, si appoggiarono alla spallata.

Chinato, guardava l'acqua rompersi contro i piloni, ma in realtà la sua testa era altrove. Un po' pensava a quanto sarebbe stato difficile inventare un nuovo genere di poesia, un po' si diceva che una tale novità avrebbe assicurato gloria a chiunque... A chiunque ne fosse stato capace. Provava guizzi di piacere a quel pensiero.

Fu Lapo a rompere il silenzio:

« Diccono che la malattia l'ha sfigurata ».

Preso dai pensieri, non capi. Rivolse a Lapo uno sguardo interrogativo.

« Bice, ha la faccia devastata » ripeté Lapo.

Fece cenno di sì con la testa. Un groppo in gola improvviso gli impediva di parlare.

Davanti agli occhi gli si parò nitida l'immagine di quel volto.

Bice non era quel che si dice una bellezza. Molte giovani di Firenze la superavano in avvenenza. La fonte del suo fascino erano gli occhi: verdi, scintillanti, conferivano all'incarnato madreperlaceo una straordinaria luminosità. E il sorriso: fresco, spontaneo, appena velato di tristezza. Non era neppure una dama brillante. Nelle feste e nei conviti, dove compariva quasi sempre senza il marito, per la maggior parte del tempo restava in silenzio ma, interrogata, rispondeva con una voce sottile straordinariamente armoniosa. Sulle labbra le fioriva un dolcissimo sorriso

e gli occhi posavano sull'interlocutore uno sguardo di una serenità che ammaliava.

Lui, come tutti, ne era soggiogato. Ma quell'incanto poteva essere chiamato amore?

L'aveva conosciuta da bambino. La casa dei Portinari era poco distante dalla loro. Lui era compagno di giochi di Manetto, il primogenito di Folco, e in quella casa ci passava molte ore. Si inseguivano tra le stanze e nel cortile interno giocando a guelfi e ghibellini con spade di legno. A volte capitava che una mocciosa sbucasse di corsa da una porta e pretendesse di giocare con loro. E la mocciosa frignava pure e batteva i piedi se dicevano di no. A dire di no era proprio lui:

«La guerra è roba da maschi, vai a ciucciarti il dito nella culla!»

Manetto protestava ridendo:

«Guarda che ha la tua età!»

Si chiamava Bice, era la sorellina di Manetto.

Poi, per molti anni, non l'aveva più vista. Proprio molti no, ma si sa che in quell'epoca della vita gli anni sono lunghissimi. Non che allora si fosse accorto che la frignona non compariva più a rovinare i loro duelli: della sua esistenza era consapevole soltanto quando l'aveva davanti agli occhi. Sarebbe venuto a sapere tempo dopo che Bice era stata promessa, e che una promessa, quando in casa c'erano maschi estranei, non poteva lasciare le camere delle donne. Glielo aveva detto Tana, lei pure promessa.

Quanto ci aveva ricamato sul giorno del loro incontro! Un po' perché la poesia vive di invenzioni, e di come lei fosse quel giorno non ricordava quasi niente, ma soprattutto perché ricordava perfettamente la brutta figura che aveva evitato per un pelo, e in poesia i lati oscuri e vergognosi della propria vita non vanno raccontati.

Per la festa di Calendimaggio del 1274 i Portinari avevano invitato gli Alighieri a pranzo da loro. Per gli Alighieri era un grande onore: i Portinari erano dei buoni conoscenti, non propriamente degli amici. Troppo grande era il divario tra una famiglia di banchieri, soci nientedimeno che della compagnia di Vieri dei Cerchi, e quella di un piccolo trafficante. La mattina, al risveglio, aveva trovato sul fuoco del camino la pentola grande piena d'acqua; nel centro della cucina la tinozza del bucato e dei bagni. Lo aveva no immerso e sguarato ben bene. Non si era lamentato più che tanto, anche lui era eccitato dalla prospettiva della festa. Alighiero e la sua giovane moglie non lo davano a vedere, ma Lapa non faceva che entrare e uscire di casa: cercava consigli dalle vicine sul nastro più appropriato.

Mentre la campana della Badia batteva la sesta, un piccolo corteo composto da suo padre, da Lapa, con in braccio Franceschino di pochi mesi, e da sua sorella Tana, percorreva le poche decine di metri che separavano la loro porta dal portone degli illustri ospiti. Lui, siccome dai Portinari era di casa, si sentiva autorizzato a fare da baristrada. Mentre Lapa e Ali-

ghiero camminavano con aria compassata, Tana non si conteneva. Saltava e cinguettava come una bambina, tanto che il padre la rimproverò richiamandola alla compostezza. Andava capita, povera Tana, di occasioni come quella a lei ne capitavano proprio poche. Da quando era stata promessa a Lapo Riccomanni viveva segregata fra le mura di casa.

Nel cortile, dove anche il giorno prima lui e Manetto si erano inseguiti spade in mano, erano imbandite due grandi tavole: sulle tovaglie di lino luccicavano bicchieri di cristallo. A una tavola avevano fatto sedere gli Alighieri, in compagnia di sconosciuti che suo padre trattava amichevolmente. I Portinari avevano preso posto all'altra, attorniti dalle persone più importanti. Lui sedeva irrequieto, smanioso di fare comunella con Manetto, che gli faceva le boccacce dalla tavolata dei suoi, quando dal fondo del cortile una giovinetta cominciò ad avanzare verso di loro. Indossava un vestito rosso, tenuto in vita da una cintura dorata. Non la riconobbe. Del resto, della mocciosa piagnucolante aveva perso perfino il ricordo.

Com'era? Bella, aggraziata, flessuosa?

Per anni, in seguito, aveva cercato di recuperare nella memoria qualche immagine di quello che, a ragione, poteva essere considerato il loro primo incontro. Davanti agli occhi gli tornavano sempre e soltanto le vampate rosse di qualcosa in movimento solcate a intermittenza da un baluginio giallastro. Il fatto è che proprio su quel rosso, senza neppure percepire

se fosse un drappo, un cielo al tramonto, una pittura, una allucinazione, aveva tenuto gli occhi fissi durante l'attacco del suo male.

Siccome in famiglia era proibito pronunciare il nome, fin da bambino si era abituato a chiamarlo il suo male. Non ricordava quando era cominciato, di sicuro già nella prima infanzia. Più grandicello – il giorno di quel primo incontro stava per compiere nove anni – le crisi si erano infittite.

Si presentavano sempre allo stesso modo. Dappri- ma un tremito leggero alle mani, che presto si propagava a tutto il corpo, sempre più forte, finché convulsioni incontrollabili non lo squassavano da capo a piedi. Pochi momenti ancora, e lui stramazza a terra privo di sensi, come colpito da un fulmine. Si riprendeva lentamente, non tremava più, ma dentro gli restava una sensazione di paura, una cappa d'angoscia che un po' alla volta si sfaldava in una profonda tristezza. Se l'attacco lo colpiva fuori di casa o se in casa c'erano estranei, i suoi parenti lo sollevavano di peso e lo portavano di corsa in un luogo chiuso, al riparo dagli sguardi degli altri. Di quanto era capitato non parlavano con nessuno, e anche a lui ordinavano di non farne parola. Si vergognavano. Quel figlio era indemoniato! Lì aveva uditi sussurrare che bisognava fare attenzione, che poteva essere contagioso. Lo tortizzava il pensiero che prima o poi lo avrebbero inchiuso.

Per fortuna c'era la sua Tana. Della mamma aveva solo pochi e sfocati ricordi. Tana era la sua mamma. Lei sola riusciva a strappargli un sorriso quando ancora giaceva a terra prostrato. Si sedeva accanto a lui, gli accarezzava i capelli e gli chiedeva se durante il sonno – così Tana chiamava il suo stato di incoscienza – avesse sognato. Lui rispondeva che sì, che aveva avuto tante e strane visioni...

La giovinetta vestita di rosso si stava dirigendo verso il suo tavolo e lui cominciò a percepire quel tremito. Si sarebbe votato a una santa, a una fata, perfino a una strega per poter scomparire, anche per sempre. Tutto, purché non succedesse ciò che stava per succedere. Qualche istante, e quelle persone di riguardo lo avrebbero visto rotolarsi sulle pietre e sbavare e agitare furioso gambe e braccia. Anche suo padre si era accorto della crisi imminente: lo stava fissando, immobile, con occhi toni. Sentì la mano di Tana afferrare la sua destra e stringerla forte. Intanto implorava in silenzio: Dio mio, no, non qui! Non girò gli occhi, nemmeno su Tana. Guardava dritto davanti a sé, concentrato su quel rosso che si avvicinava. Si sforzò di respirare profondamente, di tenere un ritmo regolare, svuotò la mente di ogni pensiero. Quando Tana allentò la stretta alla mano, capì che il peggio era passato. L'onore della famiglia era salvo.

*

44

Dopo di allora non l'aveva più rivista. Per la verità l'aveva intravista, una mattina di sole, percorrere al braccio del padre il vicolo su cui affacciava la casa dei Portinari, seguita da un corteo festante. Si stava trasferendo nella dimora dello sposo, Simone dei Bardi. Nessuno, però, l'aveva invitato – non era bastata l'amicizia di Manetto – e così, contrariato, per non dire offeso, faceva l'indifferente: si era limitato a gettare un'occhiata alla sposa al di sopra delle teste dei curiosi assiepati ai bordi della strada. Tuttavia non aveva più dimenticato quegli occhi verdi apparsi per un istante grazie a una folata di vento che aveva sollevato il lembo di un velo bianchissimo.

Folco – aveva pensato con un misto di rabbia e di invidia – aveva combinato un matrimonio davvero d'eccezione. I Bardi erano tra i banchieri più ricchi della città. Simone non si occupava né di finanza né di mercanzia né della politica cittadina. Mai eletto a nessuna carica. Di sé era solito dire: «Io faccio l'ambasciatore». Ambasciatore dei Bardi, beninteso. Con le loro relazioni questi non faticavano a procurargli, una dopo l'altra, una bella carica di podestà o di capitano del popolo, a seconda delle occasioni, nelle città della Toscana e dell'Umbria. Due grassi piccioni con la stessa fava: appannaggi per Simone e favori alla banca di famiglia.

Quel Simone, lui lo detestava. Era il perfetto modello dell'arricchito che, per aver comprato un titolo cavalleresco, si sentiva non solo al di sopra delle leggi, ma anche della buona creanza. Ignorante, presun-

45

ruoso, altezoso e anche violento: la sua sola presenza gli faceva ribollire il sangue. Grazie a Dio, a Firenze lo si vedeva di rado. Passava i suoi giorni a far rispettare codici e norme, che sapeva leggere a stento, nelle povere città che gli avevano affidato quel compito.

46

6

Si mossero. Al di là del ponte svoltarono a sinistra e presero lo stradone che, costeggiando il fiume, arrivava alla Porta di San Niccolò. Come al solito c'era un gran traffico di carri e di pellegrini: da lì cominciava la Cassia per Siena e Roma.

Quello stradone lui lo conosceva bene. Non sarebbe stato capace di contare le volte che l'aveva percorso avanti e indietro, con un'aria falsamente indaffarata, spinto soltanto dalla voglia di poterla vedere anche solo per un attimo. Da quando era sposata, Bice abitava in quella strada.

E proprio in quella strada per la prima volta si era chiesto di che natura fossero i sentimenti che provava per lei.

Era capitato molti anni avanti, undici, per l'esattezza, una mattina di maggio.

Lui camminava a passo svelto diretto alla chiesa di San Niccolò. Era di cattivo umore. Sul sagrato, infatti, lo aspettava un certo Tedaldo, un sensale al quale aveva promesso di cedere, di lì a pochi giorni, non

47

appena diventato maggiorenne, un credito mai riscosso del suo povero padre. E così, senza esborsi, si sarebbe liberato anche di quel debito. Quelle faccende di soldi lo infastidivano. Non fosse stato per le insistenze di Lapa, lui a parlare con quell'intrigante, che ogni volta gli magnificava il futo negli affari del compianto Alghiero, non ci sarebbe andato proprio.

All'altezza delle case dei Bardi aveva visto tre donne uscire da un portone e venirgli incontro. Camminavano sulla stessa fila: ai lati due anziane vestite da vedove, al centro una giovane con un abito bianco e le bende maritali. Già allora la sua vista era indebolita, e perciò soltanto quando si furono avvicinate riconobbe Bice Portinari.

Assorta, teneva il capo chino e gli occhi rivolti a terra. Ancora poco e si sarebbero incrociati. Fu preso dall'ansia. Si chiedeva se e come salutare. Teneva di risultare scortese, addirittura sfrontato, ma poi prese coraggio e quando furono alla sua altezza si voltò verso le donne e con un filo di voce disse:

«Buongiorno».

Bice sollevò gli occhi da terra e lo fissò: erano di un verde smagliante.

Anche le due anziane lo guardarono e risposero:

«Buongiorno».

E poi successe ciò che mai si sarebbe aspettato. Il viso composto e un po' triste di Bice si illuminò in un sorriso e la sua voce, soave ma ferma, scandì:

«Buongiorno, Dante».

Tanta audacia lo lasciò interdetto. Aveva detto

«Dante»! La familiarità di quel saluto gli tolse ogni forza. Si arrestò, immobile, la vista annebbiata e la testa che ronzava. Fu un attimo, che a lui sembrò eterno. Poi, senza profertire una sola parola, si ingobbi e accelerò il passo. Soltanto dopo aver percorso una decina di metri trovò la forza di voltarsi: le vide entrare nella chiesa di Santa Lucia.

Tedaldo lo aspettò invano. Si era seduto sul primo sedile che gli era capitato davanti. Lo aveva preso una voglia incontenibile di piangere, di piangere di felicità. Corse a casa, sperando che non ci fosse nessuno. Aveva bisogno di restare solo. Era la prima volta che piangeva per una donna. Erano forse lacrime d'amore?

Lo scambio dei saluti era avvenuto nel 1285, nove anni dopo il Calendimaggio dai Portinari. E da allora non aveva fatto che rimuginare su quel numero nove. Quante volte si era manifestato. Era sicuro che fosse un segno, ma per quanto ci pensasse non riusciva a decifrarne il messaggio.

Di buon passo lui e Lapa erano arrivati davanti al palazzo dei Mozzi.

Nei suoi andirivieni per quella strada, sempre fingendo di avere affari da sbrigare, sostava quasi per obbligo davanti alle mura dei Mozzi. Era la rabbia a obbligarlo. Del palazzo più grande e sontuoso della

cità, che aveva ospitato papi e re, mai un Alighieri aveva varcato la porta. Ai Mozzi non bastavano le poesie.

Quel pomeriggio, non solo non si fermò, ma neppure si accorse di essere passato davanti al palazzo che tanto detestava. Seguitava a chiedersi quali fossero i suoi sentimenti per quella donna. Che ne fosse artrato, era sicuro, ma era amore quello? Le crisi epiletiche non avranno avuto proprio quel significato?

Con il tempo si erano molto diradate, ma in compenso si erano trasformate in una specie di sigillo che Bice imprimeva su di lui. Che i sintomi si manifestassero in sua presenza, e solo in sua presenza, era un fatto. Che poi degenerassero fino allo svenimento o recedessero dipendeva da come Bice gli compariva davanti: se la sua apparizione era attesa e prevista, lui con la forza della volontà riusciva a controllarsi, se era inaspettata e improvvisa, non c'era volontà che lo salvasse. Con alcune, poche eccezioni.

Un mese prima – Bice era ancora un fiore e niente lasciava sospettare quel che sarebbe accaduto – passeggiava svagato come suo solito: ripeteva mentalmente le bellissime frasi di Cicerone che aveva letto in casa di ser Brunetto. Anzi, ogni tanto si fermava nel mezzo della strada e le declamava ad alta voce. Con la coda dell'occhio sbirciava i passanti che, dopo averlo superato, si giravano indietro e con i gesti delle mani, in modo plateale, facevano intendere che quel tipo non

50

ci stava con la testa, dava proprio di matto. Ma lui non se ne curava. Non si era accorto che Manetto si era piazzato davanti a lui e lo stava chiamando per nome. Si riscosse soltanto nel momento in cui stava per urtarlo. Manetto, di buon umore come sempre, scoppiò in una fragorosa risata:

«Vieni con me, poeta, andiamo a divertirci. Vedrai quante belle donne.»

Era vestito a festa. Insistette perché si unisse a lui: in una casa poco distante una loro conoscente, sposa novella, consumava il suo primo pranzo da maritata in compagnia delle amiche e dei vicini del quartiere. I giovani sarebbero stati i benvenuti.

Furono accompagnati in una sala molto elegante dalle pareti affrescate con scene di caccia e storie di cavalieri. Gli invitati erano tanti. Molti sedevano alla tavola imbandita al centro della sala, altri conversavano in piedi a piccoli gruppi, altri ancora vagavano da un crocchio all'altro. Due liuti suonavano le canzoni di moda: la musica si mescolava al rumore delle stoviglie e agli scoppi di risa che si accendevano dai cappannelli di giovani raccolti intorno alle dame. Manetto, si fosse dimenticato o l'avesse fatto apposta, non gli aveva detto che tra quelle donne avrebbe trovato anche sua sorella.

La vide entrare all'improvviso e dirigersi verso la festeggiata. Uomini e donne si scansavano al suo passaggio e lei rispondeva con un sorriso soavemente triste ai loro saluti. Lui cominciò subito a tremare. Lo scuotimento cresceva, non c'era niente da fare, sareb-

51

be caduto sul pavimento. Si appoggiò a una delle pareti decorate, e fece appena in tempo, perché pochi attimi dopo perse la vista. Nel buio percepiva che lo stavano osservando. Pochi istanti ancora e sarebbe svenuto... Fu Manetto a soccorrerlo. Lo afferrò sotto le ascelle e lo portò fuori. All'aperto si riebbe. Manetto lo guardava come avrebbe fatto Tana.

Il significato del nove non riusciva a decifrarlo, ma di cosa significasse quest'altro segno, perché anche questo era un segno, si sentiva sicuro. A meno che... Già, perché a volte dubitava della sua sicurezza. Che fosse attratto da Bice era fuori discussione, ma si chiedeva anche se, per caso, non fossero i gesti di amicizia, le premure che lei gli riservava a spingerlo a interpretare come sentimento amoroso la soddisfazione di essere considerato da una delle dame più in vista di Firenze. Che poi, cosa ne sapeva lui dell'amore... Mai aveva provato quegli eccessi di onnipotente felicità che facevano dire al suo Guido: «Io cammino sulle acque». Mai era precipitato nella nera malinconia in cui Guido sprofondava. Ma si diceva anche che mai aveva provato per Gemma l'euforia, l'appagamento che gli dava la presenza di Bice, e neppure il desiderio di rivederla quando non le era vicino. E nemmeno però gli era mai capitato di chiedersi se lui Gemma l'amava.

*

52

Gemma. Che mistero!

Nella sua vita era entrata per caso. Altri avevano deciso. Come, crescendo, spunta la barba e ti copri di peli, e tu non te ne accorgi, così lui, un giorno, si era svegliato con quella moglie nel letto, e gli era parso che ci fosse sempre stata. Eppure Gemma era la prova che nella vita il caso non esiste, per lo meno, nella sua.

Se da bambino non si fosse intestardito a voler fare il poeta, nel suo letto adesso ci sarebbe stata un'altra moglie.

Nonno Durante lo immaginava avvocato; Brunetto lo vedeva notaio. Già da alcuni anni sapevano entrambi che il loro Dante non sarebbe diventato né avvocato né notaio, ma a quell'epoca lui si guardava bene dal deluderli. Anzi, li assecondava, nel timore che potessero togliergli i suoi amati poeti latini.

Il nonno pensò che per un brillante avvocato un matrimonio con una ragazza dell'alta società sarebbe stato l'ideale. Ma come convincere una famiglia aristocratica ad allearsi con gli Allighieri? Il nonno giocò la carta della convenienza economica. Perfino per i magnati più ricchi, soprattutto poi se avevano numerose figlie, i matrimoni di prestigio comportavano un bell'esborso: le doti potevano ammontare a cifre insostenibili anche per loro. Una soluzione decorosa, senza esborso, era di certo assai appetibile. Suo padre di sicuro avrebbe ragionato diversamente. Allighiero era vanitoso, ma al rango sociale avrebbe comunque anteposto i quattrini. Si sarebbe messo alla ricerca di

53

un qualche arricchito, magari venuto in città da poco tempo, e in cambio di una dote consistente avrebbe accolto una loro figliola nella sua famiglia.

Il nonno mirava più in alto.

Alla fine aveva messo gli occhi su una ragazzina, niente meno che dei Donati, e Donati significava la più alta nobiltà di Firenze. Non proprio del ramo principale, quello di Corso, ma comunque anche quei Donati in fatto di nobiltà non scherzavano: il padre della ragazzina, Manetto, era cavaliere. Nelle loro casse, però, i forini scorrevano assai meno copiosi di quanto il sangue nobile gli scorresse nelle vene. E così la carta dei soldi si dimostrò vincente. La promessa gli aveva portato in dote una miseria. Il cavalier Manetto, invece che in moneta, aveva pagato con il prestigio del nome.

Gemma gli aveva dato un figlio, altri ne sarebbero venuti; era rispettosa, devota. Sebbene la sua confidente restasse Tana, era affezionato a quella brava moglie rotondetta e di poche parole. La scelta del nonno era stata felice: la parentela prestigiosa gli aveva dato una bella mano a uscire dal mondo di trafficanti che per nascita sarebbe stato il suo.

Se l'amore per una moglie era quello, allora lui l'aveva. Certo, di camminare sulle acque non si era mai sentito capace, ma, per essere sincero, neppure l'eccitazione quasi febbrile che gli montava dentro alla presenza di Bice faceva nascere pensieri di quel tipo.

54

Semmai lo sorprendeivano, e lo lasciavano perplesso, certi lampi che scorgeva negli occhi di Gemma quando, seduto al tavolo di cucina, per ore e ore, con l'aria beata di un bambino che gioca, metteva su carta i suoi versi. Gemma non sapeva leggere, e lui non glieli recitava, ma indovinava di chi stesse scrivendo.

55

Il barbaglio del giorno si era attenuato. Non era ancora il crepuscolo, solo una sorta di estenuazione della luminosità, come se i raggi del sole si fossero sbracciati. Sopra Firenze non c'era una nuvola, ma verso Fiesole una compatta foschia grigiastria velava il cielo.

Da lontano, gli parve di vedere un assembramento di persone all'altezza della chiesa di Santa Lucia. In quella luce incerta i suoi occhi malati non distinguevano chi fossero.

Erano mendicanti: seminudi, sporchi, storpi; chi agitava un monchettino, chi si trascinava per terra; gli idioti ridevano spalancando la bocca sdentata. Un cordone di servi, bastoni in mano, impediva loro di avvicinarsi al portone dei Bardi, e così si accalcavano poco dopo la chiesa ostruendo la strada. Dovettero attraversare quella folla cenciosa, scansando decine di mani protese, in mezzo a una litania di richieste piagnucolate, di benedizioni untuose pronunciate con lampi di odio negli occhi. A quello spettacolo era abituato. Ma sulla faccia di quei disgraziati era stampato un sorriso che voleva essere di umile sottomissione e che invece risultava quasi irridente. Erano

sorrisini soddisfatti, quelli. La voce che una ricca signora stava per morire doveva essersi diffusa in fretta, e loro aspettavano. Prima o poi ci sarebbe stato il funerale, e dopo il funerale quei ricconi avrebbero distribuito una bella elemosina.

Lo colpì vedere che davanti al portone spalancato dei Bardi stazionavano molte persone: dame velate, uomini agghindati. Si muovevano con lentezza, studiavano i gesti, parlavano sottovoce. L'atmosfera compunta che aleggiava davanti a quel portone contrastava violentemente con il marasma scomposto che si era appena lasciato alle spalle.

Il grande salone al piano terreno era in penombra. Ma gli bastò varcare la soglia per avere la sensazione che fosse gremito. Un'ondata di calore malsano lo investì sulla faccia, cominciò subito a sudare. Fece cenno a Lapo di andare avanti e si fermò nei pressi della porta. Non voleva farsi vedere grondante, avrebbe aspettato che il sottile filo d'aria che penetrava dall'esterno lo avesse asciugato.

Li dentro qualcosa gli ricordava una funzione in chiesa. Capi che era l'odore di ceri che bruciavano. Una nebbia ristagnava sotto la volta. Strinse gli occhi e vide dense volute di fumo fuoriuscire da una porta laterale e fluttuare sulla massa scura dei presenti. E subito dopo percepì la menia. Da quella stessa porta proveniva, a ondate, il suono di una preghiera di cui non riusciva a cogliere le parole e quel flusso sonoro sovrastava il brusio delle tante persone che parlottavano tra loro a bassa voce.

Non era la veglia di un moribondo, quella.

Pensò che Lapo non avesse voluto essere lui a dargli la notizia del decesso.

Si decise a entrare. Nel salone era ammassata tutta l'aristocrazia di Firenze: Frescobaldi, Spini, Mozzi, Donati, Adinari, Della Tosa, Pazzi, Sacchetti... Avanzava a piccoli passi, cercando di non urtare qualcuno. Si inchinava rispettosamente davanti alle persone a lui note: alcuni rispondevano con un cenno del capo, altri non si degnavano di salutarlo. Si davano tutti un contegno, ma sudavano abbondantemente. Benché atteggiassero la faccia a mestizia, nessuno piangeva. Le dame agitavano i ventagli sul viso e sul petto. Quell'estate prematura era una buona occasione per metterlo in mostra.

Lui si sentiva a disagio. Se quell'imbecille di Lapo lo avesse avvertito, si sarebbe almeno cambiato d'abito. E invece, eccolo lì, tra velluti e broccati, con il suo vestitino da tutti i giorni, una tunicetta di cotoneacicio un po' scolorita che spiccava più d'una macchia di vino rosso su una tovaglia immacolata. Perché mai avranno fatto entrare questo pirocco? si saranno chiesti i molti che non lo conoscevano. Il solito Alighieri, avranno pensato gli altri: cosa vuol dimostrare? Non li sentiva, ma se li immaginava i commenti: «Ma cosa può voler dimostrare... la solita cosa». «Già, che la nobiltà è dell'anima.» «Alla faccia delle buone maniere.» «Diciamo pure del buon gusto.»

Iacopo Bardi, fratello di Simone, faceva gli onori di casa.

58

Lo sentiva ripetere a questo e a quello che Simone era stato avvisato, che sarebbe arrivato al più presto, Prato non era così lontana... Finito il discorsetto, lo vedeva strofinarsi le mani sollevato, come pensasse: anche questa è fatta. A un uomo dal viso largo e bitorzolo che, incurante dell'afia, portava in testa un berretto di velluto ornato di pelliccia – lo riconobbe, era il console di Calimala – spiegava con dolorosa rassegnazione:

«E chi se l'aspettava. Tre giorni, soltanto tre giorni... ma quanto ha sofferto, poverina!»

E poi lo udi rassicurare l'interlocutore:

«No, no... vaio! no. Non sappiamo cosa sia, ma di sicuro non è vaio!»

Al centro di un gruppo dal quale gli altri si tenevano a rispettosa distanza intravide Vieri dei Cerchi. Si diresse verso di lui per rendergli omaggio. A Vieri era sinceramente grato. Grazie a Vieri, che lo aveva reclutato tra i cavalieri d'assalto nella guerra contro i ghibellini fuorusciti, lui poteva vantarsi di avere combattuto a Campaldino, primo della sua famiglia, nel reparto nel quale militavano i giovani più nobili e distinti della città.

Quando lo scorse, Vieri allargò le braccia facendo segno ai suoi vicini di lasciare spazio e gli si fece incontro con studiata lentezza.

Era di bassa statura, grasso, i capelli precocemente imbiancati; ogni suo gesto esprimeva affabilità e cortesia. Un grande diplomatico, un principe della Chie-

59

sa, ecco a cosa assomigliava il più ricco banchiere di Firenze.

Con le mani gli afferrò le braccia sopra il gomito e le tenne strette a lungo sorridendogli. Il suo sorriso contagiò i signori con i quali stava conversando. Lui si chiedeva se avrebbe dovuto parlare per primo o attendere che Vieri rompesse il silenzio. Era sulle spine, ma nello stesso tempo si beava della sensazione di essere lui, con la sua tunichetta, il centro della sala. Infine Vieri, con aria grave, ma ad alta voce, che tutti sentissero, gli disse:

«Dante, la nostra Bice vive in Cielo e nelle tue poesie».

Un guizzo di felicità gli screppeggiò per tutto il corpo. Ci pensò Guido, poco dopo, a rovinarla.

Era sbucato dalla porta da cui usciva il fumo di candele. Lo vide fendere la folla a gran passi, impettito, guardando fesso davanti a sé. Uomini e donne gli facevano largo, rispettosi, quasi intimoriti. Veniva dritto verso di lui. Gli si piazzò davanti e gli mise una mano sulla spalla, da vecchio amico, si chinò un poco: – Guido era alto e magro, lo sovrastava – e mormorò: «La tua Beatrice non è ancora ascesa al Cielo, la trovi là» indicò la porta, «è là, distesa sul tavolo».

Guido, forse, voleva essere affettuoso. Lui però si risentì. In quelle parole aveva colto un rimpovero. Come se Guido avesse voluto dirgli: «Siamo tutti nella stessa barca, tu e la tua Bice, adesso lo avrai capito».

to». Ma poi pensò che la brutalità di quelle parole nascesse dalla rassegnazione. Mai quell'uomo rigoroso aveva ceduto a una qualche illusione.

Si aggirava fra un gruppetto e l'altro: inchini, saluti, brevi frasi di circostanza, qualche raro incontro commosso. E intanto non aveva smesso di gettare occhiate ansiose a quella porta che seguiva a inondare tutti quanti di fumo e salmodie. Non si decideva a varcarla. Le si avvicinava, stava per compiere il passo, ma ogni volta si girava e ricominciava il suo girovagare insensato. Aveva paura... Prolungare la recita dei convenevoli in realtà un senso l'aveva. Inventarsi degli obblighi sociali era un modo per prendere tempo, sentirsi meno vile.

Aveva constatato che pochi fra i presenti andavano a visitare la defunta. Ciò lo rassicurava: il suo comportamento non sarebbe stato giudicato sconveniente.

Temeva il suo male. Il suo corpo come avrebbe reagito là dentro? Sintomi, per ora, niente, ma era sicuro che il male non lo avrebbe risparmiato. E lui non avrebbe retto alla vergogna. In tutta Firenze sarebbe passato di bocca in bocca il racconto di quell'Alighieri, sì, quello, il poeta, che si rotolava ai piedi del catafalco sbavando come un cane arrabbiato su una tuniaccia già lurida di suo.

Lapo lo toccò su un braccio. Veniva dalla camera ardente. Aveva gli occhi lucidi, la voce strozzata:

«Vai, Dante, Bice aspetta te».

«Vado» rispose, come se avesse ricevuto un ordine, e si mosse.

Fatti pochi passi, ritornò indietro e camminando rasente alle pareti si diresse spedito verso il portone che dava sulla strada.

Il sole era tramontato da poco. Le sagome delle torri e delle casupole si stagliavano nere contro un cielo ancora luminoso. La strada, in basso, era immersa nel buio.

Non si era accorto che fosse passato tanto tempo.

Fuori non c'era più nessuno. Solo due servi dei Bardi inflavano delle torce accese negli anelli di ferro conficcati sulla facciata. Le fiamme serpeggiavano colpite dal vento proiettando ombre capricciose sul selciato, ai lati della striscia di luce che usciva dal portone della casa. Il tempo stava cambiando. Folate di sciocco spazzavano intermittenti la strada. Grandi nuvole biancastre, forse di calore, si erano addensate sopra la città. Sull'Appennino il cielo, già scuro, era solcato da una gragnola di lampi silenziosi. Un'altra striscia chiara si spandeva davanti alla chiesa di Santa Lucia: il portale era spalancato, dentro stavano parlando per la funzione. Un vocio roco, rotto da strilli femminili, veniva dalla zona d'ombra al di là della chiesa. I poveri, respinti ancora più lontano, stavano litigando per accaparrarsi i posti migliori. Avevano esperienza, loro, non dovevano aspettare il responso dei medici per sapere che la morta sarebbe stata seppellita quella sera stessa.

62

All'improvviso gli venne in mente che a casa forse lo aspettavano per la cena. Non potevano sapere che la sua visita di commiato si era trasformata in un accompagnamento. Ma poi pensò che la notizia doveva essere arrivata alle loro orecchie: i Portinari abitavano a poche decine di metri. Gemma doveva stare sulle spine all'idea che il consorte sfilasse in quel funerale di classe vestito com'era.

Si era incamminato verso la chiesa. Senza motivo, per abitudine. Percorrendo la strada dei Bardi non mancava mai di entrare in Santa Lucia: sperava di incontrarvi Bice che pregava. L'urlo di dolore di uno sciancato colpito da una bastonata perché si attardava ad allontanarsi dal portone lo fece sobbalzare. Per un istante ebbe la sensazione che il servo avrebbe bastonato anche lui. Rabbividi. Ma subito l'inchino ossessivo di uno degli energumeni armati di randello lo riportò alla realtà.

«Che sto facendo?» si disse. «Non è questo il mio posto.»

Per quanto la cosa lo ripugnasse, il suo posto era dentro. Bice lo aspettava.

Inspirò profondamente, voleva che i servi capissero che era uscito in strada solo per rinfrescarsi e poi con passo svelto varcò il portone. Attraversò l'atrio senza fermarsi e si ritrovò nella camera ardente.

63

L'ambiente era vasto, ma decine e decine di ceri lo illuminavano a giorno. I Bardi non guardavano a spese. Il corpo di una donna era adagiato su un catafalco nero, al centro della sala. Tutt'intorno sedili vuoti. Ingincocchiate lungo le pareti una schiera di terziarie francescane recitavano le preghiere dei morti, monotamente, come fosse un lavoro. Con malagrazia una fantesca sostituiva i mocciosi con candele nuove. Che lì accanto ci fosse la salma della sua padrona sembrava proprio non importarle.

Fermo sulla porta si guardava attorno. Uomini e cose erano avvolti dal fumo dei ceri. Gli occhi avevano cominciato a lacrimare. Lo colpì un odore dolciastro di incenso: forse bruciava in un bracieri che non vedeva. La prima impressione fu di trovarsi nell'abside di una chiesa subito dopo che, terminata la funzione solenne, i fedeli se ne erano andati. Gli stessi fumi, gli stessi odori, lo stesso senso di abbandono.

Più che perustrare la stanza, auscultava il suo corpo. Al catafalco aveva gettato solo una rapida occhiata.

Finalmente, deciso, si avvicinò al tavolone coperto

dal drappo nero, pronto a sostenere lo scontro con il suo male.

Il corpo minuto rivestito di un abito rosso giaceva con le mani incrociate sul petto; un velo di seta bianca copriva la faccia. Dall'orlo della veste spuntavano due piedini avvolti da calze nere. Restò a fissarli ipnotizzato.

Percepì un movimento vicino. Soltanto allora si accorse di Manetto.

Sedeva su uno sgabello al di là del catafalco. Lo stava osservando e gli sorrideva mestamente. Aveva gli occhi gonfi. Rispose anche lui con un sorriso. Tra loro non c'era bisogno di parole.

Sei mesi prima lo aveva visto piangere al funerale del padre. Quella mattina di dicembre faceva molto freddo. Il corteo che da casa Portinari si dirigeva all'ospedale di Santa Maria Nuova era colpito da raffiche di tramontana che sollevavano i mantelli e impedivano di accendere i ceri. Nuvoloni neri minacciavano pioggia.

Erano in tanti ad accompagnare Folco alla sua ultima dimora. Folco era stato una gran brava persona, generosa e benivolata. L'ospedale per i poveri a cui lo stavano portando l'aveva costruito con i suoi soldi, e forse, si mormorava, ce ne aveva messi più di quanti avrebbe dovuto.

Bice seguiva il lettuccio sul quale era adagiata la salma del padre al braccio di Manetto e Ricovero;

dietro di loro venivano gli altri fratelli, a due a due. Simone dei Barti si trovava a Volterra. La sua assenza non meravigliava nessuno.

«Quello non si sarebbe mosso neppure per la madre, figurati per il suocero» commentava uno scuotendo la testa.

«Eh sì» assentivano quelli a lui più vicini.

Un vecchio sputò per terra, in segno di disprezzo.

Lui, parecchie file indietro, cercava di non perdere di vista Bice. Ogni tanto, tra le spalle e le teste che gli ondeggiavano davanti, ne intravedeva la schiena: susultava per i singhiozzi. I suoi lamenti, invece, gli arrivavano distinti. Acuti, strazianti, sovrastavano i requiem intonati dai preti e da un nugolo di frati.

Nell'angusta cappella dell'ospedale erano stretti gli uni agli altri. Mentre un sacerdote benediceva il defunto, Bice si era svincolata dall'abbraccio dei fratelli e si era precipitata a baciare il volto del padre, disteso sul pavimento. Non erano gemiti i suoi, erano ululati di cagna ferita. Si rotolava per terra maledicendo la morte assassina, si strappava i capelli, si graffiava le guance. Lui era sgomento: le parole sconnesse gridate da Bice, la violenza con la quale si insanguinava le gote non erano le normali manifestazioni di dolore a cui le donne di famiglia erano tenute. Quei lineamenti sfigurati gli erano ignoti, estranei, lo respingevano. Poi convertì lo sconcerto in ammirazione. Ripensò all'indifferenza con la quale lui aveva osservato il corpo senza vita di suo padre allungato sull'impiantito di San Martino.

Dopo la tumultuazione le persone si erano affrettate verso casa a piccoli gruppi. Nel frattempo aveva cominciato a piovere. Con il cappuccio sulla testa passò accanto a una coppia di donne che si proteggevano dall'acqua sotto lo stesso scialle. Una – gli sembrò di riconoscere una fantesca dei Portinari – diceva all'altra:

«Adesso, poverina, Bice è proprio sola».

Portegolezzi di serve, aveva pensato, e aveva tirato dritto.

Che il velo le nascondesse la faccia era un bene: avrebbe ricordato soltanto lo splendore degli occhi verdi. E poi il velo teneva a bada il suo male. Neppure l'ombra del più piccolo tremore. Stava osservando quelle spoglie con tranquilla indifferenza. Il timore sulla soglia si era del tutto placato. Di quante aspettative aveva caricato quell'estremo incontro. Si era detto che davanti al volto di Bice composto nella serenità della vita eterna avrebbe finalmente capito di che natura fossero i battiti del suo cuore. Di più, che il mistero della morte avrebbe svelato il segreto di quella donna.

Tutti le volevano bene, tutti ne erano affascinati, ma nessuno riusciva a comprendere davvero cosa si nascondesse dietro al suo dolcissimo riserbo. Gli occhi, le parole, i prolungati silenzi lasciavano trasparire, appena percettibile, una punta di malinconia. Il

suo pudore geloso calamitava l'attenzione, la rendeva più seducente, ma le impediva di abbandonarsi ai giochi di società, alle conversazioni che si intrecciavano intorno a lei. Nel fondo dell'anima quella donna celava un grumo di tristezza. Il vero mistero, pensava lui, era che quell'ombra amara non la rendesse né schiva né scostante; al contrario, a chiunque le parlasse, o anche solo la guardasse, Bice infondeva una sensazione di serenità, di beatitudine. Beatrice! Nessun altro nome avrebbe potuto esserle imposto. Le sue poesie proprio di questo parlavano, del miracolo di una donna la cui sola presenza metteva uomini e donne in pace con sé stessi.

Adesso un fazzoletto di seta copriva il suo volto. E lui se ne stava lì senza porsi alcuna domanda. Non riusciva a staccare gli occhi dai piedini neri che spuntavano dalla gonna rossa. Era la parte del corpo più intima che di lei avesse mai visto. Quei piedini gli avevano riportato alla memoria una festa di Calendimaggio.

Al tramonto, sul sagrato di Santa Trinita brigate di ragazzi e fanciulle ornati di fiori ballavano al suono di luti e cembali. Alle finestre delle case affacciate sulla piazza pendevano gonfiatoni e rami frondosi. Una gran folla circondava i ballerini e li incitava battendo le mani.

Lui osservava senza lasciarsi coinvolgere.

Un chiasso festoso cominciò a provenire dal ponte sull'Arno: subito dopo un folto gruppo di giovani mascherati si riversò nella piazza. Fra i nuovi arrivati

si distinguevano un Cupido e il suo paggetto. Fu con enorme stupore che dietro alla maschera di Cupido riconobbe Bice e nella donna che le faceva da paggio Yanna, l'amata per la quale, allora, soffriva il suo Guido. Mai avrebbe pensato che Bice potesse abbandonarsi a una così sfrenata allegria, che la sua dama triste nascondesse la gaiezza di una bambina.

Un po' alla volta gli altri giovani del ballo si erano ritirati lasciandole sole al centro della piazza. Gli astanti, in cerchio, avevano smesso di battere le mani e osservavano incantati le due mascherine. Eseguiavano le figure ridendo ad alta voce, nelle pause lanciavano sguardi ammiccanti al pubblico, che prese ad applaudirle. Il travestimento le aveva rese audaci. Lui non batteva le mani, ma, senza accorgersene, batteva il tempo con i piedi e dondolava la testa, felicemente imballato. Non staccava lo sguardo dagli agili piedini di Cupido: si muovevano a tempo con saltelli sempre più veloci, quasi non toccavano il suolo.

Lo riscossero le parole che una donna anziana, seduta di sghembo su una seggiolina vicino a lui, stava rivolgendo a un'amica accoccolata al suo fianco:

« Che bello vederla così allegra! » diceva la sconosciuta, mentre l'altra assentiva con la testa.

« Buon Dio, anche lei ha diritto a un po' di felicità. »

Le due vecchie non avevano rivelato nulla di sconvolgente, eppure lui aveva sentito una fitta dolorosa. Avrebbe voluto chiedere spiegazioni, ma sarebbe stata una indiscrezione troppo grande. Gli era tornato

in mente che alcune volte nei saloni della buona società gli era capitato di sorprendere coppie di dame darsi di gomito sollevando il mento in direzione di Bice e darsi parole all'orecchio mentre lei, sorridente, era circondata da un crocchio di cavalieri. Ma ben presto l'immagine dell'angelo aveva ripreso il sopravvento e con la sua luminosità aveva dissipato ogni ombra.

Qualcuno lo afferrava per un braccio. Era Manetto.

«Raggiungiamo gli altri, sarebbe scortese trattenerci ancora.»

La porta dirimpetto a quella della camera ardente era stata spalancata. Già molti stavano defluendo in quella direzione.

Iacopo aveva annunciato che il funerale si sarebbe svolto quella sera stessa. Simone, ahimè, non sarebbe arrivato in tempo, ma il caldo era davvero troppo, e ai medici non sembrava opportuno attendere ancora.

Di bocca in bocca correva sussurrata la parola *vaio*.

Nella sala, delle stesse dimensioni di quella dove giaceva il corpo di Bice, erano stati apparecchiati tre grandi tavoli a ferro di cavallo. I servi andavano e venivano portando vassoi carichi di vivande e caraffe di cristallo piene di vino. Le fantesche riempivano bicchieri d'argento che poi allungavano agli ospiti. Con una faccia liare invitavano a servirsi. Il brusio dell'atrio qui si era trasformato in vociare. Nell'aria risu-

navano richiami, liete esclamazioni di sorpresa, anche risate. Iacopo rispondeva con parole di circostanza alle condoglianze che gli venivano fatte, borbottando con la bocca piena di cibo. Mancava solo la musica, e si sarebbe detto che i Bardi stavano dando una festa. Bevve un sorso d'acqua fresca. Lo stomaco chiuso non avrebbe tollerato alcunché. L'idea di dover sopportare ancora quell'allegria sguaiata lo opprimeva. Pensava a Bice, rimasta sola.

Il corteo percorreva il breve tragitto fino alla chiesa. Il lettuccio con il corpo e i tanti preti che officiavano erano già entrati mentre la coda stava ancora uscendo da casa. L'odore di incenso aveva invaso la strada. Adesso che era calato il silenzio, si udiva lo struscicare dei piedi sulle pietre. Dal campanile di Santa Lucia veniva un lento rintocco a passata, poi si erano aggiunte le campane di San Niccolò e infine quelle di Santa Maria Sopr'Arno: quei suoni funebri si sovrapponevano in un lugubre concerto. Dalla chiesa venivano le grida delle prefighe e si mescolavano ai lamenti e ai pianti interessati dei poveri. Nessun altro piangeva. Forse Manetto. Ricovero e le sorelle di Bice, ma dalla sua posizione lui non li poteva vedere. Del resto, neanche lui piangeva. E neppure pensava a Bice.

La sua attenzione era catturata dalle luci. In basso, i tanti ceri che si muovevano ondeggiando nel buio proiettavano ombre smisurate e mobili sulle pareti

nere delle case. In altro splendeva la luna. Il vento si era rinforzato, nuvolone nere si inseguivano nel cielo. A tratti oscuravano la luna, ma subito dopo il chiaro-latteo del pianeta si spargeva intorno creando strani effetti luminosi. Il temporale era ancora lontano, ma si stava avvicinando. Lampi senza tuono guizzavano nel cielo. La sua vista malata avvolgeva di nebbia la luna e sfocava i contorni.

La luce istantanea di un lampo illuminò una nuvola di un bianco candido: il vento la stava spingendo in alto, in mezzo alle altre nuvole nere.

9

Firenze, 8 giugno 1294

Ci vorrebbero dei rintocchi funebri.

Da bambino, l'ultimo giorno dell'agonia di sua madre lo avevano allontanato da casa. Al tramonto, seduto su uno sgabello davanti al camino acceso, mentre la vecchia che l'ospitava per distrarlo gli raccontava la favola di Giovanni senza paura che morì spaventato dalla sua ombra, aveva udito la campana della Badia suonare una passata. Da quella sera la solitudine aveva la voce delle campane a morto.

Rintocchi funebri... Un segno universale di lutto. Geremia! I versetti della desolazione. Aveva trovato il rito che cercava:

Quomodo sedet sola civitas plena populo! facta est quasi vidua domina gentium.

Solenne e cadenzato, in latino, ma nelle orecchie di tutti: descritta la città già piena di folla...

E ora, subito, la notizia. Da collegare al racconto. Aveva scritto che stava pensando a una canzone nella quale descrivere come la virtù di Beatrice operasse

72

73

dentro di lui. Ne aveva composto e trascritto la prima stanza. Bene, sarebbe partito da lì:

Io era nel proponimento ancora di questa canzone, e compiata n'avea questa soprascritta stanza, quando lo Signore della iustizia chiamò questa gentilissima a gloriarne sotto l'insegna di quella Regina benedetta Maria.

Adesso veniva il difficile, non dirlo dicendolo. L'idea che lo rendeva felice era forse un po' contorta, perfino bizzarra, ma avrebbe funzionato. Bastava essere sobri. Raccontare una cosa eccezionale come fosse un'ovvietà. Come puoi non capire? È così semplice. Dunque:

E avegna che forse piacerebbe a presente trattare alquanto della sua partita da noi, non è lo mio intendimento di trattarne qui per tre ragioni.

Un piccolo elenco di ragioni, e il gioco era fatto. La semplicità paga sempre.

Quali fossero le ragioni lo aveva ben chiaro, ma non riusciva a decidersi in che ordine presentarle. Seguire la logica, cioè una successione consequenziale, o ingarbugliare un po' le carte? Insomma, costringere o ingarbugliare un po' le carte? Insomma, costringere a un ulteriore piccolo sforzo i suoi lettori?

La cucina si era riempita di fumo. Pizzicava gli occhi, che cominciarono a lacrimare. Erano delicati i suoi occhi, si irritavano facilmente. Doveva tenerli

sempre puliti e rinfrescarli spesso con impacchi d'acqua gelata. Non poteva restare ancora in mezzo a tutto quel fumo.

Si alzò per uscire di casa.

«Non toccare!»

Era stato un po' brusco, ma la fretta con la quale Gemma stava per avventarsi sulle carte lo aveva infastidito. Possibile che solo in casa sua non si avesse alcuna considerazione per poesie che fuori di lì tutti lo davano? Ogni volta che si sedeva in cucina per scrivere qualcosa poteva leggere sul volto della moglie la domanda: quando ti deciderai a lavorare? La miseria faceva perdere il senso dell'onore anche a una Donati. Quanto alla matrigna, era solo la figlia di un mercantuccio...

Fuori si era accomodato su un sedile di pietra, in uno spicchio d'ombra subito alla destra della porta di casa. Appoggiava la schiena al muro. Il muro era caldo per il gran sole che lo aveva colpito fino a poco prima, ma lui non lo sentiva. Pensava, assorto...

A metà mattina il via vai era continuo. Quasi tutti uomini: operai, garzoni, qualche bottegaio... Ogni tanto anche un contabile, un notaio. Nel suo settore lo conoscevano tutti. Passandogli davanti, molti lo salutavano. Udiva appena la loro voce. Ricambiava dicendo «buongiorno» come se recitasse le litanie.

Pensava a san Paolo.

L'idea che lo aveva sbloccato gli era venuta proprio da lui. Cercava di ricordare esattamente le parole con le quali l'Apostolo aveva raccontato ai Corinzi

la sua esperienza mistica di tanti anni prima. Quattordici, quindici? Molti anni prima, in ogni caso. Il santo si giustificava per averla taciuta così a lungo. Paolo di Tarso non aveva certo paura di essere preso per un millantatore o per un esaltato. Non aveva bisogno di entrare nei particolari. «Io so di un uomo il quale fu rapito fino al terzo cielo.» No, scrive precisamente, adesso lo ricordava: «Io so di un uomo il quale, quattordici anni fa, se col corpo o senza corpo non lo so, lo sa Dio, fu rapito fino al terzo cielo». Diretto. Essenziale. E modesto: un uomo, lui, uno qualsiasi. Che poi, anche avesse voluto, quali particolari avrebbe potuto dare? Quell'uomo era stato rapito in paradiso e lì aveva udito parole ineffabili. La mente umana mica può trattenere il ricordo di ciò che Dio nella città celeste. La lingua umana non potrebbe mai articolarlo in parole. «Bisogna gloriarsi» scrive Paolo, «ma questo non è conveniente.» Lui non si gloria di quell'immenso privilegio, eppure potrebbe gloriarsi, e non sarebbe un pazzo se se ne gloriasse, perché racconta la verità.

Gloriarsi! ecco la parola di cui andava in cerca, lo darsi, farsi laudatore di sé stesso. L'idea aveva preso la sua giusta forma.
Rientrò in casa. Adesso era ancora più felice di prima. Il cervello girava, eccome...

76

10

Firenze, 9 giugno 1290

All'indomani del trasporto, come usu, era andato a casa Portinari per rinnovare le condoglianze ai fratelli della defunta. Esauriti i convenevoli, Ricovero e le sorelle li avevano lasciati e Manetto lo aveva pregato di trattenerli ancora un poco. Sebbene durante la notte fosse scoppiato un temporale, la mattinata era radiosa, e così si erano spostati in cortile, quello stesso nel quale da bambini combattevano le più accese battaglie e dove, sedici anni prima, aveva visto la piccola Bice vestita di rosso.

Manetto aveva bisogno del calore di un amico. In meno di sei mesi aveva perso il padre e la sorella più amata. Adesso era lui il capofamiglia, ma a quella responsabilità non si sentiva pronto. Per fortuna Ricovero era un gran lavoratore e aveva il bernoccolo degli affari, un futo che a lui mancava proprio. E siccome le faccende finanziarie e commerciali lo mettevano in ansia, tendeva a ingigantire i problemi. Di certo, non ingigantiva quelli provocati dalla gestione dell'ospedale. Folco aveva fatto il passo più lungo della gamba: in pochi mesi quell'istituto per i poveri,

77

il più imponente della città, si era già mangiato una quantità di forini da fare paura.

Ben presto Manetto si era messo a parlare della povera Bice. Che l'amico volesse parlargli proprio della sorella, lui lo aveva capito subito. Intuiva che desiderava sfogarsi. Con nessun altro aveva tanta confidenza. Mai però si sarebbe aspettato di sentire uno sfogo come quello a cui Manetto si abbandonò.

Gli parlava come a una persona di famiglia, il che sotto molti aspetti era anche vero, ma certe sfumature ammiccanti, certi sguardi complici sembravano dirci a uno che avesse subito un lutto grave quanto il proprio. Lui era in imbarazzo: non sapeva decidere se la cortesia gli imponesse di fare suo il ruolo di imitatore di Bice che l'amico gli stava attribuendo o se dovesse fingere di non cogliere i sottintesi dei suoi discorsi. Nel dubbio, pronunciava frasi fatte, si rifugiava nei luoghi comuni che si tirano in ballo in queste occasioni. E così, quando Manetto, con un lungo sospiro, aveva esclamato: «Almeno ha finito di soffrire», lui, sorvolando sulla pena di cui quel sospiro era impastato, si era limitato a un commento di circostanza:

«Per un'anima buona la morte è molto più della fine della sofferenza, è l'inizio della beatitudine».

Non aveva compreso che Manetto si riferiva a una specifica sofferenza. E infatti questi ebbe quasi uno scatto di protesta, lo guardò dritto negli occhi e gli rispose con voce ferma, assertiva:

«Ma lei soffriva più di altri».

78

Non attese la sua reazione, cominciò un racconto che lo avrebbe sconvolto.

Raccontò che per Bice la vita nella casa del marito era un inferno.

«Il figlio, il figlio!» Simone non sapeva dire altro. «Quando mi darai il figlio?» Maschio, naturalmente. La ossessionava. Due anni dopo essere entrata nella sua casa, Bice non era ancora incinta. Simone non era neppure sfiorato dal pensiero che sterile potesse essere lui. Col tempo, però, sembrava essersi rassegnato. Ma non era così. L'eredità lui lo voleva; se non glielo dava Bice, glielo avrebbe dato un'altra. Una moglie sterile che moglie è? Progettava di chiedere l'annullamento del matrimonio. Con i soldi dei Bardi non gli sarebbe stato difficile.

In lui montava la rabbia contro quel Simone: si dava tante arie ed era peggio di una bestia. Fino a quel momento aveva provato nei suoi confronti una istintiva repulsione; adesso aveva un motivo per odiarlo.

«Perché non ha chiesto l'annullamento?» domandò.

«Per calcolo, solo per calcolo» gli rispose Manetto. «Mica si era pentito, figurati... I Bardi non muoiono un dito senza aver fatto i loro conti.»

Simone diceva di non essersi rivolto al vescovo per rispetto a Folco. In realtà con il vescovo aveva parlato, e più di una volta. Se poi non aveva inoltrato una richiesta ufficiale era perché aveva valutato, o meglio, perché i Bardi avevano valutato che una offesa a un cittadino tanto benvenuto come Folco sarebbe stata

79

controproducente. La riprovazione di mezza Firenze era un costo che una famiglia così poco amata come la loro non poteva permettersi. Il banco ne avrebbe sofferto. Però sei mesi prima Folco era salito al Cielo e così Simone si era ritrovato con le mani libere. E non aveva perso tempo; ancora poco, e la povera Bice sarebbe stata rispedita alla casa dei suoi, e da qui dritta in un convento.

«Per lei sarebbe stata una liberazione» concluse Manetto, quasi parlando a sé stesso.

Lui fremeva, indignato, senza immaginare che il peggio doveva ancora venire. Quando Manetto cominciò a riferire quale vita miserabile Bice avesse condotto nella casa dei Bardi, la sua rabbia si tramutò in un dolore quasi fisico, un dolore crescente via via che l'amico aggiungeva nuovi particolari.

Nei rari e brevi periodi nei quali non era fuori Firenze a lucrare i cospicui compensi di podestà, Simone non avvicinava la moglie, né di giorno né di notte. E voleva un figlio, quella brava persona! Durante le sue lunghe assenze il governo della casa era affidato a una anziana governante. Non propriamente una serva, ma una Bardi, rimasta vedova in giovane età e non più risposatasi, che, priva di sostanze perché il marito aveva fatto in tempo a dilapidare anche la sua dote, il padre di Simone aveva accolto in casa. Ebbene, quella donna inacidita si sfogava su Bice trattandola come un'intrusa. Alle serve, forti del suo esempio e sicure di non avere guai, non pareva vero di rincarare la dose. Nella casa che formalmente era la sua, Bice viveva

80

tra umiliazioni, sgarbi e, capitava anche quello, irrisioni palesi. Simone fingeva di non accorgersene.

«Ecco come viveva» concluse Manetto.

Poi, tirando su dal naso, disse ancora:

«Guarda che queste cose le sapevamo solo io e Rocco. Un paio di servitori fedeli al povero babbo ci tenevano informati. Dalla bocca di Bice non uscì mai un solo lamento, una sola recriminazione. Entrava nella sua casa di fanciulla sempre e solo con il sorriso sulle labbra».

A quel ricordo, nei suoi occhi passò un lampo di tenerezza.

Si rendeva conto che Manetto aspettava parole di consolazione, ma l'ingorgo delle emozioni che gli premeva dentro gli impediva di dire alcunché. Era un accavallarsi confuso di impulsi: compassione per Bice, senso di impotenza, collera, umiliazione, voglia di vendetta. Su tutto però prevaleva il rancore rabbioso nei confronti di Manetto: perché non gli aveva mai detto niente? Non era forse uno di famiglia? Si sentiva tradito, di più, escluso...

Salutò rapidamente e fuggì via.

Corse verso casa. Aveva bisogno di essere solo. Sperava che fossero usciti tutti. In effetti la casa era vuota, salì al piano superiore, si gettò sul letto e ruppe in un pianto dirotto.

81

Piangeva e intanto pensava a Bice. Dopo ciò che Manetto gli aveva rivelato, la sua Beatrice gli sembrava quasi una sconosciuta. Eppure, chi meglio di lui, il suo cantore, avrebbe dovuto conoscerla. Adesso, di colpo, aveva capito tante cose alle quali non aveva dato importanza. Aveva capito cosa significassero il darsi di gomito delle donne, i commenti a mezza voce, le parole carpite al funerale del padre. Si accusava fra le lacrime. Come aveva potuto vivere per tanti anni nella più totale cecità? Come era potuto accadere che nemmeno un filo di luce avesse penetrato i suoi occhi? Eppure lì teneva spalancati, ben attento a non perdere il ben che minimo particolare di quella visione beatifica. Già, ma di cosa si beava? I suoi occhi scrutavano Bice o si perdevano dietro a un fantasma? Gli sembrò di vedere la faccia sogghignante di Guido.

Un po' alla volta si calmò e i suoi pensieri presero un'altra piega. Qualcosa gli suggeriva che le tenebre non erano state così fitte come lui pensava e che le sue non erano solo belle favole. Del resto, cominciò a dirsi, la grande poesia vede anche nel buio. Omero non era forse cieco? Anche Guido lo sapeva. Come non sapeva che la sua per Beatrice era grande poesia. Lui non aveva capito, ma la sua poesia aveva intuito che Beatrice era un essere eccezionale. Non perché era bella, non perché brillava in società. Aveva intuito che la sua straordinarietà consisteva nel donare serenità, gioia, speranza, pace. Un dono che le era stato dato dal Cielo. Adesso che aveva saputo, comprendeva

va che il dono era anche una prova. Dio l'aveva eletta, ma le aveva imposto di splendere nel dolore e nel sacrificio. Nel modo arcano con il quale parla ai prescelti le aveva ordinato di non chiudersi nell'ombra e di non lasciare spegnere la luce che le aveva infuso; lei, obbediente, teneva nascosta dentro di sé la notte e arricchiva il giorno di un ulteriore fulgore. Si era domandato tante volte quale fosse il mistero di Bice e adesso gli si era rivelato. Sì, era un miracolo. Per un attimo gli era venuto di paragonarla a Cristo.

Firenze, 8 giugno 1294

Il fumo si era diradato. In compenso in cucina stagnava un forte puzzo di cavolo.

«Anche oggi?» gli scappò detto.

«Zuppa, il brodo dei poveri» commentò Lapa con sarcasmo. In un angolo della cucina stava cullando il piccolo Pietro.

Gemma fu ancora più tagliente:

«Per poco, cara Lapa, ancora per poco. Presto il mio famoso marito ci nutrirà tutti quanti a fagioli e permici».

Non era nello stato d'animo per mettersi a questionare su cose così futili. Qualunque cosa dicesse, quelle donnette non avrebbero incrinato la sua felicità.

La culla di legno cigolava, ma quel rumore non lo infastidiva. Pietrino, il suo secondogenito, nato da pochi mesi, dormiva tranquillo. Questo lo faceva sentire in pace. Giovannino, pensò, starà inseguendo un amico per i vicoli del sestiere con in mano una spada di legno. I bambini giocavano ancora a guelfi e ghibellini...

La tavola, adesso, era sgombra. Il foglio che aveva

lasciato sul lato era al suo posto. Solo la boccetta con l'inchostro era stata chiusa. Gemma avrà pensato che con quel caldo si sarebbe seccato in fretta.

Si sedette pronto a scrivere. Non aveva bisogno di raccogliere le idee. Ma si sbagliava, perché non aveva ancora deciso in che ordine presentare le ragioni per le quali non avrebbe parlato, cioè avrebbe finto di non parlare, della morte di Beatrice. Se ne stava con la penna in mano incerto su quale via seguire. Era più difficile di quanto avesse creduto. Finalmente si convinse: perché complicare le cose? Lui e Guido si erano sempre vantati del fatto che le loro poesie fossero piane, trasparenti, logiche. E adesso perché, scrivendo in prosa, avrebbe dovuto cambiare stile? L'ordine giusto era quello naturale: prima la ragione principale e poi, in ordine decrescente, le conseguenze che ne derivavano. Deciso, ininse la penna e l'avvicinò al foglio.

In quel preciso momento la voce spazientita di Gemma lo chiamò.

«Il pranzo è pronto. Facci spazio.»

«Sanissimo Dio!» e calò un pugno sul tavolo.

Una sfilza di contumelie stava per uscirgli di bocca, ma si trattenne. Lui non bestemmiava mai, per nessun motivo. E adesso, davanti a tutti... Rimase immobile per qualche momento, recuperò la calma e poi, con voce tranquilla, disse:

«Va bene, continuerò dopo.»

Quel giorno si sentiva in pace con sé stesso e perciò anche con gli altri. Sapeva perfettamente cosa

avrebbe dovuto scrivere, dunque non c'era fretta: quelle righe avrebbero potuto aspettare.

Sgomberata la tavola, Gemma gli mise davanti una scodella di zuppa.

Lapa mangiava restando seduta accanto alla culla. Giovannino era arrivato di corsa, rosso e trafelato, e, afferrata la sua scodella, si era rintanato sotto la cuppa del camino. Gemma, dopo aver servito, si era accomodata di fronte a lui.

Gli piaceva avere la famiglia intorno. Un giorno sarebbero stati orgogliosi di lui.

Poco dopo dalla porta sbucò Franceschino.

Appena seduto a tavola, eccitato, cominciò a descrivere l'affare che gli era stato proposto. Franceschino era un ragazzo ingenuo, ma di traffici ci cavava.

Lo speciale Campontozzo Lamberti, incontrato casualmente al Mercato nuovo, gli aveva chiesto se gli Alighieri volevano associarsi a lui e a due altri specialisti di fiducia nell'acquisto di una partita di biacca e di cocco in vendita a un prezzo di favore. La si sarebbe potuta rivendere con un bel margine di guadagno. Campontozzo era anche disposto a garantire il mutuo che gli Alighieri dovessero eventualmente richiedere. Insomma, la faccenda era più che interessante. Anche tenendo conto delle spese di trasporto, l'utile sarebbe stato notevole.

Lui seguiva facendo finta di essere incuriosito. E perciò chiese:

«Transporto per dove?»

86

«Per Bologna» rispose Franceschino, «compriamo a Firenze e rivendiamo a Bologna.»

«Bologna! Guarda che là sono conosciuto, ma non proprio come mercante» disse lui ridendo.

«Chiedilo a Bellino.»

Gli era tornato in mente il giorno in cui, durante il suo primo soggiorno in quella città, più di sette anni prima, Bellino di Lappo, un lontano cugino di suo padre, era venuto a fargli visita nella locanda di Porta Ravignana dove aveva preso alloggio. Bellino, che già da parecchi anni commerciava in granaglie e bestie a San Giovanni in Persiceto, si era sentito in dovere di andare a conoscere quel suo parente di Firenze. Fu un incontro cordiale. Avevano parlato del povero Geri del Bello, il cugino di Alighiero ammazzato poche settimane prima da Brodario dei Sacchetti. A Bellino che chiedeva cosa mai avesse scatenato la furia del Sacchetti, lui aveva risposto che a Firenze nessuno lo sapeva; entrambi, comunque, erano d'accordo sul fatto che Geri fosse violento e attaccabrighe e che qualcosa di grosso doveva averlo combinato. Divergevano nettamente, invece, sul cosa fare: lui sosteneva con calore che l'offesa fatta all'onorabilità della famiglia andava vendicata al più presto; Bellino non capiva proprio perché fosse necessario ammazzare uno dei Sacchetti: gli sembrava evidente che Geri se l'era cercata. Al momento di congedarsi Bellino, che a Bologna vantava numerose conoscenze, con molta cortesia si era offerto di aiutarlo a concludere al meglio i suoi affari. Lui non aveva più dimenticato la

87

faccia che il suo parente aveva fatto nel sentire che non era lì per affari e che non si occupava di commercio. Quando poi gli aveva confessato che non svolgeva alcun lavoro, quello aveva strabuzzato gli occhi:

«Allora sei studente?» aveva osservato dopo essersi riavuto dalla sorpresa. «Legge o medicina?»

«Nessuna delle due, non sono studente.»

Bellino non ebbe più la forza di parlare, lo salutò e lasciò la locanda: doveva essersi convinto di aver incontrato un Allighieri balzano, per non dire degenero.

«E chi è Bellino?» domandò Franceschino.

«Poi un giorno ti racconto.»

Non aveva voglia di parlare di Bologna e ancor meno di traffici di colori.

«Ragioneremo con calma su cosa fare con i nostri amici speciali.»

Franceschino non insistette, e cominciò a riferire le voci cittadine sulla rabbia crescente dei magnati contro i nuovi Ordinnamenti di giustizia che li escludevano dalle cariche pubbliche.

«Dicono che Cavalcani minacci sfracelli» aggiunse agitando il cucchiaino.

Lui si mise a ridere divertito:

«Ma che sfracelli! A Guido della politica non importa un fico secco.»

Non ce lo vedeva proprio il suo Guido abbracciare la causa di quei villani rifatti che tanto disprezzava.

Le chiacchiere si protrassero per un bel po'. Erano tutti rilassati e lui non aveva fretta. Quanto agli Ordinnamenti, neppure a lui ne importava un fico.

Finalmente le donne sparecchiarono, rassettarono la cucina e poi si ritirarono al piano di sopra portando con sé il piccolo Pietro. Franceschino doveva correre a Prato e non sarebbe ritornato che il giorno dopo. Giovanniino già da un pezzo era scappato ai suoi giochi.

Rimasto solo, prese la carta e il calamaio, e si sedette. Affilo la penna e si accinse a scrivere. In realtà era quasi un trascrivere, perché le frasi le aveva già tutte composte mentalmente. Per scrupolo rilesse le ultime righe che aveva vergato.

*E avegna che forse piacerebbe a presente trattare
alquanto della sua partita da noi, non è lo mio in-
tendimento di trattarne qui per tre ragioni.*

Bene, si disse, cominciamo.

La prima è...

Forse, pensò, dovrei scrivere:

La prima e principale è...

Si fermò incerto. Si diceva che, se non gli era subito venuto in mente di sottolineare l'importanza della prima ragione, un qualche motivo doveva esserci. Ma poi, era proprio così sicuro che l'ordine nel quale aveva deciso di disporre quelle ragioni fosse quello

giusto? Più ci pensava, e più la certezza di prima vacillava.

Si alzò e cominciò a camminare avanti e indietro per la cucina. Camminò per parecchio tempo: quella questione secondaria si era rivelata assai più ostica di quanto avesse previsto.

Un punto fermo era che nell'argomentare i motivi per i quali non avrebbe raccontato la morte di Bice avrebbe rivelato cosa era successo a lui in quel frangente: non proprio come un enigma, ma con una costruzione che richiedeva di essere interpretata dai lettori. Se quello era l'obiettivo, si diceva, perché non chiedere ai lettori un piccolo sforzo in più, fingendo quasi di depistarli? Poteva essere un modo per ravvivare l'attenzione, per avvisarli che da quel punto avrebbero dovuto concentrarsi, che la lettera non più avvertita nascondeva un messaggio. E poi, chi non avesse capito il messaggio, incagliato per incagliato, mica si sarebbe chiesto il significato delle ragioni esposte subito prima. Non c'erano facilitazioni valide per gli incapaci, tanto meno per gli ignoranti. E lui di lettori ignoranti non sapeva che farsene.

Sedette di nuovo finalmente rasserenato e cominciò a scrivere.

La prima è che ciò non è del presente proposito, se volemo guardare nel proemio che precede questo libello.

90

Nelle prime righe del libro non aveva forse premesso che avrebbe copiato le parole scritte nel libro della sua memoria? Insomma, che quello era un libro di ricordi? E allora, l'ovvia conclusione era che con la morte di Beatrice era successo qualcosa che la memoria non poteva trattenere. Inutile parlarne, perché non avrebbe saputo cosa dire. Il segnale gli sembrò chiaro abbastanza.

La seconda si è che, posto che fosse del presente proposito, ancora non sarebbe sufficiente la mia lingua a trattare come si converrebbe di ciò.

E se anche mi ricordassi, non sarei in grado di raccontarlo. Perfino il lettore più duro di comprendonio a questo punto avrebbe capito: non la si può ricordare, non la si può raccontare... cosa sarà mai un'esperienza che trascende le capacità della mente umana, se non...?

Se non quella a cui allude san Paolo. Ecco il punto giusto per riprendere il «gloriarci» dell'Apostolo. Come Paolo, anche lui non voleva farsi laudatore di sé. Gli piaceva quell'espressione, diceva ciò che Paolo aveva scritto, ma con parole diverse, sue. Andiamo con l'Apostolo¹, si disse.

Provava la sensazione di onnipotenza di quando la mente macina le idee e si slancia in avanti a mettere in ordine il mondo. Per di più, aveva scoperto che prima sbagliava, che proprio questa era la successione logica e naturale degli argomenti. Mai buttarsi di

91

slancio sulla pagina, le cose vanno lasciate decantare: la pausa imposta dalla famiglia era stata una vera benedizione.

Andiamo con l'Apostolo!

La terza si è che, posto che fosse l'uno e l'altro, non è congenerole a me trattare di ciò, per quello che trattando converrebbe essere me laudatore di me medesimo, la qual cosa è al postutto biasimevole a chi lo fa.

Be', si disse, anche un facchino del mercato avrebbe capito. Un facchino sì, mercanti e cavalieri, dottori in far di conto, loro, no. Ridacchiava dentro di sé. Si immaginava la faccia di Simone dei Bardi – perché era sicuro che Simone il libro lo avrebbe letto, magari avrebbe spergiurato che di certe scemenze lui non voleva nemmeno sentire parlare, ma lo avrebbe letto. Gli sembrava di vederlo mentre si chiedeva cosa mai avesse voluto dire quel presuntuoso dell'Alighieri. Be', se lo facesse spiegare da qualcuno. Si sentiva balanzoso e leggero. Quasi quasi glielo dico, pensò: fatti aiutare, cerca un chiosatore. Sì, glielo dico proprio, e proseguì la frase:

e però lascio cotale trattato ad altro chiosatore.

La tensione era caduta all'improvviso. Era stanco. Avrebbe continuato domani. L'indomani avrebbe scritto del nove e di cosa quel numero significasse.

92

Per anni si era scervellato a trovarne il senso; come sempre accade coi misteri, gli si era rivelato casualmente. Solo Dio che li manda può illuminarli.

Si alzò e si avviò alla porta.

Il tempo era volato senza che se ne fosse accorto. Era già il crepuscolo, ma la luce era più spenta di quanto dovesse. Il cielo era grigio e sembrava volgere al brutto.

93

12

Firenze, 17 giugno 1290

Da quando aveva sposato Lapo Riccomanni, ed era no già passati più di quindici anni, Tana abitava in un sestiere diverso da quello degli Alighieri. Tuttavia si sarebbero potute contare sulle dita di una sola mano le volte nelle quali, la domenica mattina di buon'ora, non era venuta ad ascoltare la messa nella chiesa di San Martino al Vescovo, proprio davanti alla casa dei fratelli. Dopo la messa, era diventata più che una abitudine, quasi una legge non scritta, che i fratelli facessero colazione radunati nella casa paterna. Durante il servizio liturgico una serva dei Riccomanni vi aveva portato un paio di cesti con pani appena sfornati, formaggi e, a seconda della stagione, fave, poponi o castagne. Grandi e piccoli si ritrovavano così intorno a una tavola già imbandita: tutti sapevano da chi, ma il tacito accordo era di fingere che la tavola si fosse apparecchiata da sola. Solamente Gemma, ogni tanto, magnificata la bontà del cacio, sporgendosi verso Tana sembrava sul punto di dire qualcosa in lode della generosità di chi l'aveva portata, ma una occhiataccia sua o un colpo di tosse di Franceschino la bloccavano prima che aprisse bocca. Nessuno, tutta-

94

via, l'avrebbe rimproverata. Tutti comprendevano che Gemma si trovava in una posizione imbarazzante: non parente di sangue, e però beneficata, era normale che volesse dare un qualche segnale di gratitudine. Che, fra l'altro, le sarebbe costato molto di più del far finta di niente: era una Donati, lei, una Donati costretta a sorridere a una Riccomanni qualunque e a baciare la mano che riforniva la sua famiglia.

Quella mattina di giugno la riunione era più animata del solito. In parte, perché la domenica precedente Tana non se l'era sentita di lasciare solo il suo giovane figlio Bernardo febbricitante, ma soprattutto perché quella successiva sarebbe stata la festa di san Giovanni ed era tradizione che il giorno del patrono i Riccomanni e gli Alighieri si ritrovassero a pranzo nella casa del marito di Tana. L'organizzazione spettava a Tana: lei doveva stabilire chi invitare, chiedere chi sarebbe mancato, assegnare i posti a tavola agli Alighieri. Tana era donna di grande delicatezza d'animo, ma coi piedi per terra. Faceva molta attenzione a non collocare una accanto all'altra persone che sapeva in cattivi rapporti tra loro. Per la verità, il suo problema era uno solo: come sistemare, che poi voleva dire neutralizzare, il suo adorato ma imprevedibile fratello.

Per i mercanti Riccomanni e per i loro amici quella era festa grande. La vigilia i consoli delle Arti in processione solenne si sarebbero recati al Battistero portando al santo i donativi delle corporazioni. Tutti, a Firenze, consideravano San Giovanni la festa del la-

95

vero. La paura di Tana era che il fratello poeta se ne uscisse con una delle sue tirate contro il forino, la mercanzia e le banche, contro quella perversione di considerare il successo negli affari la sola misura del valore di un uomo. Lei si era rassegnata al fatto che, a venticinque anni suonati, non esercitasse alcun lavoro, ma per i familiari quella era una ferita aperta e per i loro amici quasi uno scandalo. Non si era mai visto un Alighieri che pretendesse di campare di rendita: e che rendere, poi! Un paio di poderi in Mugello, pensate se si può vivere con quattro sacchi di grano! Almeno se ne stesse buono e ringraziasse quei bravi parenti che mantenevano lui e i suoi, e invece no, aveva da ridire il nobiluomo, non si vergognava di sputare nel piatto che altri gli avevano riempito.

Lui e Tana si capivano al volo. Le complicate strategie per metterlo a sedere accanto a un commensale giusto, manovre che si ripetevano ogni anno in prossimità di San Giovanni, lo divertivano, soprattutto perché Tana cercava di dissimularle. E allora, per stuzzicarla, accigliandosi poteva buttarle lì osservazioni del tipo: «No, di fianco a Tizio proprio no, non sopporto gli usurari». Al che Tana si allarmava e ricominciava da capo a disporre le pedine. Ma ciò succedeva negli anni passati; questa volta, dopo quanto aveva combinato la festa precedente, si guardava bene dal provocarla.

L'anno prima aveva combinato un disastro, è vero, ma perché era ancora eccitato da Campaldino. Da

96

meno di una settimana era tornato dal campo di battaglia, dal suo battesimo del sangue, dalla sua prima vittoria; i reduci avevano sfilato acclamati nelle vie cittadine, offerto al patrono le spoglie dei ghibellini sconfitti; nel Battistero avevano giurato che anche Pisa avrebbe presto sperimentato l'acciaio fiorentino. E con tutto ciò, durante il pranzo, Pannocchia Ricciami, fratello di Lapo, si era messo a magnificare la cerimonia del giorno prima, i doni delle Arti e l'ammontare delle offerte delle corporazioni. A lui era saltata la mosca al naso, e così si era messo a inneggiare al valore dei nobili di Firenze, dei giovani che rischiavano la vita per amore della patria, una gioventù ardimentosa che al patrono, insieme alle armi catturate al nemico, portava in dono libertà e sicurezza, ben altra cosa di quei quattro ceri e del sacchetto di denari che i mercanti e i banchieri si degnavano di recare al fonte in pompa magna. C'era da chiedersi se la loro devozione al Bartista non dipendesse unicamente dal fatto che la sua immagine era impressa sul forino!

Si era scaldato e aveva alzato la voce, i convitati tacevano... La faccia di Pannocchia era diventata pao-nazza, ma taceva anche lui. La tensione era grande. Poi Pannocchia afferrò un boccale, si alzò in piedi e, tendendolo alto, esclamò forte:

«Brindiamo agli eroi di Campaldino!»

Tutti si associarono applaudendo. A quel punto, era stato lui ad arrossire di vergogna.

Come se non fosse bastato, Tana lo aveva chiamato da parte.

97

«Creino.» Era furiosa. «Imbecille!»
 Parlava sottovoce, sibilando le parole.

«Eroe di Campaldino?»
 Tana era la sola persona al mondo che avesse il diritto di insultarlo.

«Il cavallo, la sella, i finimenti, la spada, lo scudo, la tunica, l'imborrito, l'usbergo, la corazza, la soprav-veste, l'elmo...» Tana non la smetteva. «bei soldini, vero? E lo sai tu chi è stato a garantire il mutuo per comprare le armi dell'eroe? Lo sai? Te lo dico io chi è stato, è stato Pannocchia».

Nemmeno a Campaldino, quando, in arcione, aspettava terrorizzato l'urto della cavalleria nemica, aveva provato una voglia così forte di scappare.

Quella mattina, dunque, si guardava bene dal punzecchiare Tana. Anche perché i discorsi sulla festa in arrivo andavano per le lunghe, mentre lui aveva fretta di trovarsi a quattr'occhi con lei. Un'altra legge non scritta dei loro incontri domenicali prescriveva che, terminata la riunione di famiglia, loro due si ritirassero in disparte. Era il momento delle confidenze, quello più atteso, da entrambi, dell'intera mattinata. E quel giorno ne avevano di cose da dirsi!

La casa era piccola, un paio di stanze al piano terreno e altre due a quello superiore, non aveva né cortile né orto: era quasi impossibile trovare un posto dove essere soli. Siccome era una bellissima giornata, solleggiata ma non afosa, decisero di passeggiare fra il Bargello e la Badia.

Tana voleva sapere tutto del funerale di Bice. I Riccomanni, benché più che benestanti, non appartenevano alla crema cittadina, e perciò non si erano sentiti autorizzati a partecipare alle esequie. La curiosità di Tana era grande. Chi c'era? Le dame, com'erano vestite? Cosa dicevano? E i Bardi? Come si erano comportati i Bardi?

Per un po' lui aveva cercato di adeguarsi al tono leggero della sorella ma, venuto a parlare dei Bardi e dell'ignobile comportamento di Simone, non aveva potuto fare a meno di raccontarle ciò che gli aveva riferito Manetto: la sterilità, la minaccia di essere ripudiata, le umiliazioni quotidiane. Parlava alterando commozione e rabbia. Era furioso anche contro sé stesso, non si dava proprio pace di non aver capito. Per anni, seguiva a dire, aveva frequentato una santa, l'aveva detta a suo ideale amoroso, e neppure una volta aveva sospettato in cosa consistesse la sua santità.

«Avesti mai immaginato tutto ciò?» chiedeva a Tana.

«Avesti mai immaginato che razza di vita facesse quella donna?» insisteva.

Fino a che Tana non gli rispose:

«Fratellino mio, guarda che lo sapeva tutta Firenze».

Lui era rimasto senza parole, istupidito.
 Tana si affrettò a consolarlo:

« Tu sei un poeta, hai la testa fra le nuvole. È normale che tu non abbia capito... »

Visto che i suoi argomenti non sembravano rasserenarlo, continuò:

« E poi, non è stato meglio così? Avresti scritto poesie altrettanto belle se avessi saputo? »

Tana ammirava le sue poesie. Dante sarà stato anche balzano, un eccentrico capace solamente di creare problemi dovunque si trovasse, ma chi altri scriveva versi di una dolcezza che si avvicinasse anche solo lontanamente alla sua? Perfino quel Cavalcanti, con tutte le sue proteste d'amicizia, ne era invidioso. Lei invidiava Bice Portinari. Quale donna non avrebbe dato un pezzo della sua vita per essere esaltata almeno una volta così come Beatrice lo era stata tante volte da Dante?

« Io non so se tu l'amavi » concluse Tana, « ma Bice sembrava essere stata creata per te. »

« Come dimostrano gli attacchi del mio male » aggiunse lui prontamente.

Tana si mise a ridere di gusto: quel suo geniale e sconclusionato fratello era proprio inguaribile. Non c'era volta che non tirasse in ballo il suo male. E infatti lui cominciò subito a raccontare della paura di subire un attacco che lo aveva preso fin dal momento in cui Lapo Gianni era andato a chiamarlo, di come fosse certo che prima o poi sarebbe caduto, del terrore di stramazzone per terra e dibattersi sul pavimento ai piedi del catafalco... E invece non era successo. Si chiedeva come mai. Tana sapeva bene che le crisi

scoppiavano soltanto in presenza di Bice. Lui poi aveva compreso da molto tempo che la malattia era un segno, il segno inconfutabile di un legame del tutto particolare.

Di questa teoria Tana, donna pratica, non era mai stata persuasa. Ci aveva provato a convincerlo che gli attacchi epiletici non avevano niente a che fare con quella donna, ma il fratello era più ostinato di un mulo: la concimazione c'era, altroché, non poteva essere casuale; il collegamento c'era ed era profondo. Quella volta, però, Tana sembrò essersi convinta, assunse un'aria seria e con voce quasi da persona contrita disse:

« Hai ragione, mi arrendo. Ascolta, devo raccontarti una cosa che non ti ho mai detto... »

Lui non capiva cosa mai Tana gli volesse comunicare: si stava burlando di lui, ma in cosa consisteva lo scherzo? La voce della sorella aveva il tono misterioso di chi si accinge a fare rivelazioni di grande importanza, ma negli occhi le brillava una punta di amichevole malizia:

« Il tuo male è nato con Bice ».

Non cambiò atteggiamento davanti alla sua espressione interrogativa e, sempre più compresa nella parte, cominciò a raccontare.

Disse che leggere convulsioni si erano manifestate fin dai suoi primi mesi di vita, ma che queste erano degenerare in una crisi vera e propria quando aveva da poco compiuto nove mesi. Lo spavento patito quel giorno non l'avrebbe mai dimenticato. Il suo fra-

tellino agitava le braccine e le gambine come se un fuoco gli bruciasse dentro, il suo pianto era straziante; poi, all'improvviso, neanche fosse stato colpito da un fulmine, si era irrigidito e aveva perso conoscenza. La loro madre era sbiancata di paura, lo stringeva al petto come se fra le braccia avesse un piccolo cadavere. Alghiero si era precipitato a chiudere la porta e gli scuri delle finestre che davano sulla strada. Poco dopo, ma era sembrata un'eternità, il corpicino privo di vita aveva cominciato lentamente a muovere le braccia e a lamentarsi. Si stava riprendendo, e anche loro riprendevano colore insieme a lui. Fu proprio in quel momento che qualcuno bussò alla porta. Alghiero era sbiancato: doveva aver pensato che i vicini avessero udito il pianto del figliolo e che uno di loro venisse a chiedere notizie. Pensò pure che non aprire avrebbe dato la stura a un profluvio di etnachiere e che, siccome il peggio sembrava passato, tanto valeva rassicurare la curiosità del vicino. Aprì con un bel sorriso sulla faccia. In effetti a bussare era una vicina: tutta affannata era corsa ad annunciare che Gilla, la moglie di Folco Portinari, un paio di isolati più in là aveva da poco dato alla luce una bambina sana, che sarebbe stata battezzata Bice.

«Puoi ben capire» concluse Tana «quanta gioia manifestammo a quella notizia. Quella buona donna mai avrebbe immaginato la causa della nostra contentezza. Le chiedemmo di portare subito le nostre congratulazioni alla madre e al padre della neonata. Ecco, fratellino mio» e così dicendo, benché fossero per

strada, ebbe l'ardire di avvicinarsi e di baciarlo sulla fronte, «ciò che mai ti avevo raccontato. Tu non ne sapevi niente, e però hai indovinato. Sarà un dono dei poeti... Hai ragione, il tuo male nasce con quella donna.»

Aveva ripreso a ridere, come si può ridere di un bambino credulone.

Lui no, non rideva. Era rimasto di sasso. Un tuono gli era esploso in testa. Non aveva perso i sensi, ma il rimbombo aveva cancellato ogni cosa intorno a lui. Il baleno di quel fulmine in un attimo aveva illuminato tutta la sua vita. Un istante di luce, e ogni cosa aveva trovato miracolosamente posto e significato.

Aveva salutato Tana bruscamente, senza curarsi delle sue occhiate perplesse, e si era rifugiato nella chiesa di San Martino.

Le messe erano finite, sui banchi non c'era più nessuno. Seduto, con la testa fra le mani, pensava.

Adesso aveva la prova: le crisi non erano casuali. Lui lo aveva sempre intuito, e adesso ne aveva la prova. Non coincidenze, segni. Non dipendevano né da lui né da Bice. Predestinati, l'uno e l'altra, fin dalla nascita...

Era scritto nelle cose, ma lui non aveva saputo leggere. È amore? E se no, cos'è? Quante volte si era fatto quelle domande! Più se lo era chiesto e più si era perduto nelle tenebre. Aveva cercato risposte dentro di sé mentre avrebbe dovuto aprire gli occhi sui se-

gnali oggettivi, palpabili, che gli venivano dati a profusione. E così era arrivato perfino a ipotizzare che la sua non fosse che un'infatuazione mondana. Il giovane sprovveduto sedotto dai sorrisi della gran dama!

Superbia, la sua cecità era figlia della superbia. Era troppo colto, lui, troppo intelligente, troppo sottile per perdersi dietro a segnali tanto semplici. Dio parla ai bambini, alle donne, ai poveri di spirito. E gliene aveva dette di parole, gliene aveva mandati di segni! Come un maestro di scuola che non si arrende davanti all'alunno zuccone, aveva usato ora una lingua ora un'altra, ora l'alfabeto del corpo ora quello dei simboli. Non capisci il senso dell'epilessia? allora concentrati sul nove. Fai attenzione al calendario, vedrai, non è difficile...

Adesso, solo adesso, aveva compreso che non era difficile, anzi, che era di una evidenza assoluta: a nove anni aveva incontrato Bice nella casa del padre, a diciotto si erano salutati per strada, lui era di nove mesi quando Bice era nata... Che il nove fosse il loro numero lo aveva intuito da tempo. Ma come aveva fatto a non pensare che quel numero è sacro in sé, contiene per tre volte la Trinità, è anch'esso un sigillo di predestinazione? C'era voluto il racconto di Tana perché il filosofo arrivasse a una verità tanto limpida, e così profonda.

E la nuvola, la nuvola bianca che saliva illuminata dalla luna?

Non aver udito le parole del Signore lo tormentava ancor più del non aver compreso la vera natura di

Bice. Si era incaponito sui versi, ecco perché non aveva capito. E così aveva offeso anche quella santa, l'aveva usata, ne aveva fatto un pretesto per scrivere di un amore che con lei non aveva niente a che vedere. Fantastic, immaginazioni escogitate per stupire e strappare gli applausi. Guido aveva ragione: lui dell'amore non sapeva proprio niente. A sua discolpa, avrebbe potuto solamente confessare che non sapeva niente neppure di sé.

Abbassate le mani, aveva sollevato la testa e guardava l'altare. Le candele della messa fumigavano ancora. Sottili fili di fumo salivano in alto, verso la volta dell'abside, dalla quale pendeva un grande Cristo in croce, contorto come un ulivo.

Gli occhi fissi sulle piaghe del Cristo, si sentiva smarrito. Il pensiero di quanto fosse straordinaria la grazia ricevuta lo annichilava. L'onta per non averla saputa riconoscere lo prostrava.

«Domine, non sum dignus. Di' una sola parola...»
Ma quante ne aveva già dette di parole! Che altro poteva chiedere al Signore? Non si sentiva neppure in diritto di pregare...

Rimase a lungo immobile, stordito, sotto il Cristo che, muto, lo fissava dall'alto.

Poi, un poco alla volta, un pensiero cominciò a farsi strada. All'inizio, più che come idea o proposito, quel movimento interiore si manifestò sotto forma di sensazione: la tensione dei nervi si stava sciogliendo, il rilassamento delle fibre si trasmetteva all'anima. Ci volle tempo perché la vaga consolazione che ne sca-

turva si coagulasse in un pensiero: devo riparare, posso riparare.

L'intuizione, invece, fu istantanea: poteva riparare con la poesia.

Lui era fatto così: si agitava nel buio senza intravedere il più piccolo spiraglio e poi una improvvisa illuminazione rischiareva a giorno la strada da percorrere.

Avrebbe riparato scrivendo un libro.

Già lo vedeva completo in ogni sua parte. Avrebbe raccontato la storia di Beatrice e la storia delle poesie che aveva scritto per lei. Sarebbe stato il racconto dell'immenso privilegio che Dio gli aveva concesso. Lo avrebbe intitolato *Vita Nova*, vita rinnovata dal vero amore.

Le poesie per Beatrice adesso gli apparivano sotto una luce diversa. Non mentiva a sé stesso, sapeva bene di aver fatto di quella donna un angelo del paradosso unicamente per stupire il mondo con una poesia nuova. Voleva distinguersi, voleva che i suoi amici rimatori si sentissero vecchi, sorpassati. Eppure, adesso aveva come la sensazione che ciò che a lui, allora, sembrava solo una scelta di poetica rispondesse a un piano di cui non era consapevole. Percepiva che una potenza esterna lo aveva ispirato, che un soffio creatore aveva fatto di lui il suo strumento. Si convinse che Dio lo aveva guidato sempre, anche nell'errore. Piangeva di gioia, singhiozzando come un bambino appena perdonato, il cuore gonfio di gratitudine. Il Signore l'amava.

106

13

Firenze, 8 giugno 1294

Dal sedile di pietra accanto alla porta osservava il cielo sopra la torre della Castagna: era sempre più scuro, si stava coprendo di nubi nere. Si era anche alzato il vento e le nubi si scontravano in disordine.

Gli tornò alla memoria la sera del funerale di Bice.

Come allora, lampi silenziosi cominciarono a fendere il cielo.

Nel giorno dell'anniversario non poteva essere un caso. Era un segno.

Si interrogava sul suo significato, e intanto una inquietudine sorda cresceva dentro di lui. Più che un segno, quella coincidenza cominciò a sembrargli un ammonimento. E se fosse un rimprovero?

L'inquietudine, in realtà, era insoddisfazione. Per qualcosa che sentiva di avere fatto, meglio, di non avere fatto.

Quando era uscito di casa aveva pensato che un po' d'aria fresca lo avrebbe aiutato a metter insieme le idee per il giorno dopo. Ci aveva studiato, sul nove, e aveva ben chiaro cosa scrivere. Solo qualche passaggio andava ancora limato, reso più fluido. E invece non riusciva a staccarsi da ciò che aveva appena scrit-

107

to. Era ciò che aveva scritto a renderlo insoddisfatto. L'ultima pagina la ricordava a memoria. Tutto sem-brava filarvi liscio: nessuno avrebbe potuto dire che era un esaltato, un matto che aveva le visioni, uno che millanta doti eccezionali. E d'altra parte, chi mai avrebbe potuto accusarlo di essersi nascosto dietro le parole? L'equilibrio fra il dire e il non dire era quello giusto.

Ma era giusto cercare un equilibrio di quel tipo? In una materia tanto incandescente era morale cercare un equilibrio? Era insoddisfatto di sé.

Il vento adesso spazzava la strada a folate sempre più forti, e anche i lampi si erano fatti più vicini.

C'era troppa prudenza in quel dire e non dire. E c'era perfino troppa esibizione: ammirava la mia abilità, ecco cosa intimava quella pagina al suo lettore. Ma era ben altro ciò che andava ammirato...

Quella prudenza adesso gli bruciava, sconfinava con la vita. Ci sentiva l'arroganza del vile. Non capisci? Cercati un chiosatore. Con che diritto avrebbe potuto insultare i tanti Simone dei Bardi che non avrebbero capito, se in realtà lui aveva fatto di tutto per non essere capito? E per non essere capito proprio da loro, dai mercanti, dai banchieri, dai ricchi di cui temeva il giudizio. Era a loro che voleva nascondersi. E invece si nascondeva a sé stesso e a Dio.

Dante Alighieri non ha paura della verità, Dante Alighieri non svaluta i doni di Dio.

Un tuono esplose con fragore. Cominciavano a cadere le prime gocce di pioggia. Rientrò in casa.

Eccitato sedette di nuovo davanti al foglio che aveva lasciato sulla tavola. Era in preda a una specie di furore. Stava per strapparlo, quando udì la voce di Gemma. Non si era accorto che i suoi fossero rinasati.

«È tardi, mangiamo!»

Scattò in piedi agitando i pugni.

«Sanissimo Iddio! Dio e tutti i santi!»

Bestemiava senza ritengo. Era fuori di sé.

«Via, andate via.»

Né Gemma né Lapa osarono dire una parola. Giovannino lo guardava con gli occhi stralunati, sul punto di piangere.

Era arrabbiato con sé stesso. Non sopportava di sentirsi un vigliacco.

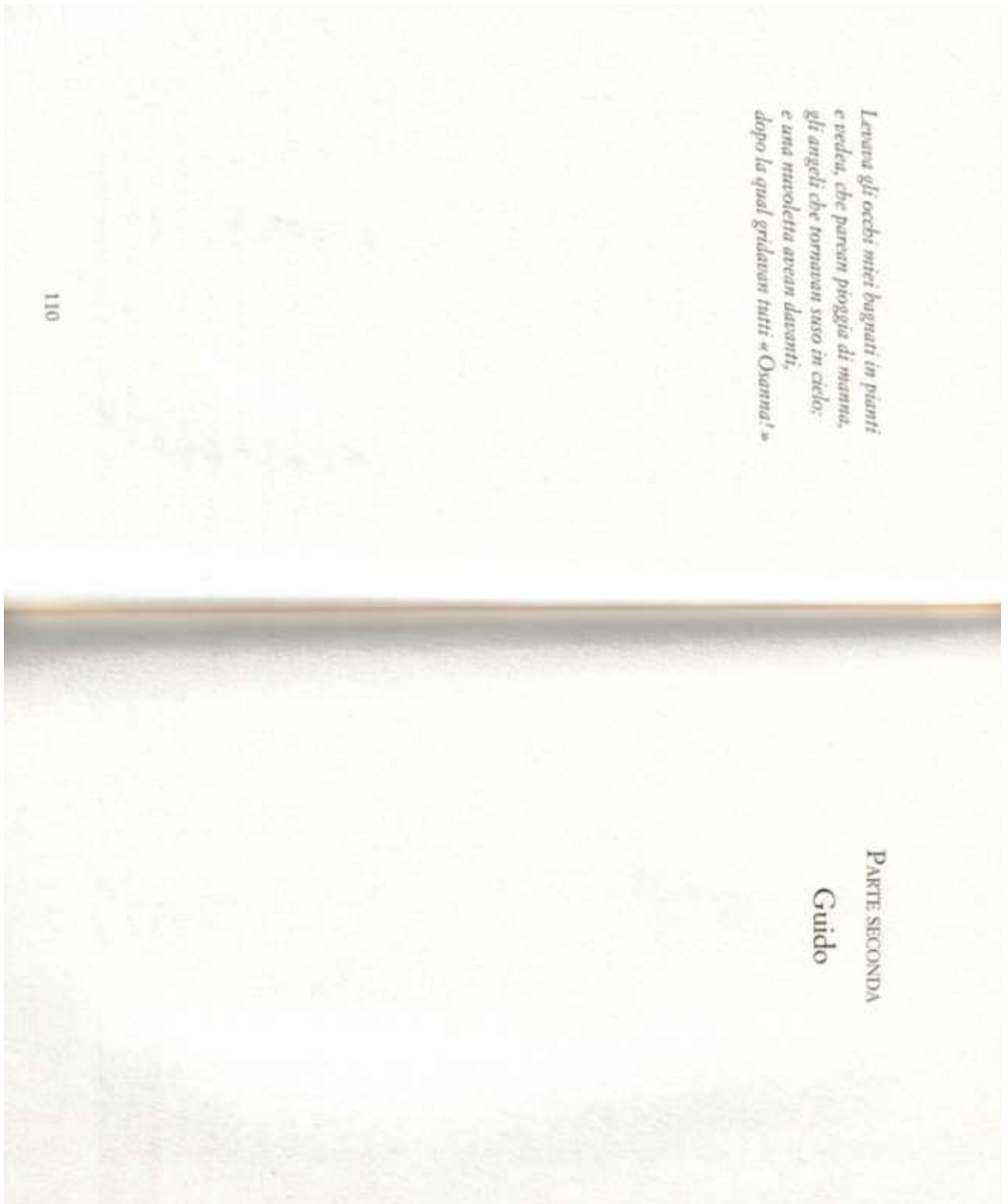
Lui, si diceva, adesso avrebbe raccontato la cosa così come era andata. I signoroni di Firenze gli chiudessero pure la porta in faccia.

Il temporale scrosciava violento. Le imposte delle finestre sbattevano.

A lui interessava solo la porta della verità. Perché la nuvola bianca che saliva in cielo lui l'aveva vista, eccome.

Senza rendersene conto aveva preso un altro foglio, immacolato.

Un getto di versi fluiva sulla pagina. Una canzone. Si stava scrivendo da sola. Una mano invisibile guidava la penna. A prendere forma, miracolosamente, era la canzone della verità, e la verità era nella nuvola:



*Levava gli occhi miei bugnati in piante
e veda, che parean pioggia di manna,
gli angeli che tornavan suso in cielo;
e una nuvoletta avean davanti,
dopo la qual gridavan tutti « Osanna! »*

110

PARTE SECONDA

Guido